

7348



ORIENTAÇÃO



"São os do Norte que vêm..."

MODERNIDADE e MODERNISMO na Arte Política

GILBERTO FREYRE

Conferência lida no Teatro São Paulo, na tarde de 22 de junho de 1946, a convite do Centro Acadêmico "XI de Agosto", da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

Aqui estou hoje, menos como sociólogo — o sociólogo que generosamente me chamam alguns amigos e até alguns inimigos — a menos como escritor — o escritor que pretendo ser desde a adolescência, não desistindo desde adolescente outro título, nem acadêmico nem de qualquer espécie, maior que o de escritor — do que como um paulista de Pernambuco, entre brasileiros de São Paulo, e como um dos muitos brasileiros de todo o Brasil, hoje convencidos da necessidade de ação ou de atitude política de quantos entre nós tenham responsabilidades intelectuais: desde o professor primário, desde o estudante de Direito ao diretor de jornal da mais remota povoação do interior. Agiro ou atitude política diante dos acontecimentos excepcionais dos nossos dias.

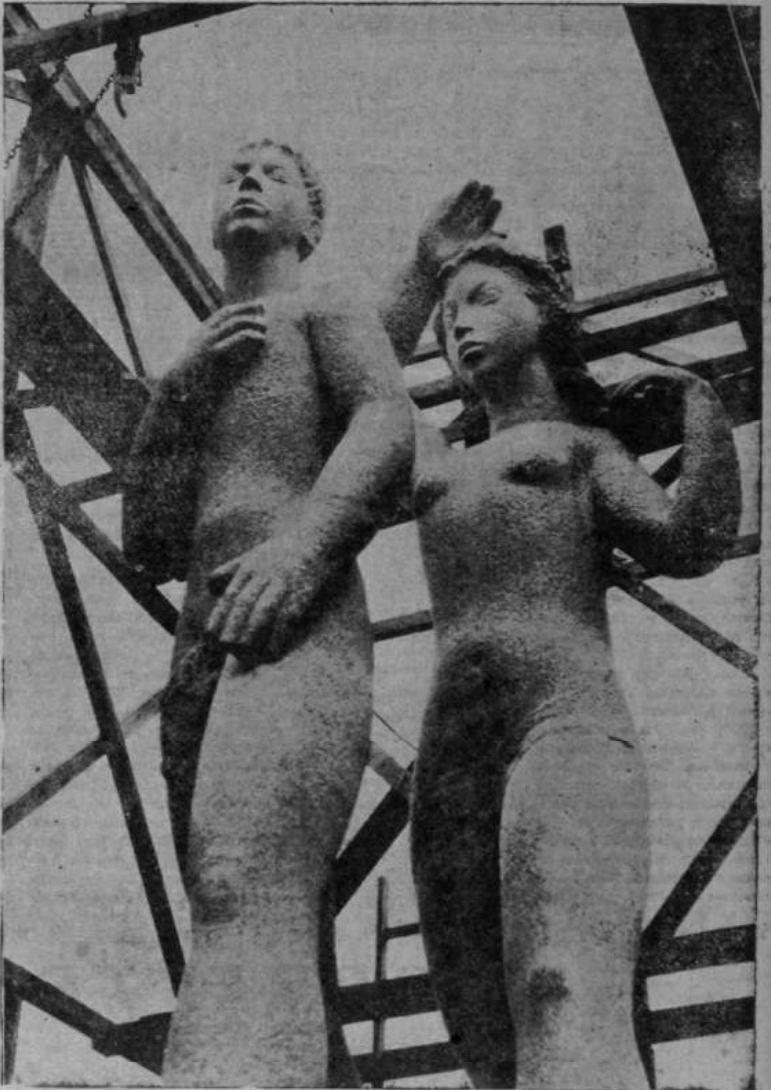
Aqui estou a chamado dos estudantes de Direito de São Paulo. Aos estudantes de São Paulo devo tanto quanto aos da Bahia, do Ceará, de Alagoas e da Paraíba, uma solidariedade que não esquecer nunca: a que me chegou nos piores dias da luta contra o estado-fortismo em Pernambuco, de todos os Estados do Brasil aquilão em que esse regime de caricatura ou essa caricatura de regime chegou às suas maiores audiências contra os homens independentes, contra os intelectuais insubmissos, contra os estudantes incomformados. A mensagem que recebi então dos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo respondi com uma carta que misteriosamente se perdeu na redação do jornal do Rio onde eu ainda colaborava e cujo diretor, intelectual e paulista, estava certo de que foi alheio a esse mistério de mal escrito romance policial. Deixei de colaborar naquele jornal como deixei na mesma época de colaborar em La Nación de Buenos Aires: no grande jornal argentino meus artigos, evidentemente à revelia de seu diretor e dos seus redatores, começaram a aparecer alterados; e essas alterações no sentido de se tornarem elogios ao "Estado Forte" do Brasil as críticas que eu costumava fazer ao mesmo regime. Governada a polícia ditatorial naquelas dias por mãos ostensivamente arianas, não posso avaliar a minha reação esse mistério; mas é certo que o polêmico do "Estado Forte" tudo fez, de todos os meios se serviu, de todas as manhas, de todas as traças, de todos os abusos de poder, para isolá-lo do resto do país e dos amigos e correspondentes estrangeiros um escritor tanto quanto possível independente. Diante dos abusos da censura policial nos correios, deixei de escrever para revistas e jornais do Brasil e do estrangeiro. Deixei também de responder cartas: tantas eram as que se estraviavam. Deixei de assinar revistas essenciais aos meus

estudos: tantas eram as que se perdiam, confundido, por ignorância ou de má-fé, tudo que fosse "sociológico" ou "social" com "socialismo", que para os policiais de um regime por algum tempo afeiçoado ao nazismo só podia ser o marxista ou o bolchevista, então detestado e perseguido por eles. Deixei de comprar livros: também estes eram objeto de estranhos carinhos policiais. O que não deixamos, minha família e eu, foi de resistir às provocações, às ameaças, às intrusões em que vivemos longos meses em nossa casa de subúrbio, cercada de dia e de noite, por agentes ditatoriais, os muros da chácara pichados uma madrugada, por eles, os portões empurrados frequentemente por eles, os amigos que se atreviam a nos visitar, seguidos por eles, insultados por eles, ameaçados por eles, agredidos por eles, inquiridos por eles, presos por eles, tudo a mando de chefes decididos a vencer todas as resistências brasileiras ao estado-fortismo. Um desses amigos era estudante de Direito e se chamava Demócrito de Sousa Filho.

Quase tudo isso se passou depois do então chefe nacional ter garantido a mim e a amigos meus, pela palavra de um dos seus secretários de confiança — já que um lamentável desastre de automóvel quase lhe tirara a fala — que eu seria respeitado de modo absoluto em Pernambuco, onde minha prisão em junho de 1942, se dera à sua revelia e contra o seu gosto. E verdade que o mesmo secretário deixara transparecer o terreno desejo do seu chefe de verme residindo confortável e quietamente no Rio como se fora do Rio já não se sentisse senhor absoluto do Brasil. E estou hoje convencido — e digo aqui aos paulistas como quem presta um depoimento de possível interesse histórico e concorre com esse depoimento para a própria reabilitação, se esta é possível, do sr. Getúlio Vargas — de que o aparente chefe absoluto do chamado "Estado Forte" no Brasil já não era em 1942 senão um resto frio de chefe, um simples e lastimável pedaço de chefe, quando muito um semi-chefe: a outra metade de poder irresponsável exerciam-na já indivíduos inteiramente sem escrúpulos, empenhados em aliar-se, pela traição, pela intriga, pela intimidação, pela mistificação, pela adulação amolecedora e de-

primente, as zonas de impotência política do ditador avelhantado e cansado, consumido pelo próprio abuso físico do poder. Esta a justiça que, estou certo, se fará um dia a um ditador vítima ele próprio da ditadura, tantas vezes semelhante ao fetiche que cai sobre o feticheiro. De modo que não fomos apenas nós, homens da resistência aos abusos do estado-fortismo, as vítimas desse sistema de devassação da saúde, da mocidade, da cultura, da economia, da inteligência dos brasileiros. Nós fomos as menores vítimas. As vítimas principais foram os próprios devastadores, corrompidos por aquilo que Lord Acton chamou a corrupção que vem do exercício do poder absoluto: uma corrupção que marca ou assinala de tal modo suas vítimas que de longe elas são reconhecidas; de longe sua presença é adivinhada. E parecendo estar ainda viva, são na verdade mortos insensíveis. Tudo que no Brasil é ainda sobrevivência do estado-fortismo é indivíduo ou coisa moralmente morta que pode empertar o ar das cidades e infectar o dos campos. É arcaísmo que fora dos museus repugna ao senso mais elementar de modernidade que possua um homem.

Entre os brasileiros de São Paulo e os brasileiros de Pernambuco sempre foram muitas as afinidades. Martius quando aqui esteve no começo do século passado destacou o fato de se encontrar entre paulistas e pernambucanos o maior número de brasileiros instruídos. Mas não vem dessa inconsistente superioridade de instrução dos paulistas e dos pernambucanos sobre os demais brasileiros — pois todos reconhecemos a superioridade em saber acadêmico maior de uma vez assumida no Brasil pelos baianos, pelos mineiros ou pelos maranhenses — a principal afinidade da gente da velha província do Sul com a da antiga província do Norte. Vem antes daquele ânimo ou gosto de iniciar, de descobrir, de renovar, de antecipar, que sendo um vivo característico dos paulistas, também se encontra entre os pernambucanos. Que fez dos homens de São Paulo e dos homens de Pernambuco os primeiros brasileiros a substituírem os portugueses no esforço de colonização do Brasil, como notou uma vez o historiador Abreu e Lima. No estorço



Monumento à Juventude, de Bruno Giorgi, inaugurado recentemente no jardim do Ministério da Educação e Saúde (Fotografia do Serviço de Documentação)

SUMÁRIO

ARTIGOS de José Gonçalves de Medeiros — Evaldo Coutinho — Abelardo Jurema — Lurlino Mota — Gentil Mendonça e Hélio Galvão.

CONFERÊNCIA de Gilberto Freyre

PALESTRA de Sotanas Rodrigues

REPORTAGEM de Aderbal Jurema

ENTREVISTA com a pintora Rosa-Maria de Barros Carvalho

POEMAS de Carlos Martins Moreira

DESENHOS de Juan Gris — Hélio Feijó e Zuleo Pessoa

Mais dos Estados — Mais do estrangeiro — Bibliografia

REPORTAGEM ILLUSTRADA sobre a Cia. Hidro-elétrica do São Francisco

de transformação da colonização do Brasil em "auto-colonização, como diríamos hoje. Paul Adam reparou nos paulistas que colheu em 1913 um excussivo desprezo por tudo que fosse passado, atraso, "em retard" e um amor talvez exagerado por tudo que fosse "avancé". Surpreendeu assim o arguto francês na gente desta parte do Brasil o pendor modernista que tem

sido aceno e excesso de tima virtude: o gosto, o ânimo, o espírito paulista de modernidade. Pendor e ânimo que se encontram também, embora menos intensos, entre os pernambucanos. No Brasil quase tudo que é manifestação de modernidade ou explosão de modernismo em política, em literatura, em indústria, em pintura, até em re-

gião e em ética, tem partido de São Paulo ou do Recife. Ou de paulistas ou pernambucanos. Nos dias de Nassau, o Recife foi um centro tão assustaloso não só de modernidade, como de modernismo que os burgueses da Holanda não conseguiram acomodar-se a tanta inovação perigosa. Um dia Nassau quase

(Continua na pag. 6)

TÓPICOS

NORDESTE

Na Porta de Saída DAS GUERRAS

Luiz Delgado

Com este número, a revista NORDESTE completa o segundo ano de sua existência. Não falaremos, neste tópico, da sua importância cultural. Ai estão os seus números para o devido julgamento.

POEMA



Quem vive assim? Quem vive assim? (Linha e beleza já choram sem-vergonha)

SUMÁRIO

Recebem os "imortais" da Província. O rímor e a admiração que provocaram os últimos sonetos de Mauro Mota, são rúbricas e admirações nacionais.

O poema "Elegia n.º 4" representa a continuação do espírito poético do soneto, tão esfaurrado pelos versificadores, com o que ele tem de vivo, grandioso, eterno e que, em última análise, é a própria emoção poética em forma gráfica.

No velho casarão abandonado viviam somente os ratões e morcegos do parnasianismo. Com o reaparecimento dos sonetos de Mauro Mota, numa fase definitiva para a sua poesia, do paradiço restam somente as suas linhas mestras que não foram e nem serão destruídas.

O resto não tem importância, é algarazra comidada, metrificada, bolor do parnasianismo.

Um jornal da beira-mar

Advertisement for 'PRAIEIRO' magazine, including the text 'UM CONVITE' and 'BOUQUET'.

O primoroso jornalzinho "Praieiro" está novamente em circulação, superiormente dirigido pelo sr. Césio Regueira Costa, da Diretoria de Documentação e Cultura.

"Praieiro", no seu formato mindinho, com as suas quatro páginas bem armadas, é, hoje, uma leitura obrigatória e instrutiva para os veranistas de Rio Doce, Ponta de Pedra, Itamaracá, Olinda, Boa Viagem, Piedade, Gaúba e outras praias pernambucanas.

ro" é o mais lindo jornal do mundo...

Mas "Praieiro" é um jornalzinho cem por cento local. Jornalzinho para ser lido na praia, à sombra dos coqueiros. Semanário da beira-mar, "Praieiro" jamais deve perder a sua característica, o seu estilo.

Fatos diversos

1 - O velho "Diário de Pernambuco" renovou seu suplemento literário dando-lhe um caráter mais localista, coisa de que muito se ressentia.

Para frente, pois, Mauro Mota e Edson Regis!

2 - Neste fim de ano estão aparecendo algumas exposições de pintura. Infelizmente são exposições que se repetem todos os anos com uma persistência de mediocridade que assombra.

3 - O Sindicato dos Professores de Pernambuco editou, em "plquette", sob o título de "Capitalismo e Democracia", um discurso do prof. Amaro Quintas pronunciado em 1948 para as aulas da Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife.

Com essa "plquette" o Sindicato dos Professores inaugura as suas edições. O trabalho do prof. Amaro Quintas merece leitura e reflexão.

Os Estudantes de Direito e a Cultura

A centenária tradição cultural da Faculdade de Direito do Recife renovou-se este ano com uma porção de manifestações estudantis das mais saudáveis e oportunas.

O professor Luiz Delgado deu um admirável e conciso curso de introdução à Sociologia, enquanto que o adido cultural francês, professor Lucien Pouessel transmitiu aos estudantes, num curso atualíssimo, os mais recentes conhecimentos da Geografia Humana.

responsável pelo grande filme "Camões", contou aos estudantes os seus projetos a respeito de um filme sobre a vida de Castro Alves, do poeta que Valdemar de Oliveira fez uma longa conferência focalizando a sua passagem no Recife. Pena é que o poeta Murilo Mendes não tivesse vindo ao Recife fazer sua anunciada conferência, nas comemorações do centenário de Castro Alves, pois perdermos um torneio interessante entre os poetas jovens da Faculdade.

A nota de destaque, pela sua enarne e acolhedora repercussão entre os estudantes, foi, sem dúvida nenhuma, o lançamento dos concursos de contos e de poesia promovidos pelo Diretório Acadêmico. Concorreram aos dois certames alunos de todas as faculdades e escolas superiores da Universidade do Recife.

NORDESTE sente-se feliz em assinalar, em rápida notícia, os principais empreendimentos em favor da cultura brasileira que os estudantes de Direito do Recife, mantendo viva e forte uma gloriosa tradição, vêm realizando com inteligência, entusiasmo e, porque não diz-lo?, com uma compreensão tão nitida das suas responsabilidades em face do legado que receberam e que, por isso mesmo, me-

recem a nossa mais calorosa simpatia.

O poeta e o Congresso de Escritores



O poeta Carlos Drummond de Andrade foi atacado ferozmente pelo jornalista Moacir Werneck de Castro pelas colunas da "Tribuna Popular". Disse, em resposta, o poeta mineiro que o ataque foi encomendado pelo P. C., isto é, pelo que ele chama de inteligência dirigida que, por sua vez, dirige a linha justa, etc. Aliás, o autor de "Rosa do Poeta" e ex-redator da "Tribuna Popular" não deu muita importância aos ataques do jornalista Moacir Werneck de Castro, tendo respondido aos mesmos no fim de um artigo sobre a fidelidade dos céus... numa nota à parte, muito sintética e sem adjetivos.

No mesmo mês e no mesmo jornal, o jornalista Eino Duarte desancava o sociólogo Gilberto Freyre que até agora não tomou conhecimento da sua "propalanda vocação policial"...



ILUSÕES EM SEQUÊNCIA

- O olho humano, ao contemplar o desenvolvimento de uma película cinematográfica, a razão de 40 figuras por segundo, conserva a impressão de cada uma destas, o tempo suficiente para que o cérebro estabeleça a ligação com a figura seguinte, dando a ilusão de figuras animadas.

- Ilusão maior, ainda, têm aqueles que julgam desobstruídas as dificuldades ante-postas à produção comercial. Meu caso, neste particular, é típico, e o único jeito é esperar na fila as encomendas semelhantes às de numerosas companhias congêneres, espalhadas pelos quatro cantos do mundo - diz "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.

PERNAMBUCO TRAMWAYS - TEL. 2141 RECIFE

NORDESTE

MENSARIO DE CULTURA Editado pela Empresa JORNAL DO COMERCIO S. A. Redação e gerência: BUA DO IMPERADOR, 468 1.º andar - Recife - Pernambuco

REPRESENTANTES:

- Estado Unidos (New York): Artur Coelho. Rio de Janeiro: José Irineu Cabral. São Paulo: Enio Silveira. Alagoas: Igor Tenório. Bahia (Salvador): Livraria Souza. Paraíba (João Pessoa): Janson Guedes Cavalcanti. Ceará (Fortaleza): Mário Albuquerque. Rio Grande do Norte (Natal): J. Gonçalves de Medeiros.

Diretor: Esmaragdo Marroquim Redator-chefe: Aderbal Jurema Gerente: Fernando Barros Lima

Número avulso Cr\$ 3,00 Número atrasado Cr\$ 5,00

- Todos os livros enviados a esta revista serão registados independentemente de crítica assinada.

- Solicitamos permuta com as publicações congêneres.



TEATRO DE BONECOS

Suzana Rodrigues

Quando eu era pequena havia na minha casa uma preta velha, uma extraordinária contadora de histórias. O seu repertório era imenso, mas entre as inúmeras histórias que contava, houve uma que se gravou fortemente na minha imaginação. Era a história do Camberé-Cumbé.

Toda vez que eu ouvia a história, ela se renovava. O bicho fantástico crescia no meu mundo de mil formas, às vezes era verde, outras vezes gordo, tinha seis fofalhas vomitando fogo, tinha um rabo do tamanho do céu. O Camberé-Cumbé possuía o condão do maravilhoso e a sua figura tomou formas e cores variadíssimas na minha imaginação e deve ter sido a mais longínqua origem do meu encantamento pelos bonecos de um teatro que eu viria a criar muito mais tarde. Foi através do Camberé-Cumbé que eu pude compreender em toda sua plenitude a queixa do menino ao Pequeno Príncipe: personagens de um livro de Antoine Saint Exupéry.

Há personagens de histórias que povoam a cabeça de uma criança de coisas absurdas e profundamente belas e como isso acontece comigo através da figura do Camberé-Cumbé, toda vez que tenho de contar uma história para crianças, é essa a minha predileta, inatigável através dela a fuga para o fantástico, para o encanto das coisas extraordinárias, para o prazer do desaparecimento, para o lirismo das modificações de cada momento. Sempre as crianças, tal como eu, acham a história linda.

E o Camberé-Cumbé toma mil formas, torna-se personagem de mais uma infinidade de histórias, campeia livremente na cabeça dos meus ouvintes que, por serem crianças, são ainda capazes de se perderem e se encontrarem nos seus mundos interiores e nos trazerem de lá, através de desenhos e enredos, coisas surpreendentes e de uma poesia imensa.

A criança desconhece o limite do ridículo e, ao ter que manifestar qualquer transbordamento de beleza, não sabe o que é a censura e não faz crítica. O seu pensamento tem freios mas tem sempre uma tendência irrefreável para o absurdo. Vem daí o interesse imediato, o encantamento mais sincero de que são tomadas as assistências um teatro de bonecos.

É porque éle vem ao encontro das suas inquietações interiores, é a realização palpável do mundo fantástico que trazem consigo.

Nas minhas excursões pelo interior do Estado de São Paulo, apresentando o meu teatrinho para crianças da roça, que raramente vão ao cinema ou conhecem o circo, é que tive oportunidade de compreender o quanto significa um teatro de bonecos para a infância.

Quando chegava, armava o palco, mandava reunir a criança, sem dizer para o que vinha e pegava-as de surpresa. De princípio, quando se abria o pano e surgia um boneco falando e gesticulando, se dirigindo a elas, era como se tivessem um choque. Não se mexiam. Algumas, os mais emotivos, trêmiam sem poder articular uma única palavra, os olhos

esgazeados, de boca aberta. Era a concretização dos seus sonhos, das suas fugas para o maravilhoso, os seus companheiros imaginários ali estavam, falando, dançando, brigando, existindo. E um pouco mais, já no meio da história, éles estavam entrosados, bonecos e crianças, num entendimento comovente. Tenho certeza que a lembrança de tais espetáculos, nunca mais há de ser esquecida e a alegria que sentiram há de ficar com éles para sempre. Considero como ponto de partida essencial para o teatro de títeres atingir sua finalidade, que a equipe responsável pela sua vida não esqueça para quem fez o teatro, se para adultos, se para crianças. Tive oportunidade há pouco tempo de assistir em Belo Horizonte no 2.º Congresso Literário Infante Juvenil, uma representação do teatro de marionetes, de Olga Obry e Eros Gonçalves. Levaram um auto de Garcia Lorca — *O tenente-coronel da guarda civil* —. Eu observava a criança. Não houve da parte dela a menor reação, a mínima demonstração de interesse pela história. Nenhuma delas conseguiu alcançar o lirismo ilimitado naquela fuga de Romeu e Julieta, de uma caixa de charutos.

O gatinho dos olhos mais ternos deste mundo, vivendo de sonhos e acreditando na poesia e nos homens também não chegou a lhes despertar encantamento. Isso porque? É que elas não tinham ainda perfeitamente buriladas as suas percepções artísticas para entenderem a poesia e o lirismo existentes nas sutilezas das representações e do tema.

Há como que uma escala cronológica no desenvolvimento cultural do homem e é só gradativamente que éle pode ir adquirindo possibilidade de alcançar e compreender em toda sua plenitude as mais altas manifestações de arte. Ao apresentarmos um teatro de bonecos para criança ou para o povo simples e ingênuo, é de grande vantagem que a representação seja de um tema conhecido ou de fácil assimilação, porque a criança só encontra interesse no espetáculo em que ela também participe e possa se tornar amiga do boneco, se metendo na história. Nada pode ser mais agradável do que se fazer teatro para uma platéia de crianças interessadas. Elas gritam, aplaudem, apertam os artistas, brigam entre si, enfim fazem parte integrante do espetáculo. Mas para que não haja uma queda de interesse pelo teatro, é de vital importância que quem fala pelos bonecos, saiba encortar no enredo da história, diálogos improvisados entre as figuras e as crianças, quando estas se dirigem àquelas, incitando-as para a luta ou provocando-as de alguma forma. Quando, num espetá-

culo de bonecos, há um perfeito entendimento entre as crianças e os artistas é comum acontecerem cenas comovidas. Xavier Vilafane, o títereiro argentino que visitou o Brasil o ano passado e esteve no Recife por alguns dias, contava sobre isso passagens deliciosas. Uma vez, ao dar um espetáculo de títeres numa cidadezinha do Rio Grande do Sul, percebeu que no meio da história as crianças começaram a apedrejar os bonecos. Ficou amargurado. Positivamente as crianças não estavam gostando. E ao terminar a peça, quando correu o pano e apanhou uma pedrinha do chão, não foi pequena a sua emoção, ao constatar que não eram pedras e sim baías que as crianças estavam oferecendo aos seus heróis. O espetáculo de bonecos pode chegar a ser um espetáculo de arte, primeiro pela sua condição especial de teatro que fascina pelo absurdo e pelo inesperado e segundo pela variedade infinita de recursos e temas que podem apresentar.

Na Rússia, o teatro de bonecos é um dos veículos mais comuns de se levar a arte e o bom gosto até o povo. Sérgio Obrelinov, o mago dos bonecos, como é conhecido, orienta o teatro na URSS, num plano de superioridade absoluta e não há lenda ou história popular russa que já não esteja adaptada, musicada e representada nos teatros.

São comuníssimos os teatros de títeres feitos por crianças russas. Fernand Léger, o grande pintor francês, também faz experiências com um teatro de bonecos, mas as suas pesquisas se dirigem para um outro ponto e são realmente extraordinárias as suas figuras surrealistas executadas nos mais variados processos em estanho, lata, mola. No seu Ballet Mecânico os bonecos nos apresentam afeitos de ângulos, efeitos geométricos e mecânicos verdadeiramente surpreendentes. Nos Estados Unidos os teatros de bonecos estão hoje em grande moda, como uma das melhores maneiras de se recrear e edu-

car a criança que lá perdeu completamente o interesse pelos cinemas deixando de frequentá-los em grande escala. Sobre isto foi feita uma pesquisa interessantíssima entre milhares de americanozinhos e numa lista infundável de consideirações engraçadas uma houve que sistematizou a razão da crescente repulsa das crianças pelo cinema.

— Não gosto de ir ao cinema, porque nos filmes só há mortos e sangue e as crianças não gostam de sangue.

No livro de *Puppets and Poppets Studios* podemos encontrar tudo quanto se faz pelo mundo dos bonecos. Vamos encontrar os três teatros de bonecos mais importantes universalmente empunhados em pesquisas revolucionárias que poderão ser aproveitadas pelo teatro propriamente dito.

O de Bram, de Munich, o teatro de Pjocool de Roma e o maior de todos, o insuperável teatro de Richard Teschmar de Viena. No Japão, o teatro de bonecos tem tal importância que para o japonês se tornar títereiro, tem que cursar uma universidade por longos anos, tanto quanto um médico ou um engenheiro. Não podemos também, falando de teatros maravilhosos, deixar de citar os Piccolis de Podococa, na Argentina e dentro em breve teremos oportunidade de apreciar os seus esplêndidos bonecos num filme que virá ao Brasil com o título "*QUANDO AS PALAVRAS MORREM*".

Mas ao lado dos teatros de bonecos realizados por famosos artistas num plano essencialmente artístico, podemos colocar os teatros de títeres realizados por crianças. E se naqueles vamos encontrar obras já concretizadas, nestes vamos descobrir tendências novas e promissoras de possibilidades extraordinárias.

Digo isso credenciado pelo trabalho feito com crianças de alguns pequenos parques infantis de São Paulo. O teatrinho oferece meios de se manifestarem

as tendências desconhecidas em cada criança, através de inúmeros centros de interesse que apresenta.

- 1.º — O enredo da história.
- 2.º — A criação dos tipos e modelagem das cabeças.
- 3.º — O desenho das roupas e cenários.
- 4.º — A execução dos vestuários e cenários.
- 5.º — A marcação.

Temos reunidas a necessidade da ficção ou imaginação da pintura, do desenho, da modelagem, da habilidade manual e da declamação para que um teatrinho possa surgir. Ao fazermos teatro com crianças precisamos, para começar nosso trabalho, aplicar testes de inteligência e percepção. Assim conseguiremos tomar conhecimento das possíveis vocações de cada uma e ao subdividi-las em equipes, temos como objetivo o rendimento total no trabalho, pois cada criança está colaborando e dando o possível das suas capacidades, fazendo o que gosta e que pode realizar. E iniciarmos o nosso trabalho devemos pô-las inteiramente à vontade para que se desembarassem e ponham à mostra suas idéias. Devemos tratá-las de igual para igual, acatando com o máximo de condescendência as suas sugestões, muitas vezes pueris e sem interesse. E só assim, rompida uma certa timidez, natural em toda criança, poderemos começar a colher o que existe de criador e ambicionado em seu espírito.

E nos surgem então, as sugestões mais inteligentes, as idéias mais originais e inesperadas. Depois que uma cabeça foi modelada e está seca, há necessidade de outros complementos para terminá-la: a pintura, os olhos, os cabelos etc. e a contribuição das crianças neste terreno é espantosa. Sugereis as coubas mais interessantes e desbaratadas. Para figurar como olhos, por exemplo, elas lembram usar vidrilhos, contas de colar, grãos de arroz, feijão ou milho, botões de roupa, pedras de lata, missangas, botões de sapatos. Para os cabelos, lançam mão de mil matérias como, arafia, a juta desfiada, o algodão, a lã de novelo, palha, pelos, serragem (por sinal chamo a atenção sobre a serragem, pois ela usada como barba ou cabelo é de efeito surpreendente), e algumas crianças toam os cabelos para oferecerem as mechas ao boneco de sua predileção. Os figurinos imaginados por crianças são deliciosos e o que primeiro nos surpreende é o atendimento com que exigem cor. Outra observação curiosa, as crianças só criam roupas extravagantes e nunca vistas. E aqui mesmo no Recife, poderemos constatar a veracidade dessa observação, se consultarmos os desenhos das crianças, alunas do curso de Lúlia Cardoso Aires.

Os vestidos que vamos encontrar são maravilhosos e inteiramente desconhecidos da nossa visão Clóvis Graciano, um grande pintor de São Paulo, confessou em uma entrevista que copiou de desenhos de crianças todo o guarda roupa para o *Ballet da Parana por uma Infante morta*. Lembro-me de uma menina que sugeriu uma vez para a heroína de uma peça uma pequena grinalda de flores naturais, outra nos trouxe um colar feito de tampas de garrafas e outra ainda colou no vestido da Princesa uma porção de figuras coloridas que ela recortara das revistas por achar bonitas. Uma então idealizou para a Fada, não um vestido de fazenda, mas um vestido de cór.

Dei aqui um pequeno exemplo de muita coisa que aprendi com as crianças. E faço então uma pergunta, a primeira da sabatina. E ou não possível fazermos teatro com crianças?

O que diremos da Universidade de Bonecos da Austrália, cuja finalidade é instruir e descontinuar para as crianças os segredos do manejo e confecção de bonecos?

E os 500 teatrinhos de títeres movimentados e impulsionados por crianças da Argentina?

E assim, de tentativa em tentativa, de experiência em experiência, chegamos ao grande dia da inauguração.

E confesso que assisti, emocionada, ao espetáculo realizado pelas minhas crianças. Marcação, troca de cenários, e cuidado da cortina, os diálogos improvisados, tudo perfeito. E a nota lírica da estréia foi a sugestão de uma velhinha de oitenta e tanto anos, emprensando um relógio com caixinha de música, para ouvirmos o "Danúbio Azul" nos entreatos.

Termino a minha palestra, mas quero frisar que tudo quanto aqui li foi fruto do meu trabalho e da minha perseverança. Detesto a patriotada, mas amo profundamente a minha terra e a minha gente e considero uma grande missão a de se produzir e levar algo de belo para o povo.

Com a maravilhosa simplicidade de um teatrinho de bonecos, podemos impregnar nas grandes massas o sentido da beleza e medida da poesia. Ele é um grande veículo de educação e de cultura e devemos utilizá-lo e difundi-lo.

Confio nos rapazes que se propuseram a essa empreitada e espero saber que dentro de muito pouco tempo surgirão dez, vinte, cem teatros de bonecos espalhados pelos asilos, pelas escolas, hospitais e presídios do Recife.

Palestra pronunciada nas sabatinas promovidas pelo Teatro do Estudante de Pernambuco.



Bonecos de Vilafane

Notas a lapis sobre CASTRO ALVES

José Gonçalves de Medeiros

O título de "Notas a Lapis" tomou-o emprestado a Tobias Barreto, para que no curso destes escritos não pudesse fugir a um confronto entre a sua personalidade e a de Castro Alves.

E verdade que embora eles não tenham chegado a se identificar, pelo menos identificaram uma época agitada, não somente na cidade do Recife como em todo o Brasil. Uma época de instabilidade política, social e econômica, não muito diversa da atual, nem de menores apreensões.

Em convivência com o mesmo grupo de amigos, preocupados com idênticos problemas culturais e empenhados ao mesmo tempo na conquista do que poderemos denominar de "principado da inteligência", ambos se destacaram na vida do Recife, "sem abrir sulco próprio", é verdade, mas deixando um "rumor próprio", para usar de expressão de Hermes Lima referindo-se a Tobias (*).

Não é possível reproduzimos ou interpretarmos fielmente a reação que os espíritos destes dois moços ofereceram postos em contacto com os fatos políticos, sociais e intelectuais da época, e confrontados um com o outro, perseguindo em dados momentos o mesmo vaidoso fim, cortijando, ambos desmedidamente, a popularidade.

Para isto parece-nos pequena ainda a distância que nos separa daqueles dois personagens mais românticos, em certos aspectos, que propriamente românticos.

A perspectiva que já podemos ter para julgar algum dos acontecimentos históricos e sociais é ainda um tanto imprecisa para os personagens que atuam na poesia e na prosa da metade do século XIX.

A ressonância de certos gostos e formas parece que se perde inteiramente dentro das gerações que as usam e exercitam, ou se produzimos interpretações suas chegaremos à fidelidade emocional que elas tentaram ou conseguiram atingir.

Fica, portanto, bem claro que a nossa opinião neste sentido está sempre sujeita à revisão, como estará sujeita a falhas e até mesmo erros, não obstante estarmos vivendo uma época onde muitos dos nossos consideramos "melhores e maiores escritores" não fazem da crítica sinal um imprudente exercício apologetico e dogmático.

Afonso Arinos de Mello Franco, ocupando-se do problema do "choque de raças" entre nós, afirma que "também Castro Alves, quando, na sua invocação a Palmira, a que ele chama a "Diana Selvagem", a "Amazônia Guerreira", canta a rebelião heroica dos escravos revolucionários, ou quando, no "Navio Negro", rememora os sofrimentos sem igual deste crime nefando que era, aos seus olhos românticos, o tráfico (no fundo uma imposição econômica), não vê mais que o negro, e não os negros. (*) Logo depois considera que o trabalho intelectual agindo por síntese e não propriamente por análise, é infalivelmente impreciso, daí resultando que "os trabalhos literários ou artísticos brasileiros que no século passado aproveitavam o índio e o negro como motivos, não eram reflexos nem expressões do problema afro-índio, tomando no seu complexo verdadeiro e próprio. Não definiam nem esclareciam este problema, sob o ponto de vista histórico, isto é, sob o ponto de vista da sua influência na formação brasileira."

"Aquelles trabalhos eram reflexos e expressões de outros problemas — o nacionalismo e a abolição — e somente a estes poderiam servir de contribuição. (**)

Postas, por assim dizer, entre dois fogos, os poetas da geração condoreira ficaram sujeitos inevitavelmente a uma espécie de oscilar, ora entre as amarguras, melancólicas, inquietações de Byron, Musset e Shelley, ora envolvidos pelo calor dos "Châtiments" de Victor-Hugo, que entre nós encontrou o campo fecundo do abolicionismo. E tão importante foi a sedução exercida por este grande francês que a ele Castro Alves se refere em "Sub Tegmina Fagi", como

"Mestre do mundo, sol da eternidade!"...

Creemos, portanto, que os trabalhos de Castro Alves e Tobias não eram apenas "reflexos" e "Expressões" da abolição e do nacionalismo, como quer o sr. Afonso Arinos.

Eram sobretudo, o fruto de uma como que orientação universal da poesia e da arte. Uma orientação abrangente, é verdade, mas de responsabilidade geral e de enormes implicações para os que estavam postos contemplativamente ante o corpo morto de Werter e sibilantemente em convênção de que o seu coração apodrecia como uma víscera qualquer.

Apagavam-se as luzes do subjetivismo romântico e em meio ao novo clarão os poetas e pensadores entravam como que desorientados.

Mas, no nosso caso particular se faltou objetividade ou definição por o problema dos negros, a culpa cabe muito mais a Tobias Barreto que a Tros abolicionistas que ao poeta.

Havia, como que uma pressa de libertar os cativos, pela qual tanto foram responsáveis os nossos poetas, pois a situação de penúria que criou para a raça infeliz, a situação do trabalho servil, foi bem mais grave.

Libertaram o negro e não libertaram seu trabalho. Fizera a revolução moral e humanitária e esqueceram da social. Foram generosos e caridosos, mas não atingiram a solução socialmente justa. E o escravo que apanhava, trabalhava e depois ia dormir medianamente alimentado, agora tinha também que tirar esmolas ou roubar.

Tobias Barreto perdera espetacularmente para Castro Alves o duelo poético, não obstante a superioridade de sua cultura. Esta é também a opinião de Ronald de Carvalho: "Tobias Barreto mais ponderado no seu lirismo, porém menos eloquente, mais universal na sua inteligência, porém menos grandioso como poeta, foi cédo vencido pelo juvenil e cobizado rival". (*)

Crítico e investigador quasi genial, podia ter ele concentrado suas faculdades no estudo das consequências da extinção do trabalho servil. Podia muito bem ter servido de desbravador do caminho que o Brasil ia percorrer. Mas, o mulato sergipano alimentava sua cupidez, queria ser também um nobre, crescer e mandar. Quería plantar raízes de aristocrata e adubá-las com bagaço de cana de açúcar, já por si tão amargada pela rega do suor dos pobres negros.

Preferíamos não ter que dizer esta verdade de Tobias, mas o fato é que ele fugiu ao bom combate pela emancipação dos cativos, não sei se pelo complexo de homem pardo ou se pela habilidade de querer ser um bastardo de sorte. Fugiu ao problema sem que hoje se possa ao menos alegar em seu favor uma só atenuante. E podemos afirmar mesmo que não se esquivou apenas do "perigo da síntese" — como diria Afonso Arinos — esquivou-se, sobretudo, ao próprio perigo do negro e dos negros. Tocou de leve na injustiça de seus sofrimentos, disse muito de seu entusiasmo pelos oprimidos, mas não tomou posição firme como Castro Alves, posição clara e ostensiva, não atacou, não emprestou, todavia, à campanha abolicionista nenhum concurso, permanecendo perante a mesma entre indiferente e hostil" (**).

Como observa Hermes Lima.

Pagaria bem caro o sibiritismo de Escada e o alheamento do qual pensou que havia de tirar o proveito de uma vida burguesa. Sua carta a Silvio Romero, poucos dias antes de morrer, tem um acento doloroso de necessidade, quasi de miséria:

"Como estou reduzido a proporções de pensionista da caridade pública, e me fala nisto em sua carta, peço-lhe que dê pressa à entrada das contribuições de sua lista, visto como os meus últimos recursos estão se esgotando". (**)

E ingánuo que em sua obra há uma viva cóp de povo, principalmente no admirável "Discurso em Mangas de Camisã" pronunciado na fundação do "Club Popular" da Escada, mas não há, como na poesia de Castro Alves, cor nem mágoa de negro. Ele foi mais um pensador cuidadoso de problemas administrativos e econômicos, foi mais um filósofo que um lutador, e é imperdoável que os negros escravos estejam ausentes de suas cogitações, negros que muitos de nós ainda hoje, como que sentimos vivos, perambulando pelo Cais do Apolo, carregando Senhoras-Donnas em palanquias pelas ruas tortas da Estrada Real do Póço da Panela.

la, siados e lustrados como cavalos de carroça, cansados de chicotadas e mal tratados e sentindo ainda dentro do peito, a saudade desesperada da África, o chamado remoto de "atabaques" no sangue, um arrepiar de cabelos, os olhos brilhando quasi loucos, um impulso selvagem inútil para a rebelião, e a saudade extravasada na monotonia das "macumbas".

Esta paisagem social diante da qual Tobias cruzou os braços, faria no entanto com que Joaquim Nabuco, já vitorioso, "trocasse a vida diplomática pela advocacia dos escravos", como ele confessava em "Minha Formação", porque diante de tal quadro tudo perdia o sentido para o grande pernambuco de Massangana, para avaliar apenas a necessidade da "identificação humana com os escravos".

Este preço que Tobias Barreto pagou ao desejo de incorporar-se às esferas dominantes, no dizer de Hermes Lima, Castro Alves não quis pagar, ou melhor; não estava em seu temperamento de girondino, como o chamaram, ser poderoso, mas derrubar e combater poderosos. E esta exclamação bem define o grande agitador:

"Ó soberba população
Rebento da velha Raça,
"Dos nossos velhos Catões,
"Lança um protesto, ó Povo,
"Protesto que o Mundo Novo
"Manda aos tronos e às Nações"

Aqui ele generaliza seu sentimento e sua revolta, dirige-se aos tronos e às nações e não a um trono de uma nação; é a voz dos negros e não de um negro só.

Com este temperamento de luta é que ele venceu Tobias Barreto. Não se recolhê a comodidade calculista de um gabinete, nem manobrou na sombra à cata de um bom casamento, antes se atirou à praça

"A praça, a praça é do povo
"Como o céu é do Condor."

E Ele era cem por cento povo, entregando-se ao amor proibido, ao amor escandaloso. Afrontou os mais estreitos preconceitos daqueles anos de mil novecentos e tanto. Foi gravado pelo "index" da sociedade daquele tempo, embora muitas "madames" e "mademoiselles", de seus ricos camarotes, olhasse e aplaudissem o poeta com mais lascívia do que as esfíridas artistas nos seus desarrumados camarins.

Imponente espetáculo há de ter sido aquele em que os dois moços mais inteligentes da época se defrontaram no Teatro Santa Isabel, um tomando o partido de Adelaide Amaral (Tobias Barreto), outro empenhado no defesa de Eugénia Câmara (Castro Alves), atrizes de papéis principais de uma peça de grande sucesso.

O contendor de Castro Alves era a este tempo a maior figura do Recife. Assim o apresenta Jorge Amado: "A Faculdade está cheia de Tobias Barreto, do seu verbo, da sua boemia, da sua cultura. O sergipano dedilha violão e sabe latim. Todos os extremos se tocam nesse filho do árido sertão de Campos, nascido do povo, marcado de complexos, para quem a vida é uma subida, uma dura subida. Ex-

professor, ex-seminarista, já longe da adolescência, arrastando já na cauda do seu nome um monte de histórias e de lendas, improvisando mais versos e bons discursos, devorando livros e mastigando com fortes dentes a cultura mais nova da sua época, desconfiado e orgulhoso, homem da Faculdade e homem do botequim, trazia preso à sua complexa personalidade o entusiasmo dos estudantes em busca de um leader. (*)

Tobias Barreto, senhor de grande talento, é quem lança o desafio:

"Sou grego, pequeno e forte
"Da força do coração,
"Vi de Sócrates a morte
"E conversei com Platão;
"Sou grego; gosto das flores,
"Dos perfumes, dos rumores;
"Mas minh'alma ainda tem fé,
"Meus instintos não emsago,
"Não sonho, não me embriago
"Nos banquetes de Frinés..."

O rumor dos aplausos interrompe as últimas palavras do suposto grego, mas do outro lado levanta-se Castro Alves e numa referência velada às infidelidades de Adelaide Amaral, diz apenas dois versos que replantam e emsagam a pretensão do inteligente sergipano:

"Sou hebreu, não beijo as plantas
"Da mulher de Putifar..."

Talvez esta espécie de desafio tenha ferido profundamente a alma sensível de Tobias Barreto e pode ser muito bem que por causa desse incidente poético nunca mais tenha se aproximado de Castro Alves, diante de quem estava perdendo tudo: amores, prestígio popular de inteligência, e até mesmo a seriedade, nos artigos de crítica.

Mas, esta referência a um incidente da vida amorosa do poeta, não veio aqui sino em face da relação que apresenta com Tobias Barreto; o que queremos é procurar em alguns poemas do jovem baiano preocupações que demonstram não ter sido, ele tão sintético e temna refletido e exprindido o problema afro-brasileiro, "tomado no seu complexo verdadeiro".

O clamor popular, o entusiasmo das massas pelas campanhas cívicas, o trabalho metódico e arduo de meetings, tudo isso que de certo modo agitou a participação do poeta nas campanhas pelos direitos dos homens negros, está distante quasi um século de nós. Não nos será possível prever até onde aqueles movimentos deformaram os atos dos que neles atuaram, a não ser pelas informações de contemporâneos, menos que pelas narrativas históricas, feitas mais com ânimo "patriótico" do que com ardor propriamente patriótico.

Joaquim Nabuco, a figura que consideramos mais simpática e eficiente, mais talvez que Patrocínio, pelo muito de pessoal que abdicou para se entregar de corpo e alma ao trabalho da abolição, já a procura de "outra província de sol interior"; (*) deixou-nos alguma escritos importantes donde se pode concluir que uma força maior que o simples entusiasmo momentâneo unia e impulsionava os abolicionistas.

Quanto à sua formação política é ele que confessa na obra citada acima: "Com efeito, quando entro para a Câmara, estou tão inteiramente sob a influência do liberalismo inglês, como se militasse às ordens de Gladstone; base é em substância o resultado de minha educação política: sou um liberal inglês — com afinidades radicais, mas com aderências whigs — no Parlamento brasileiro. Esse modo de definir-me será exato até o fim, porque o liberalismo inglês, Gladstoniano, Macaulayano, perdurará sempre, será a vassalagem irresgatável do meu temperamento ou sensibilidade política; no entanto, depois do primeiro ensaio, a feição política tornar-se-á secundária, subalterna, será substituída pela identificação humana, com os escravos, e esta é que ficará sendo a característica pessoal, tudo se fundirá nela e por ela. (**)

Tomando Nabuco por paradigma da geração, e o que de fato foi, vemos que as "afinidades", "aderências" e "vassalagens" com o passado não se quebraram fortuitamente para a mocidade dentro da qual atuou Castro Alves, poeta oficial, por assim dizer, da reintegração de dois milhões de escravos à um sistema de vida mais humano.

Todas as classes, soldados, padres, operários, magistrados e até os próprios senhores dos negros, aderiram de pronto ao movimento, evitando assim que a campanha originasse um conflito como na América do Norte. E a pressa com que se realizou a abolição, sem tempo sequer para um estudo melhor da maneira de distribuição e remuneração do trabalho em sua nova modalidade, é responsável pela acusação do sr. Afonso Arinos de que o problema era olhado como sendo do "negro" e não "dos negros", pois ninguém ignora que o desenvolvimento da economia nacional naquelas condições chegou a determinar a queda da própria monarquia.

(Continua na pág. 14)

Mala dos Estados

A crítica e o romance em Natal

RIO GRANDE DO NORTE — Embora todos reconheçam a posição privilegiada do escritor Luiz da Câmara Cascudo, os novos estão trabalhando ativamente para que o Rio Grande do Norte não fique reduzido a essa grande e notável figura de escritor da provincia.

Agora mesmo Antônio Pinto de Medeiros está escrevendo um romance: *Povo de Pedra*, e incentivado pelo prêmio que conquistou no Concurso de Poesias da Faculdade de Direito do Recife, vai publicar o seu primeiro livro de poemas. Antônio Pinto de Medeiros, amazonense de nascimento, saiu de um convento, unia deses para estudar Direito no Recife.

Hélio Galvão, de quem NORDESTE vem publicando trabalhos de fôlego, é tabelião no interior do Rio Grande do Norte.

José Bezerra Gomes, autor do romance "Por que não se casa, doutor?", está escrevendo um longo e documentado romance sobre o algodão. Na vida comum é promotor público de uma cidadezinha de seu Estado.

O escritor e poeta Américo de Oliveira con-

tinua militando, todos os domingos, na crítica literária através do "Diário de Natal", acompanhado de perto pelo jovem escritor Veríssimo de Melo, estudante, que tem publicado admiráveis ensaios sobre o folclore infantil no jornal "Democrata".

Um jovem agrônomo, sr. Osvaldo Lamartine, está escrevendo uma série de artigos sobre a vida do indígena nordestino. Enquanto isto seu pai, o ex-governador Juvenal Lamartine está com dois livros prontos. "Aspectos Econômicos e Vida Política do Brasil" e um livro de memórias. A atividade intelectual do sr. Juvenal Lamartine, aos 70 anos de idade, é o traço mais saudável do movimento cultural deste Estado. Semanalmente o ex-governador realiza conferências sobre assuntos de interesse social e político para o seu Estado.

O jovem deputado José Gonçalves de Medeiros, premiado no concurso de monografias sobre Castro Alves pela Diretoria de Documentação e cultura da prefeitura do Recife, está concluindo o seu segundo romance. Até agora não revelou o título do primeiro e nem quer publicá-lo.

MODERNIDADE e MODERNISMO na Arte Plástica

surrealmente anunciou aos reflexos que ia fazer um boivo. E no fim de oito anos de arrojadas experimentais do condado — um europeu do Norte enajorado do trópico — desembarcaram-se aqueles burgueses volúptuosos de um dos maiores volúptuosos do modernismo na arte política e na arte da administração que já floresceram na América. Desde então parece ter ficado no pernambuco o posto de modernidade às vészes extremado em furor modernista. 1710 foi um movimento modernista, século de sentido republicano; de tendência vivazmente anti-luiziana. 1817 foi outro. 1824, ainda outro. A "revolta praieira" também: anti-luizista e ao mesmo tempo antifederalista. O pernambucano Álvares de Lima pôs o espírito de aventura que se fez soldado de Bolívar — foi um modernista em suas idéias e atitudes. Ao morrer no Recife em 1856 teve que ser sepultado no Cemitério dos Ingleses; a Igreja Católica, pelo seu bispo em Pernambuco, considerou-o hereje. A chamada "Escola do Recife" foi modernismo do mais puro. O germanismo no direito, na literatura, na filosofia, no capitalismo do mais cru. A "poesia científica" de Martins Júnior, modernismo do mais louco com aparência de lógico. O abolicionismo de Joaquim Nabuco, não datou de uma das manifestações mais saudáveis de modernidade em arte política que já houve entre nós. Tanto que não se extremou sequer em republicanismo; o modernismo político em que tantos paulistas e pernambucanos do fim do século passado se exageraram, com o positivismo como um quase-cubismo que deixou na própria bandeira nacional sua marca.

Dos paulistas seria supérfluo recordar-se, pois a literatura é frente, no Brasil, de movimentos de antecipação, de inquietação, de segregação pelo novo, pelo diferente, pelo moderno. Nos mais remotos dias da colonização os índios pelos índios, os rebeldes desta parte da América. Ainda no século dezoito, um padre paulista, quis voar. Outro padre paulista, Diogo Antônio Feijó, foi quase incondicionalmente modernista em suas idéias de político e de padre. O republicanismo foi em São Paulo que primeiro se sistematizou como modernismo político. Em 1922, o modernismo brasileiro nas artes e nas letras seria um movimento principalmente paulista.

Paulistas e pernambucanos se confundem em vir sendo no Brasil os brasileiros de espírito mais constantemente moderno e às vezes mais exageradamente modernista. Mais de uma vez têm sido corrigidos em excessos de aventura intelectual ou política, industrial ou estética, pelo espírito de docura na conciliação do extremo da conciliação do extremo; docura — tão do temperamento dos mineiros quanto da índole dos paulistas. Eles, balanos e mineiros, são os maiores e os mais antigos mestres de arte política no Brasil; nos paulistas e pernambucanos, somos com os homens do Rio Grande do Sul e de outras áreas, eternos aprendizes dessa arte. E por sermos eternos aprendizes, honestamente é maior do que o dos mestres para as aventuras de inovação, de experimentação, de renovação e até de revolução, sem as quais não se compreendem modernismo nem mesmo modernidade.

Admiramos os mestres; mas isto não quer dizer que nos conformemos em que a arte política deva ser exercida apenas, ou quase exclusivamente, por eles. Deve ser exercida também por aprendizes ou discípulos de modo a serem os mestres influenciados pelas aprendizagens, os excessivamente tradicionalistas pelos exageradamente experimentais, mesmo quando estes sejam mais modernistas do que modernos em seu espírito ou em sua técnica de inovação ou experimentação. Feito isto, teremos mais condições para, mais maduramente, fazer as compensações: aquela que se obtém pela interpenetração de antagonismos ou pela reciprocidade de influências, sempre tão útil na arte política. E a fiação dos ingleses, maiores mestres nessa arte do

que os próprios balanos ou os próprios mineiros. Dando-se o direito de concluir que feliz é o povo que, como o brasileiro, tem balanos e mineiros por mestres e paulistas — pernambucanos por aprendizes de arte política.

De São Paulo, por ter sido e por se ainda provincial brasileiro por excelência da aventura, das bandeiras, da inovação, da experimentação, da renovação e, por conseguinte, do modernismo nas artes, inclusive na política — zona em que esse modernismo já chegou em teoria até a essa espécie de autonomismo desvairado ou de estudaísimio enlouquecido que é o separatismo; de São Paulo não se diga, numa generalização rígida, que só tem dado à política brasileira aprendizagens, uns de gênio, outros sem gênio. Pois brasileiro nenhum pode esquecer-se de que a política brasileira dos Gushmões, dos Andradas e dos Prados, vários dos quais têm sido em política antes mestres que aprendizes; dois dos quais foram talvez os mais altos e completos homens públicos que a América portuguesa já produziu: Alexandre de Gusmão e José Bonifácio.

Não precisamos procurar seus nomes para com eles formular uma tese porque não são nomes que alguém precise de procurar quando fale de arte política ou de completos homens públicos que a América portuguesa já produziu: Alexandre de Gusmão e José Bonifácio.

Pois o modernismo implica em considerar-se perfeito um momento que é o fim do moderno; em pensar um homem ou um grupo na adoração desse momento considerado todo ou quase todo insuperável; em sistematizar-se e até identificar-se com aquele momento. Foi, seguramente, Martins Júnior com a poesia que chamou científica. São Paulo teve entre seus homens públicos um modernista típico que foi o sábio Pereira Epicuro e, seguindo, também, com tanto brilho em alguns dos seus excessos por Eduardo Prado, o anti-modernista extremo. E quem fala em São Paulo e em modernismo, em geral tem de referir-se mais demoradamente ao "modernismo" na literatura e nas belas-artes que aqui se tornou escandaloso e revolucionariamente em torno de Mário de Andrade, de Anita Malfatti, de Guilherme de Almeida, de Tarsila, e de Oswald de Andrade: movimento considerável de renovação das letras e das artes que, entretanto, envelheceu depressa pelo fato de se ter contrariado e sistematizado em um tempo de adoração do que fôra apenas um momento ou um instante — instante didático, libertador, revolucionário, violentamente anticadêmico — na vida do brasileiro criado com muita gramática ou com excessivo respeito pelas academias.

Toda adoração dessa espécie se torna, quando passa de um instante, a própria negação daquele critério de modernidade, presente e vivo na obra intrínseca de tudo que de todos que, sendo modernos, não são nunca modernistas de seita. Adoração do que vigorosamente se desembarçou Mário de Andrade no fim da vida e de quem cedo se libertaram Tarsila, Di Cavalcanti e o admirável mestre de modernidade que é Oswald de Andrade, com o seu incessante andar experimentado, mas também incessante vigilância, não só crítica como autocritica. Essa vigilância não permitiu que fosse sistematizado seu modo de escrever num modo de escrever necessariamente antimaterial e calculadamente modernista. Desde 1922 que Oswald de Andrade escreveu de um modo novo mas não fatalmente novo; sem aquelas suas manúscritas que só os iniciados compreendem e admiram noutros "modernistas" hoje arcaicos. Sem abuso de "hoteours", de sentenças enunciativas; com a linguagem dissimulada; exageradamente delicados. O mesmo estubo certo que teria acontecido a

(Continuação da 1.ª pág.)
 Antônio Alcântara Machado como amadureceu Oswald de Andrade, no escritor moderno, e não simplesmente modernista, que prometia ser. E não nos esqueçamos de Ronald de Carvalho, de Manuel Bandeira, de Carlos Drummond de Andrade, de Sérgio Buarque, de Prudente de Morais Neto, de Tristão de Ataíde, de Menotti de Fichia, de Cassiano Ricardo, de Rodrigo M. F. de Andrade, de Afonso Arinos de Melo Franco, de Emilio Moura, de Tasso da Silveira, de Flávio de Carvalho, de Aníbal Machado, para só citar esses. Para esses, ou para alguns desses, o modernismo, apenas na aparência é que foi um simples jogo de inteligência para o desenvolvimento de tantos inquietos em modernos e modernos saudáveis que são ainda hoje. Ninguém, entretanto, mais incessantemente moderno no Brasil dos últimos trinta anos que o ex-modernista, e ex-antropofagia, e creio que de ex-marxista de seita, Oswald de Andrade, que proclamou arte própria, numa das melhores páginas do seu Ponta de Lança — a página 122 — ter sido dos



Juan Gris: Retrato de Pablo Picasso

que salvaram o sentido do "modernismo" com a "antropofagia". Isto é, com um movimento post-modernista de superação do modernismo já meio oficial de Mário de Andrade; ter sido dos que caminharam sempre, e decididamente, "para o futuro". Ainda caminha. E poderia ter sido mais exato e ter dito que concorreu para salvar o sentido moderno do "modernismo" brasileiro, Oswald de Andrade foi, na verdade, dos que salvaram o sentido modernista "do modernismo no Brasil"; dos que cedo se dispuseram a salvar o movimento iniciado em São Paulo em 1922 de permanecer apenas seita modernista; dos que cedo se empenharam em salvá-lo de permanecer apenas literário ou estético; dos que cedo procuraram não só pela palavra como pela ação acrescentar-lhe sentido social e denso; do sentido social, sentido político. E esse sentido político, o democrático. Por tudo isso ele é como ninguém dentre os sobreviventes do modernismo paulista de 22 um modernista no sentido de qual nenhum post-modernista sente esse não sei quê de desconfortável que nos comunica a presença de um indivíduo intrínseco e de tentativa no seu modernismo de novidade ou de seita, no seu modernismo já superado por outros modernismos de que ele, entretanto, modernista parado, não

sema sequer conhecimento, conservando todos os caceteiros, todos os modernismos, todos os característicos de sua seita anticaracterística de sua seita anticaracterística e escrevendo pelos sinais malditos dessa seita. Oswald de Andrade conserva do "modernismo" de 1922 o que havia de revolucionariamente e permanentemente moderno no movimento, do mesmo modo que um grupo de homens, hoje já, de meia idade e alguns até de idade avançada, chamados "tendências", conserva na política brasileira o sentido revolucionariamente e permanentemente moderno do moderno do tenentismo de 22, de 23, de 30, seu sentido ético e político de ação renovadora. E o que se salva dos ismos quando os ismos encontram Oswald de Andrade e Juracy Magalhães que os salvam: seu sentido de modernidade que é também um sentido de continuidade criadora.

Através dessas aproximações ao assunto creio ter, em parte, sugerido o necessário sobre a distinção a termos em vista entre modernidade e modernismo. O problema me parece que é psicológico e sociológico e não o mesmo em qualquer arte. O mesmo, psicológico e sociologicamente, na arte política que nas artes plásticas, por exemplo. Em todas as artes os modernistas passam e os mo-

dernos ficam. Onde me ter aventurado uma vez a comparar um conhecido sistema de arte política com um conhecido sistema de arte plástica, para ilustração do que seja modernismo em oposição a modernidade em qualquer arte. Nessa comparação é que insistirei hoje, dentro, aliás, do critério sociológico de análise das artes plásticas como manifestação da mesma cultura que produz a arte política ou a arte industrial ou a arte da burocracia, já adotado, em curioso trabalho, por um dos mais notáveis críticos paulistas dos nossos dias: Professor Sérgio Millet, no seu ensaio Marginalidade da pintura modernista. Marginalidade das artes plásticas porque, para o Professor Sérgio Millet, as artes plásticas e a música avançada, nas épocas de transição como a nossa, não que a economia ou a política. "na análise" de encontrando "a expressão certa do mundo novo", ultrapassariam o "estágio do público, mesmo da arte", perderiam, há destracismo da "cultura em formação". E ficariam em estado de marginalidade: rejeitada pela civilização superada e incompreendida pela civilização nova em formação. Enquanto a arte política — desprezando-se, creio eu, das palavras do crítico paulista — não seria assim, não conheceria esse conflito, não

experimentaria esse drama, pois, segundo o Professor Sérgio Millet, "políticos, economistas, administradores, mesmo os mais avançados, vivem de conflitos e de concessões".

Será certo que as artes plásticas e a música se afastem tanto pela sua intrínseca, da arte política, da arte industrial e da arte de administração. Será que estas artes podem ser caracterizadas pelo excesso de concessões em que vivem os políticos, os economistas, os administradores? Ou não sofrerão todas as artes — a música, as artes plásticas, a arte política, a industrial, a de administração — todas elas, para o sociólogo, manifestações de cultura diversas apenas na qualidade e, por conseguinte, sujeitas, nas épocas de transição, e mesmo após as épocas de marginalidade) os efeitos do mesmo processo de modernização? Modernização dos seus primeiros avanços quase sempre exagerada em modernismo; depois a quietude, porém não estagnada, em si e criada, modernidade, obtida, parece que invariavelmente, à custa de concessões ou conclusões entre o novo e o velho, entre o impeto revolucionário e a inércia inevitável ou a tradição irredutível, seja esta a que se encontra na política ou na economia, nas artes plásticas ou na música, na dança ou na própria arte do modernista. Pois não nos esqueçamos de que há uma parenta pobre das artes mais ilustres muito amada dos ricos e chamada "moda"; e como lembra um ensaísta dos nossos dias, João Payró, é a moda que articuladamente se antecipa em anunciar o que as outras artes exprimem menos visivelmente ou menos candorosamente: o fim de uma época, de uma civilização, de um mundo que antes isto do que a intrínseca absoluta de umas artes e a transição excessiva de outras que se passa mais ou menos com todas as artes em face do processo de criação. Na fase de transição de cultura, esse processo parece alcançar a umas artes mais rápida e violentamente do que a outras, sem deixar, porém de afetar a todas, de tornar-se, para todas, instável, de a todas alterar em suas formas que, entretanto, nunca se estabilizam em formas intrínsecamente novas: terminam sempre atuando como guardadamas de coisas das antigas, por algum tempo consideradas pelos fanáticos do modernismo renovador, abomináveis, nefandas, intragáveis, intoleráveis. Um desses fanáticos foi comparado a muitos bem comparado a Saverio. E' claro que nem de longe pretendo dar hoje ao assunto o desenvolvimento que ele merece; nem ser eu o mais competente para fazê-lo. O que trago a meus amigos de São Paulo é uma simples "nota prévia" que talvez venha a desenvolver um dia em ensaio ou estudo. Pois o paralelo de desenvolvimento entre as artes ou as várias manifestações ou exteriorizações artísticas ou quase-artísticas de cultura, sendo assunto já enfrentado magnificamente por um mestre da altura do Professor Sorokin, em ainda aspectos virgens a ser explorados ou considerados. E de nós talvez seja esse da arte política ser menos diversa do que parece em seu processo de modernização — sempre contrária do pelo de regressão ou de conservação — da arte da dança ou da arte da arquitetura. Até às artes plásticas, há tantas e tantas essas artes manifestações de uma só; a dança da vida. E o certo é que em todas elas depuramos com períodos de modernismo que são também períodos de anatismo. Ou de revolucionarismo "heróico", puro, ortodoxo.

O cubismo foi decreto, nas artes plásticas, um desses períodos de fanatismo ou de revolucionarismo "heróico" que na arte política é ainda através do pelo marxismo-comunista. Pois está tendo deixado de ser "heróico" na Rússia, ou para os russos, continua a ser para a nossa gente. E a Rússia ainda a supõem em fase heróica de intrínseca marxista, de ortodoxia revolucionária, de purismo fanático. Porém não há na arte política tais períodos de fanatismo tendem a prolongar-se mais do que nas artes plásticas, sem que deixem de haver semelhança nos seus modos de formação, nos

seus métodos de desenvolvimento e nos seus efeitos de ação. Os historiadores do cubismo destacam o fato de revelar de pontos de contato com a arte sem figura humana de Islam, atribuindo alguma essa afinidade à circunstância de terem sido dois dos seus principais criadores, Picasso e Gris, "filhos da Espanha" que alguém já chamou "inquistorial e moura". Mas não se esqueçam de recordar que o movimento foi étnica e culturalmente heterogêneo nas suas origens, embora principalmente espanhol (elemento representado por Picasso), francês (elemento representado por Braque) e eslavo (elemento representado por Apollinaire). Ora, quase o mesmo se tem dito do marxismo: também ele revela pontos de contato com uma cultura antiga e ébria; com um sistema sacramental religioso; o dos profetas do Velho Testamento. Ao mesmo tempo agriram sobre sua formação e sobre seu primeiro desenvolvimento elementos nacionais diversos: o alemão, o francês, o inglês, o eslavo. Entretanto, um e outro foram, ou continuam a ser, revoluções internacionais e duas das maiores revoluções internacionais de todos os tempos.

E é interessante, do ponto de vista sociológico, assinalarmos coincidências entre os dois movimentos, isto é, entre suas formas, seus métodos, seus processos de criação. Não há um estabelecido, quer nas artes plásticas, quer na política social, está até certo ponto, obra de arte política. São métodos diversos tanto do expressionismo como do anarquismo, duas outras coincidências que tocam e até pedem estudo sociológico. Ambos o cubismo e marxismo — surgiram desenvolvendo em uma agressão à ordem estabelecida e aos valores dominantes. O cubismo querendo tudo nas artes plásticas reduzido a formas geométricas simples, a formas apenas estéticas, a uma ordem essencial mental, a volumes puros, a linha justa, a exemplos como que didáticos de uma nova gramática da pintura, da escultura, da arquitetura. E o marxismo também, em sua primeira impeto foi substituir uma gramática de arte política por outra violenta e inteiramente nova. Cubismo e marxismo aprendendo a trabalhar como "cientistas" como "matemáticos", como "anti-românticos", quando na verdade foram criadores ou sistematizadores seus como Apollinaire ou como Marx, como Picasso e como o próprio Engels, homens antes românticos que matemáticos, antes poéticos que científicos em sua formação, em seu temperamento, em suas concepções da vida e dos outros homens.

O estudo de Marx como poeta está feito magistralmente por um dos maiores críticos do nosso tempo, Edmund Wilson, num ensaio, Finland Station, que recomendo à melhor atenção dos estudantes paulistas; o estudo de Picasso como outro grande poeta do nosso tempo está igualmente feito, em páginas sugestivas, por Joan Merrill também em um livro, e por outro espanhol, Ramon Gomez de la Serna, para quem dentro de Picasso há quatro homens lutando e estimulando-se: "o mudejar, o mourisco, o universal românico e o espanhol". Essas coincidências de culturas e mais do que de homens, dentro de um indivíduo só, tendem sempre a produzir antes poetas do que lógicos, antes profetas do que cientistas. Marx, segundo outro dos seus intérpretes mais lucidamente críticos, o Professor Lewis Mumford, procurou esconder sua "visão apocalíptica de profeta judeu" sob a aparência de pesquisa severamente estatística. Esta, e "cientificou" seu esquema antes filosófico, que científico, de sociologia ou de economia política, de "ciência", para "esconder até de si próprio suas profundas solitações emocionais e sua atitude essencialmente religiosa diante do destino humano". Dues qualidades que dariam aquele esquema semi-científico "o poder de atrair após si, dos deprimidos e dos desesperados dentre os homens da massa".

Não terá Picasso sido semelhante a Marx neste ponto? Não terá sido um homem para quem

(Continua na pág. 18)

SUGESTÃO DE UM SOCIOLOGO

Luciano Nota

Sumário — Sugestão de Gilberto Freyre não aproveitada pelos intelectuais cearenses. Pontos obscuros de nossa história social: a tradição do adjunto, a divisão sexual do trabalho nas fazendas de criar; o problema da miscigenação do cearense, com a possível participação do judeu e do judeu; influência das técnicas e culturas francesas através dos colonos artífices mandados engajar pelo presidente Alencar; as tentativas fracassadas de mineração nos Cariris-Novos. — Impossibilidade do esforço isolado para levantar o perfil sociológico da região. Criação de um centro de estudos regionais, onde se conjuguem as competências especializadas.

CEARÁ — Em conferência aqui pronunciada, há mais de dois anos, sugeriu Gilberto Freyre aos intelectuais e homens de ciência cearenses a fundação de um centro de estudos sociais ou regionais, onde se promovesse, com um caráter eminentemente objetivo, o estudo sociológico desta região. Estudo sociológico principalmente dos traços e complexos de cultura, que dão ao Ceará fisionomia própria na paisagem social do Brasil.

Dos traços e complexos de cultura vinculados à área que habitamos, estão a merecer um estudo sistemático e minucioso certas formas tradicionais de cooperação, — formas de que o cearense, na opinião daquele escritor, possui a tradição e o gênio e de que é o adjunto a expressão mais concreta.

Gustavo Barroso, a quem devemos talvez as melhores páginas sobre as populações sertanejas do Nordeste, encarece o valor dessa instituição que tem, no Ceará, uma de suas zonas de persistência. Salienta o autor realista de "Terra de Sol" que, entre a gente do sertão, não concorrer aos adjuntos e não dar notícia de grãos sumidos são pecados tão mortais quanto negar água ao viajante sequeiro.

Parceira-nos, no entanto, que essa tradição do adjunto vem dia a dia empalidecendo e com o correr dos tempos perdendo muito de seu caráter de cooperação e reciprocidade de serviços. Já não se fazem raras os agricultores pequenos que exigem em dinheiro a paga dos trabalhos que prestaram.

Atribui o autor do "Nordeste" grande importância à atualização dessa forma de cultura luso-americana: o seu aproveitamento no interesse da reorganização do Brasil sob base econômica mais democrática que a atual. Ela aí uma tese que escapa às limitações deste trabalho e de seu autor, mas que permanece como um desafio à tenacidade e ao desvelo do pes-

quisador e analista social. Não só essa tese como outras. Principalmente aquelas que, esclarecidas por uma crítica orientada por métodos objetivos, nos ajudem a levantar o perfil físico-sociológico do cearense.

A divisão sexual do trabalho, por exemplo: traço de cultura ainda subsistente nas fazendas de criar e que se nos afigura um sobrevivente indígena. Divisão de trabalho observada pelos selvagens, entre os quais era a cunhã o valor técnico e econômico, por excelência. A ela estava entregue quase todo o trabalho agrícola, incumbindo-lhe ainda o de dentro de casa. Revela-nos Lery que os índios homens quase que não faziam outra coisa que ir à guerra, à caça e à pescaria, fabricar suas armas e enfeites de penas. Guardadas as devidas proporções, não nos parece muito diverso o papel representado pela mulher do vaqueiro, numa fazenda de gado; é quem fabrica o queijo, auxiliada pelas filhas ou por alguma moradora vizinha, no alpendre de sua casa rústica e sem conforto. Aos seus cuidados também estão as miúças (ovelhas e cabras) e a criação medida (patos e galinhas); a ela a rotina da casa, o preparo da comida, o cuidado dos meninos. O vaqueiro, quando os tempos correm bonançosos, leva vida descuidada e simples, "quase ociosa", no depoimento autorizado de Tomaz Pompeu Sobrinho, cientista cujas investigações conscienciosas, completadas por trabalhos de campo, continuam a obra exaustiva de inventário desta região, iniciado pelo Senador Pompeu e prosseguida por Thomaz Pompeu da Sousa Brasil.

Outro problema que está a pedir o interesse do estudioso é o da miscigenação do cearense, em cujas combinações étnicas há indícios de terem participado os elementos cigano e judeu. Participação uma e outra que, ao lado da aptidão anedeja dos aborígenes, bem poderiam explicar o nomadismo e o espírito de aventura que são o traço dominante do "complexus" cearense, independente dos flagelos climáticos que impõem periodicamente a deslocação de grandes massas da população rural. Sobre o primeiro elemento, a história colonial registra que, por ordem régia, se encaminharam para o vale do Jaguaribe levadas e levras de ciganos degredados do Reino. Ciganos que o cientista George Gardner, — botânico inglês que perlostrou ao sertões cearenses, — foi encontrar arranchados no sopé da serra do Araripe, nas imediações do Crato, sujeitos, maltrapilhos, de cabelo moreno. Havia entre eles moças e rapagões bem bonitos, ocupados como sempre os homens em comprar, vender e barganhar cavalos, e as mulheres em deitar cartas e ler a "buena dicha". Dos cavalos dos zingaros, insinua Gustavo Barroso,

cujas análises realistas e objetivas antecipam os modernos estudos regionalistas, — dos cavalos dos zingaros talvez descendam o cavalo sertanejo que inspirou a José de Alencar e Euclides da Cunha páginas de rara beleza, que andam hoje vulgarizadas nas antologias. Sôbrio e angustioso, pequeno e andarilho, a montaria é bem a imagem do desgraçado D. Quixote que a cavalga — o D. Quixote das caatingas — e como é ostentando uma tenaz resistência aos sofrimentos e às provações.

Quanto à participação do judeu, há que admitir a possível influência da Inquisição, das garras de cujo Tribunal muitos israelitas fugiram não só do Reino, como de Pernambuco e Bahia, pois que até aquelas partes da América Portuguesa se estenderam as visitações do Santo Ofício, para receber confissões e denúncias. Registra a crônica que judeus foram presos em Icó e Quixeramobim, — talvez por pecados tão graves como privar-se de carne de porco e guardar fidelidade a outros preceitos de Moisés.

Outro ponto pouco estudado ainda a ferir: a possível influência de técnicos franceses, em nossos usos e estilos tradicionais. Influência exercida através de artífices e colonos atraídos, em virtude de leis sancionadas pelo presidente Alencar — estadista bem inteirado dos problemas regionais, administrador dotado de realismo e espírito público, cuja ação infelizmente foi sobremaneira prejudicada pelas lutas partidárias, estereis e violentas, que ensanguentavam a Província — leis como a de 14 de Setembro de 1836 que autorizava o engajamento "em Saint-Cloud de 50 colonos adestreados na factura de estradas. Em 1838, chegavam a Fortaleza 16 artífices franceses, à mesma época em que Recife acusava uma colônia grande de franceses, entre os quais se podiam contar o engenheiro Vauthier e o médico Theberge, tendo aquele deixado um diário que serviu de tema a Gilberto Freyre para o seu "Um engenheiro francês no Brasil". Theberge veio a fixar-se mais tarde nesta Província, enfocou-se em pesquisas históricas, legando-nos uma obra hoje considerada clássica no seu gênero.

Não dispensa também uma investigação cuidadosa, secundada de trabalhos de campo — se ainda possível for — a fracassada tentativa de mineração, que atraiu aos Cariris-Novos levras consideráveis de aventureiros oriundos das Capitâneas vizinhas, notadamente da Paraíba. Levras constituídas talvez, na sua maior parte, de mestiços de índios, com taras acentuadas de vadiagem, homens evidentemente inaptos para o esforço e sedentariamente que exige o trabalho fixo e rotineiro da lavoura; aventureiros

que viam, nos trabalhos incertos de exploração das minas, a possibilidade de enriquecimento fácil e rápido. Tal, porém, foi o incremento tomado pelos trabalhos de mineração, executados por aqueles aventureiros à revella da Corá, que, em 1753, El-Rey houve por bem designar o povoado de Missão Velha para residência do Ouvidor, lá estabelecendo oficina e casa de inspeção, todo um aparelhamento burocrático de arrecadação do imposto do quinto para a Fazenda Real. Aí também se postou uma força respeitável para impor respeito a homens sem lei nem rei, que acorriam em bandos indiscriminados nos pontos onde se praticava à larga a mineração.

Até que ponto tais explorações influenciaram a paisagem física e social daquela área é o que importa saber. Ainda quando nenhum sinal deixassem, as denominações conferidas às localidades de Lavra, Fortuna e Morros Donados, onde mais se intensificou a busca do ouro, ficariam a atestar o sonhar ardente do eudorado cariense. Ilusões e esperanças que certamente os conservaram cada vez mais distantes da realidade, mais inadapitados ao ramerame diário da lavoura e da criação.

Não é, pois, difícil concluir-se que muito há que estudar, pesquisar e inventariar. Sobretudo inventariar. Neste setor do inventário da região, merecem referidas as tentativas do Instituto do Nordeste, com seus inquéritos de caráter objetivo.

No Ceará, onde não abundam elementos para a história baseada em documentos escritos, impõe-se a utilização em larga escala do inventário, — meio de estudo em geral adotado entre sociedades primitivas.

Como é de ver-se um trabalho de tal monta excede as forças de um só pesquisador; está a reclamar a colaboração sempre mais íntima das "competências especializadas", a que alude Gilberto Freyre. Eis porque se impõe a instalação de um centro de estudos regionais, onde se conjuguem os esforços isolados dessas competências especializadas que, apercebidas dos novos métodos de investigação, com a ajuda da psicologia, antropologia e história social, da sociologia genética e do "folk-lore", ficarão em condições de proceder a sondagens metódicas, interpretação e análise do material inventariado.

No entanto, uma reserva prudente é a atitude com que devem ser acolhidos os que empreendem o estudo da sociologia regional para defender teses preconcebidas, à teorização daqueles propagandistas sectários referidos por Djacir Menezes, interessados em sacar pretensões gúeiros e exemplos de lutas heróicas, a fim de "construir" a tradição revolucionária. Há que conservar-se o pesquisador distante dos apelos sentimentais e seduções doutrinárias, sem o que jamais conseguirá fazer triunfar seus pontos de vista exclusivistas.

Aqui, cabe pôr em relevo a contribuição trazida pelo professor Djacir Menezes ao estudo ecológico desta região. Seu formoso ensaio sobre a formação social do Nordeste apresenta a tentativa mais vigorosa de interpretação do nordeste do pastoreio, do cangaço, do Padre Cícero, do bel santo, dos boatos do Caldeirão, — ensaio a que falta, no entanto, salvar muitas de suas páginas mais felizes, aquela simpatia pelo assunto, aquele "leite de ternura humana", de que estão impregnados os melhores trabalhos de Gilberto Freyre.

Os vencidos da vida

PORTUGAL — O movimento editorial português continua forte no gênero crítico-biográfico. Livros de ensaios e biografias romancadas são as últimas novidades literárias. Esses livros, de preferência, focalizam a figura do romancista Eça de Queiroz e dos seus companheiros do grupo dos "vencidos da vida". Por ocasião das comemorações cervantinas a imprensa lisboeta publicou muitos ensaios sobre o Quixote e seu autor, don Miguel de Cervantes.

1 — O escritor Júlio de Sousa e Costa acaba de escrever e publicar "Ranhalho Ortigão — Memórias do seu tempo". São 220 páginas o volume "onde muito se fala dos 'Vencidos da Vida', segundo a crítica portuguesa. Enquanto o livro do sr. Júlio de Sousa e Costa está despertando interesse pelas revelações curiosas a respeito da vida de Ranhalho e seus companheiros, o sr. Gentil Marques publicou uma biografia romancada de Eça de Queiroz, seguindo uma orientação à Stefan Zweig. É um grosso volume de 440 páginas, romance que val "desde a meninice atormentada do menino bastardo até ao último momento do grande Mestre da Literatura Portuguesa".

2 — O estudo mais exaustivo do ano, o "Camilo Romântico", do sr. Alberto Xavier, com 543

páginas, vem precedido de um estudo das origens e da evolução do romantismo. É o sr. Alberto Xavier um esforçado crítico e biógrafo de Camilo Castelo Branco, assunto que há muitos anos tomou conta de sua vida.

3 — A Livraria Civilização, do Porto, está reeditando as obras completas de Júlio Diniz, organizadas e apresentadas pelo prof. Egas Moniz, da Academia de Ciências de Lisboa.

4 — O "Jornal do Comércio", de Lisboa, noticiou com muita simpatia o aparecimento de NORDESTE nas livrarias portuguesas.

Constantino Fedin

URSS — A publicação "Cultura Soviética" estampou a seguinte crônica biográfica sobre Constantino Fedin, autor do romance "A Cidade e os Anos". Constantino Fedin é um dos melhores escritores soviéticos da primeira geração. Seus livros foram traduzidos em muitas línguas, e há 20 anos que o seu nome é conhecido no estrangeiro. Fedin manteve uma amistosíssima correspondência com Roman Rolland, Stefan Zweig e outros famosos escritores contemporâneos.

Fedin viveu uma vida rica em acontecimentos. Começou a sua educação em Saratov, grande cidade comercial do Volga. Fez os seus estudos superiores em Mos-

Mala do Estrangeiro

cou. A guerra de 1914 e 1918 surpreendeu-o na Alemanha onde permaneceu detido como prisioneiro civil de guerra. Regressou à Rússia depois da Revolução e iniciou uma grande atividade literária em jornais, editoras e centros educativos. Como a maioria dos escritores russos atuais, Fedin correu a sua vida literária sob a direção e influência de Maxim Gorki. Depois de uma entrevista com o grande escritor consagrou-se plenamente à literatura. Ao mesmo tempo viajou pela União Soviética e diversos países da Europa. Na obra de Fedin dominou sempre o tema das relações entre a Arte e a nossa época, assim como a aspiração para uma humanidade melhor.



A crítica literária latina

ITALIA — Dos jornais italianos sobre o livro "Aqui não se descansa", do escritor italiano Indro Montanelli:

"CORRIERE D'INFORMAZIONI"

"... o leitor não tem tempo de pensar em tais locuções

arrastado, como é, pelo envol-



ESTADOS UNIDOS — A poeta brasileira Haydée Nicodussi em companhia da sra. Artur Coelho, num recanto aljardado da casa do jornalista paralaense Artur Coelho, em Hackensack, Est. de New Jersey

vente interesse da narrativa, pois o autor é dos que nos seguram com mão poderosa, não nos permitindo sequer respirar enquanto não se chegou ao fim; o leitor está, de fato, ansioso por chegar ao fim, mas ao mesmo tempo, a cada página que vira, sente, com pena, que o fim se aproxima rapidamente e que seu prazer está para acabar com o livro".

(Fernando Palazzi)

"OGGI"

"... Montanelli desenvolveu a apologia do 'homem cinzento', inimigo de Garibaldi, mas amigo da verdade como ele concebia a verdade; e por isso fala aberta e corajosamente, defendendo-a com o acusar-se dos seus próprios erros sem se envergonhar dessa acusação... A narrativa de Montanelli tem a característica de derivar de um comentário claro e, ao mesmo tempo, com segunda intenção — mas, acima de tudo, claro — e nas suas páginas se projeta,

imediatamente e evidente, uma experiência concreta".

(Edilio Rusconi)

"DOMANI"

"... As páginas sobre a guerra da Abissínia e da Espanha e da Albânia são de trágica força. É um exame do fascismo feito por quem passou através do fascismo; é um exame imparcial e mais abertamente diria que é um exame feito da forma exatamente oposta à maneira pela qual gostariam de conduzi-lo, dentro de esquemas por eles já preestabelecidos, certos anti-fascistas profissionais".

(Giancarlo Vigorelli)

"CHROMACHE"

"... Um livro destinado a provocar muito ruído nos meios literários e políticos..."

(Pietro Bianchi)

"COSTUME"

"... É um livro amargo, extremamente porque é um livro honesto. É certamente o testemunho de uma geração. Algumas páginas parecerão irreverentes; entretanto, não é apenas irritante mas também técnica..."

Poemas do Mar

(Continuação da pág. 11)

Cantando baixinho,
Baixinho, baixinho,
Canções suavíssimas
Com as ondas do mar.

As virgens bellissimas
Nuinhas, nuinhas,
Baillaram, baillaram,
Nas ondas do mar.

VII

Ah Estrela do Mar!
Ah Estrela do Mar!
Com a luz da aurora
Quem te encontrará?

Nas bancas de mármore
Há poemas perdidos,
Nas bancas de mármore
Há pintura perdida,
Tanta arte esquecida
Na Estrela do Mar!

Quem a encontrará?
Esta arte perdida

Ah Estrela do Mar!
Rólos de fumaça
Brincando no ar,
Rólos de fumaça
Baillando no ar,
Perdidos, perdidos,
Sumidos no ar.

A fumaça azul
Quem a prenderá?

Ah Estrela do Mar!
Marinheiro loiro,

Caindo de bêbedo,
Cantando cantigas
Estranhas cantigas
De terras longinhas
Ficadas por lá.

Para aquelas terras
Quando voltará?
Ah Estrela do Mar!
Pálidas prostitutas

Sendo redimidas
Por homens tão tristes
Que não podem beber,
Que não sabem cantar.
Pobres homens tristes

FILOSOFIA E TECNICA POLITICA

GENTIL MENDONÇA

FALTA-NOS um entendimento mais ou menos claro a respeito dos grandes problemas da hora presente. Esse fenômeno resulta da ausência de interesse, que caracteriza o homem comum sobre as questões mais sérias.

Encontramos tais lacunas na própria Europa, onde predomina, hoje como nunca, uma mentalidade exclusivamente política. Somente os que constituem a elite espiritual da Sociedade são capazes de um recolhimento, em busca das verdades. Mesmo assim, se a colheita dessas verdades não se entremostra com absoluta clareza à compreensão das maiorias, o efeito de seu descobrimento torna-se, imediatamente, limitado, quanto ao seu êxito.

Daí, a repercussão que encontram certos credos de natureza objetivista e criteriosamente política. E mister atender que o povo somente aceita a Ciência deglutida através de drágeas políticas. Assim, a política tem de ser o revestimento sugestivo que poderá atrair as maiorias. E, efetivamente, o resultado é surpreendentemente satisfatório.

Faz-se, dessa maneira, um processo de cientificação popular, a par de outro sistema de cientificação que não é do povo. Apresenta-se às massas a primeira face desse mesmo sistema, enquanto que, para os eleitos intelectualmente, fica resguardada a outra face propriamente científica do mesmo sistema.

É uma interessante operação ideológica. Não é com facilidade que um ho-

mem, mesmo medianamente inteligente pode entender o complexo das teorias materialistas da História. Nem mesmo os que se dizem "leaders" desse movimento, com raras exceções, estão a par das sutilezas e raciocínios que envolvem as leis dessas filosofias. Aceitam-nas mediocremente, impulsionados muito mais pela atração demagógica do que por convicção científica ou "espiritual", conforme seja o sentido que se empreste a espírito.

Quem tiver dúvidas sobre isso, peça a certos entusiastas do marxismo, por exemplo, uma explicação sobre a lei da mais-valia, com todas as suas interpretações e aplicações científicas. Creemos que seria proporcionar um momento de desagradável emoção a outrem, o que não nos parece justo.

Mas, peçam-lhe uma exposição sobre os efeitos da revolução social. Então presenciaremos luxo de detalhes.

A crítica não tem alcance individual: em todas as partes do mundo, o fenômeno é o mesmo. E não foi senão prevenido essa desaprovação entre a Ciência e o homem-vulgar, que, os pregadores e reformadores apresentaram ao povo um sistema político com duas faces: uma científica e outra demagógica.

Falou-se, até, na popularização da Ciência. Não é nada demais, pois alguém já foi mais longe: Proudhon sufragou o princípio da popularização da Filosofia. Não deixa de ser interessante, uma vez que se assim ocorresse, a Filosofia não

seria mais o que sempre foi, o que é, e o que será: o conhecimento dos eleitos, como dizia Platão.

Aliás, o nacional-socialismo usou a mesma técnica. Poucos, entretanto, seriam capazes de se emaranhar no complexo de teorias raciais e genéticas que formavam o Alcorão do nazismo. O grande número aceitava os seus postulados, porque lhe foi mostrada a outra face da doutrina, com seus aparatos, com suas manifestações materiais.

Numa época em que se degladiam os mais importantes sistemas filosóficos, um dentre eles, leva a vantagem de aceitação, sem discutir-se: ainda o marxismo. Isto porque ninguém poderia compreender outros processos teóricos justificadores da História: a teoria dos impulsos sexuais de Freud, a dos impulsos nutritivos representado por Vogt ou a dos impulsos de poderio, baseado ainda em Nietzsche, e, mais próximo através de Adler. Não seria para todo o mundo, ainda, compreender o sistema pragmático anglo-americano, com o seu home-faber, preconizando, todos eles, que as formas superiores da existência derivam dessas bases filosófico-científicas.

O marxismo teve a vantagem técnica de não se acastelar em sua moradia de ouro. Resolveu descer a escadaria, embora com roupagem diferente. Mas, realizou o seu objetivo, como vem fazendo em toda a parte do mundo.

Ela aí onde está a razão de seu poderio, como o movimento político coletivo mais sério que a História já conheceu.

*

Saberão amar?
Ah Estrela do Mar!
Perdida na noite,
Nesta noite brumosa,
Na viela escura
Caminho d o mar.
A luz côr de rosa
Apagando e acendendo,
Apagando e acendendo,
Na noite morrendo.

Essa noite enfêrma
Vai morrer no mar.

Ah Estrela do Mar!
Saudade do oriente,
Música do oriente,
Ventos do oriente,
Cais de Singapura,
Fugindo pra cá...

Ah Estrela do Mar!
Ah Estrela do Mar!
Com a luz da aurora
Quem te encontrará?

VIII

Essa chuva fria
Caindo, caindo,
Veio de longe,
Veio do mar...

Traz cantos monótonos
Das almas dos naufragos,
Que vivem vagando
Por cima do mar.

Lembranças téticas
De navios fantasmas
Que em noite sem lua
Saem a navegar.

*

Ecos distantes
De batalhas sangrentas
Que foram travadas
Por cima do mar.

Rugidos medonhos,
Gemidos tristonhos,
Que sobem pros céus
Do peito do mar.

Gestos desesperados
Dos pobres afogados
Que foram chamados
Pro fundo do mar...

Essa chuva fria,
Caindo, caindo,
Veio de longe,
Veio do mar...

The Great Western Of Railway Company Limited.

SERVIÇOS DE BAGAGEM

Providencie o despacho de suas bagagens com a devida antecedência, evitando atropelos de última hora, cooperando assim para a marcha dos trens em seus horários.

Não procure conduzir, nos carros de passageiros, volumes excedentes de 30 quilos, pois volumes de maior peso e grandes dimensões podem ser apreendidos nos trens a fim de ser despachados, sendo aplicadas ao frete as tarifas em dobro, com o peso mínimo de 50 quilos.

Verifique se suas bagagens estão dísticas com o nome do receptor e estação de destino, retirando dos volumes todos os dísticos usados.

A falta de dísticos muitas vezes resulta no desaparecimento de volumes e consequente aborrecimento a quem os despacha.

Tomar o Trem em Movimento é Perigoso

COMODIDADE - RAPIDEZ - ECONOMIA - SEGURANÇA

Recife, de 1947.

A ADMINISTRAÇÃO

O LIVRO ESTRANGEIRO

Roosevelt



ABELARDO JUREMA

(A propósito de "COMO MEU PAI OS VIA", escrito por Elliott Roosevelt e editado no país pelo Instituto Progresso Editorial, S.A. — São Paulo — 1947).

CERTAMENTE ainda está em equação a velha fórmula dos grandes homens para os grandes momentos, se bem que os grandes momentos são hoje talvez mais desafiadores, mais atuais, mais agitados, mais presentes em todos os instantes do que outrora quando integrava os famosos "big-three". Roosevelt, naquela época chegava a todos e a toda parte como a esperança da democracia em sua luta de gigantes contra o nazismo. Surgia entre os tanks que cortaram os desertos africanos. Entre os paraquedistas que enfrentaram os lutares das Ardenas. Entre os P-40 e as fortalezas voadoras que perturbaram simultaneamente os sonhos de conquista e de mando de Hitler, Mussolini, Hirohito e os seus discípulos. Entre os corajosos que limpavam os mares da pirataria e prepararam a vitória. Surgia no Atlântico, em Casa Blanca, em Teerã, no Cairo e em Ialta. Surgia em meio mundo onde desfilaram homens com material de guerra bem identificado com o "made in U. S. A.", quer no Equador e na Bolívia, quer na frente russa ou na estrada da Birmânia. E, nunca, uma maioria tão grande confiou em um só homem, para assegurar os seus destinos. Naqueles instantes dramáticos, entretanto, a humanidade era toda emção, seleção, condutores. Os lances épicos criaram um estado de espírito que só permitia entusiasmo, idolatria, ânsia de vitória e só vitória.

Depois que veio a paz sem Roosevelt, apesar da enquadramento em sua decantada fórmula de rendição incondicional e de todo o formalismo dos tratados em grande estilo, começou o mundo a viver em um perigoso estado de dúvida, a se sentir mal e desta vez, apresentando sintomas diferentes, estranhos, complexos e de certo modo indiatognoscíveis. Continuaram os povos a lutar na China, nos balcões, na Palestina, nas ilhas neerlandesas, na Grécia, no Siso, enquanto a França e a Itália já vivem minutos nitidamente revolucionários. Ninguém entende bem o que há e poucos são os que se entendem entre si. Tem-se a impressão que a paz veio muito de pressa, surpreendendo aliados heterogêneos que somente se harmonizavam nas trincheiras e dentro do mesmo objetivo de vencer o inimigo comum. Nas meas redondas a confusão se avoluma e a angústia assume maiores proporções do que naqueles memoráveis instantes em que parecia que tudo ia succumbir na mais negra das derrotas. Mas, toda gente de boa memória se lembra da Carta do Atlântico e das resoluções que se seguiram às conferências de Casa Blanca, Cairo, Teerã, Ialta e Potsdam. Lembra-se que em todas elas se fixaram bases para uma paz que resistisse pelo menos a mais de uma geração. Lembra-se das promessas formais e solenes no sentido do equilíbrio universal, difundidas pelos quatro cantos do mundo, tranquilizando jovens e velhos que participavam das batalhas com o ardor de quem está escrevendo com o próprio sangue a história sincera do futuro, através de pais e filhos que se involavam nos mares, nos céus e nas terras distantes, em favor da unidade e compreensão na família humana.

Então, entre tudo e todos, ante tamanha confusão e sob o espantoso de uma nova guerra de sombrias perspectivas atômicas, Roosevelt volta à consciência humana com mais vigor, não apenas entre aqueles que estão sob a órbita de influência do Presidente Truman, mas igualmente entre os místicos e furiosos comandados de Stalin; todos ainda carpindo pesados e cruéis sofrimentos da trédia que apenas pareceu se encerrar. Ninguém esquece que as grandes divergências que separavam tão fundamentalmente a Inglaterra colonial e conservadora de Churchill e a Rússia perigosa e ameaçadora de Stalin, foram frequentemente aplacadas pela força apostolar de Roosevelt que se sobrepondo, aos próprios impetus utilitaristas de sua gente, recuou muitas vezes para decidir melhor, decidindo melhor sem recuar de mais, pela segurança e pelo futuro do mundo. Ninguém esquece que Roosevelt venceu o comodioso isolacionista de seus conterrâneos dominados pelo rugby, base-bal, box, cinema e aventuras, sem utilizar de outras armas senão as da personalidade, da ação, da grande força moral que o tornavam um líder de uma mesa redonda em que se aboletavam líderes não menores pela expressão política e militar dos países que representavam, não menores do que o seu grande "arsenal das democracias". Enquanto milhões viam em Churchill o guardião intemerato e audacioso de uma cidadela inexpugnável e em Stalin, o marechal de ferro que fez retornar a si, então invencível máquina de guerra alemã, em Roosevelt, a humanidade compreendia um apóstolo, um asceta, um conjunto de forças espirituais que excediam os próprios limites da grandeza humana. Viam Stalin em uniforme

de generalíssimo e Churchill sob as vistosas dragonas e talabares de grande almirante. Mas, em Roosevelt não havia uniformes esplendidosos nem coleções de medalhas e medalhões condecorativos, e as suas palavras não tinham a força de um toque de sentença, marcial e emotivo, e sim, a expressão convincente de um profeta fundando uma nova era, instituindo um novo culto — a paz verdadeira; erigindo novos mitos — uma democracia verdadeira alicerçada numa política de bases também verdadeiras e universais.

Sem mais ilusões, decepcionado e contundido, um mundo de brancos, pretos e amarelos se apega à memória de Roosevelt, como quem espera milagres às portas da gruta de Lourdes ou aos pés de um grande Budha. É a grande miragem para os que sofrem o drama que se prolonga demasiadamente, prenunciando um triste e melanólico epílogo.

Fortalecendo essa miragem que ainda alimenta e restaura os desesperados, Elliott Roosevelt conta para a humanidade, no livro "COMO MEU PAI OS VIA" (edição brasileira IPE, 1947), detalhes da intimidade de Roosevelt, entre pijamas e toalhas de banho, em hospedarias das mais diversas e sob os mais diferentes céus, desde a Casa Branca de Washington àquela do norte da África, do Cairo a Teerã, de Ialta às margens familiares do Potomac. Diz o filho, do que o seu pai pensou dentro de seus aposentos, após os conchaves magestosas de Churchill, de Stalin, e de De Gaulle, de Chiang-Kai-Shek, de Giraud, de generais, ministros, almirantes, embaixadores e políticos que se engalfinharam na luta contra Hitler e seus aliados com a sinceridade de velhos e denodados combatentes ou com o oportunismo cínico das raposas matreiras nas grandes horas políticas.

São confissões de quarto de dormir e que orientarão melhor os espectadores do drama universal, dando-lhes em contornos mais exatos, mais nitidos e muito crús, impressões variadas de personalidades que nos chegam por lentes de aumento das publicidades organizadas pelos "brain-trusts" ou pela sequência de acontecimentos que criam um estado emocional que possibilita o endossamento de tiranos e a estigmatização de mártires.

E essas confissões de família merecem um crédito especial de confiança, de vez que estão

endossadas pela autoridade da senhora Eleanor Roosevelt que se constituiu não apenas em companheira do pé da lareira na Casa Branca ou Warm-Spring, mas em um descobridor da própria personalidade de Roosevelt, desde a infância que o conservou no leito por muitos anos, até os seus êxitos espetaculares em campanhas que o conduziram sucessivamente por 4 períodos à Presidência dos Estados Unidos. E, entre mãe e filho que procuram transmitir aos seus conterrâneos o interior de Roosevelt, face aos homens e aos problemas de nossa época, e aqueles que hoje falam em outro tom, contrapontando como intérpretes daquele a quem ajudaram na tremenda tarefa de administrar paz ao mundo, balança-se a opinião mundial, sem outros elementos mais convincentes para conclusões verdadeiras sobre o sentido da mensagem legada aos povos por Franklin Delano Roosevelt, como roteiro a seguir para a conquista definitiva da paz.

Há, entretanto, a considerar que Roosevelt exercia entre Stalin e Churchill o papel de poder moderador, de equilíbrio e de nivelamento às suas divergências. E, hoje, Truman deixou o fiel da balança, para-se comprimir em uma das suas conchas, em posição de desafio ao que se chama de perigo moscovita. Se um Wallace que serviu a Roosevelt, discrepa dessa orientação e prega normas de ação completamente diferentes daquelas adotadas por Truman, já Marshall que foi igualmente um leal colaborador de Roosevelt, desempenha o papel de embaixador da política de Truman.

Torna-se, assim, difícil compreender o que faria Roosevelt se vivo ainda estivesse.

Verdade é que os interesses que se contrapõem entre o que se chama hoje o oriente de Stalin e o ocidente das democracias, são poderosos e se aliam a forças econômicas ainda mais poderosas, misturadas todas com fórmulas doutrinárias que se atritam na mesma razão. A expansão do potencial industrial russo pela Europa central não influiria sem dúvida no ânimo americano bem tranquilizado pelas suas estreitas ligações com os vastos mercados de todo o continente e outros que se limitam com aquelas zonas econômicas sob controle inglês, se não patrasse sobre essas influências, o perigo da contaminação do credo vermelho... Todos se lembram que a Alemanha

foi destruída quando o expansionismo de sua indústria ainda era um perigo muito menor em face do expansionismo de sua mística nacional-socialista. E que depois da grande guerra de 1914, os responsáveis pelos países industrialistas logo concluíram que as guerras não poderiam mais ser conduzidas pelos velhos métodos táticos e estratégicos, necessitando de algo mais prático e que viesse facilitar as desejadas vitórias. Aquela velha frase de Napoleão — Dê-me um burro carregado de outro que eu abrirei todas as fortalezas —, cedeu lugar ao slogan dos ditadores — Com uma boa mística e uma propaganda bem organizada, abriremos todas as Maginots...

Caminham assim as forças econômicas ocidentais sob a bandeira da democracia, e as russas sob a da força e do martelo.

E, seria nesse choque inevitável entre dois sistemas que toda a força apostolar de Roosevelt teria de ser posta à prova. Pela sua sobrevivência, falam credências que pesam mais do que a austeridade e a audácia de Stalin, a ambigüidade e o instinto de conservação do conservadurismo britânico, e toda a volúpia dos discípulos que anima um bom contingente de iniques que hoje se movimentam ardorosamente sob a direção do Presidente Truman. A sua ascensão à Presidência, os rumos de seu Governo, a limitação que emprestou à expansão do capital, a solução dos terríveis problemas dos desempregados e da grande crise econômica que assolou os Estados Unidos em 33, a vitalização que imprimiu às democracias já com o aspecto de envelhecimento e depauperamento, o seu respeito às quatro liberdades do homem, a sua fanática pre-disposição para estar sempre ao lado dos fracos e oprimidos, a sua admirável política de boa vizinhança que cedo se fez sentir em Cuba, Nicarágua, Haiti e todas as repúblicas da América Central, o despertar que provocou na alma americana pela sua participação na luta pela sobrevivência de um mundo sem senhores absolutos, a firmeza de seus pulsos na condução da guerra entre mil e uns problemas do extremo-oriental ao ocidente, da China à Palestina, da Grécia à Jugoslávia, da Itália à França e da Rússia à Inglaterra, tudo isso dava a Roosevelt elementos para um crédito limitado de confiança perante a opinião pública.

Entretanto, para decidir dos destinos do mundo, encontram-se homens de origens políticas duvidosas ou obscuras que não suportam o mais leve paralelo com Roosevelt. Stalin foi conduzido à chefia de uma ditadura, num país de cento e sessenta e oito milhões de almas, por um movimento revolucionário articulado por alguns milhares apenas de comunistas. E um detentor ocasional do Poder, não traz continuidade histórica nem democrática. Truman, por sua vez, um vice-presidente em exercício quase que interino na Presidência dos Estados Unidos que não se manifestaram diretamente, elegendo-o como companheiro de chapa de Roosevelt, mas sem a convicção de conduzi-lo à suprema chefia do país. E Attlee, apenas, uma experiência que os britânicos empreenderam para sair de uma enrasçada de fim de guerra e o começo de uma paz, numa Inglaterra de fórmulas seculares e rígidas de Governo e de economia.

Eletto sucessivamente para um posto em que mais e mais se engrandecia, consagrado pela admiração universal, Roosevelt era o único em quem podiam repousar as esperanças do mundo. E, os seus discípulos, não possuem a harmonia e a força de expressão dos doze apóstolos.

E nesse estado emocional que se conclua a leitura de "COMO MEU PAI OS VIA". Um Chiang-Kai-Shek que ainda está envolto em uma auréola de heroísmo e de bravura, transformado por algumas palavras íntimas de Roosevelt em um cínico explorador da guerra, alimentando a luta entre chineses para se perpetuar numa ditadura que não resistirá ao clima da paz nem da democracia. Um De Gaulle que se apresenta como uma Jeanne D'Arc, salvadora da França e restaurador do patriotismo francês, diluindo-se aos nossos olhos como um general vaidoso, irritante e de indistigável tendência ditatorialista. Um Churchill que foi o admirável leão da resistência britânica, vindo das páginas desse livro como um reacionário impetuoso e impermeável às modificações do tempo, dos homens e das coisas, e capaz de tudo, até de provocar novas guerras, contanto que a Inglaterra continue "monetada, como até agora, nas populações coloniais". Um cabo de guerra como Giraud, épico nas batalhas e nas fugas espetaculares das prisões inimigas, transformando-se num immediatista primário, incapaz de formular qualquer plano para o futuro da França. Uma rainha Guibermína que mereceu a piedade universal pelo seu sofrimento, sem fantasias e se apresentando como um símbolo de escravização dos homens da Indonésia. E, assim, um por um, todos os ídolos vão ruindo a cada confissão de Roosevelt ao seu filho.

E se Roosevelt tivesse deixado um diário autêntico, então a humanidade nunca mais teria confiança nem em si mesma...

CAIXA DE CRÉDITO MOBILIÁRIO DE PERNAMBUCO

(Criada Pelo Decreto Estadual N.º 161, de 20 de Agosto de 1938)

End. Teleg. — "CREDOMIL"

TELEFONE, 9401 — CAIXA POSTAL, 649

AVENIDA RIO BRANCO, 23 - Recife - Pernambuco

*

DEPÓSITOS GARANTIDOS PELO ESTADO

Paga as melhores taxas de juros a seus depositantes

*

C/C. de Movimento (retiradas livres)	4% a. a.
C/C. Populares (limite de Cr\$ 30.000,00, com cheques)	6% a. a.
C/C. com Aviso Prévio (avisos de 10, 20, 30, dias para retiradas até 30, 60 e 100% sobre o saldo da conta)	6% a. a.

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO

De 6 meses	6 1/2% a. a.
De 12 meses	7% a. a.

FALAM os CRÍTICOS

PROSA E LÍRICA

QUAGEM

"A arte da prosa exerce-se quando se discorre; sua matéria tem, naturalmente, uma significação, quer dizer, que as palavras, primeiro, não são objetos, mas designações de objetos; não se trata, primeiro, de saber se elas agradam ou desagradam por si mesmas, mas se indicam corretamente certa coisa do mundo ou uma certa noção. Assim, sucede muitas vezes que nos encontramos na posse de certa ideia que aprendemos por palavras, sem poder recordar uma só das palavras que no-la transmitiu.

A prosa é, antes de tudo, uma atitude de espírito: há prosa quando, para falar como Valéry, a palavra passa através do nosso olhar como a luz pela vidraça. Assim, toda a reunião de palavras tem um sentido, mesmo a mais absurda. Pense-se que se destruiu a linguagem por se ter escrito, como Bataille, "cavalo de manteiga". Não pretendo a qui uma colisão de palavras, partidas uma contra a outra, mas antes, a criação de certo ar feérico, imaginário, sem dúvida, mas vivo, galopando num desenho animado. Porque é que o herói de Munchausen não teve uma montura dessa espécie, dura ao nascer do dia amolecendo à medida que o sol subia?"

(Jean-Paul Sartre — Trecho do artigo — "Diário de Pernambuco" — Recife, 21-IX-1947).

ALVARO LINS E OS

NOVOS

"O aparecimento de cada novo livro de Alvaro Lins representa hoje mais ou menos uma consagração, expressa através dos rodapés dos jornais e dos artigos das revistas especializadas, isso porque cada série do *Journal de Critica* sempre tem alguma coisa a esclarecer e a ensinar — um sentido que não é do pedagogo, como explicarei adiante — e alguma síntese de problema literário mais em foco e ainda não resolvido a que se vem dar a sua contribuição para o norteamento dos escritores num sentido de bom gosto e de inteligência.

Vários desses problemas se apresentam nesta quinta série do *Journal de Critica* (Livraria José Olympio Editora — 1947), sendo principalmente dois deles de máxima importância e destinados às mais apaixonantes discussões.

zas da ficção, e interessa profundamente como ponto de partida para um julgamento crítico, e é o da preponderância da forma ou do conteúdo na obra literá-

ria. Como a crítica deve observar uma obra, atribuindo maior importância e cuidando mais da forma como ela se apresenta, ou do conteúdo que por acaso contenha?

O outro problema, objeto das mais antigas discussões e todavia sempre atual, recebeu depois desta guerra um novo impulso facilmente compreensível: é o da interferência da opinião política do escritor na obra, ou o que os franceses chamam o engajement em contraposição à chamada arte pura ou desinteressada. Um problema evidentemente mais do ficcionista ou do poeta do que do crítico, sem que entretanto possa deixar de interessá-lo principalmente considerando-se o tempo e as condições do país e do mundo no momento da publicação."

(Joel Pontes — Trecho de artigo — "Diário de Pernambuco" — Recife, 30-XI-1947).

ENSAIO E MEMÓRIA

"A literatura brasileira é pobre de ensaístas. Porque é preciso não confundir, por exemplo, ensaio e memória. Esta pode ser extremamente valiosa, encerrar informações de grande importância, representar trabalho assíduo: mas distingue-se do ensaio pelo feito mais pessoal, pela arrumação da matéria próxima do relatório, por uma frieza tanto maior quanto menos se perceber a presença do autor. Tão pouco se deverá chamar de ensaio o que não passa de panfleto. Neste, ao contrário do que ocorre na memória, o autor palpitará, viverá, clamará; mas sobretudo em função de sentimentos, de paixões, não de idéias, como no ensaio. O panfleto participa pela sua ênfase e quase sempre da sátira; faltam-lhe a lucidez calma, o interesse objetivo pela verdade próprios do ensaio.

Convém entretanto não extremar as diferenças. Não há afinal compartimentos estanques entre certos gêneros ou formas de expressão literária. Algumas memórias estarão próximas do ensaio, como muitas vezes se achará o jornalismo. O grande jornalismo, em que a apreciação dos acontecimentos ou a crítica dos homens não se detém na aparência de uns e outros, antes tenta descobrir os impulsos secretos destes e as causas remotas daqueles, pode não raro ser uma preparação para o ensaio, de cuja espontaneidade participa, ao apanhar em flagrantes sucessos e personagens, e cujo ritmo, até certo ponto caprichoso, acompanha. O ensaio porém, supera o jornalismo pela prática de sondagens mais profundas, pelo conteúdo mais denso e até pelas próprias dimensões."

(Otávio Tarquínio de Souza — Trecho de artigo — "Journal do Commercio" — Recife, 16-XI-1947).



Uma Por Mês

NÃO SEJA ESSA A DÚVIDA...

O poeta pernambucano, Carlos Moreira, de quem publicamos neste número, uma página de belos poemas, foi, até outro dia, delegado da Ordem Política e Social do Estado. Na sua gestão atacou de frente o "cambio negro".

Certa tarde o seu gabinete ficou repleto de comerciantes ilustres que foram protestar contra a prisão de um colega. O poeta recebeu a comissão com todas as honras e um deles, animado com a carinhosa recepção, começou:

"— Muito bem, doutor... (Feições radiantes).
— Vou mandar — prosseguiu Carlos — tirar agora mesmo os sapatos do homem para que fique igual aos outros..."
A comissão anuiu.

A Crítica no Brasil

O aparecimento da 5ª. série do "Journal de Critica", de Alvaro Lins, apesar do vasto prestígio já conquistado pelo crítico do "Carrelo da Manhã", é um acontecimento literário expressivo. E' bem verdade que hoje em dia já não tem mais sentido julgarmos Alvaro Lins na sua qualidade de crítico literário, conforme muito bem observou Antônio Cândido, pois que esse julgamento já foi feito há muito. Mas não há dúvida, por outro lado, que o ilustre biógrafo de Rio Branco, a cada volume de seus estudos de crítica literária, renova-se sempre dentro da sua maneira de ser, oferecendo em cada página um novo aspecto da sua personalidade inconfundível. Crítico verdadeiramente confiante da sua missão, e do papel que o gênero deve representar na literatura, ele nos oferece o exemplo de uma vocação autêntica, de uma cultura e uma sensibilidade que se renovam a cada encontro com um autor e uma obra. Nas páginas desta 5ª. série do "Journal de Critica", como nas páginas dos volumes anteriores, estão presentes os exemplos concretos dessas afirmações, justificando-se assim o título que lhe conferiram de "o maior dos críticos brasileiros vivos", conquistado através de uma ininter-



Alvaro Lins

rupta atividade e de uma obra que já se dilata em outros sentidos igualmente afirmativos, dentro de uma nobre e serena beleza de construção.

O LIVRO do MÊS



"MINHA FORMAÇÃO", DE JOAQUIM NABUCO



Pela primeira vez indicamos, nesta coluna, uma reedição como o melhor livro do mês. Trata-se da obra autobiográfica "Minha formação", de Joaquim Nabuco, reeditada pela IPE, de São Paulo, em magnífica apresentação gráfica.



Joaquim Nabuco, a quem Pernambuco e o Brasil devem imortais serviços, contou, em "Minha Formação", com aquele estilo tão belo e diáfano, os principais acontecimentos que influíram na sua vida de político, diplomata e escritor. E não esqueceu de destacar as razões porque se transformou no campeão da luta abolicionista.

"Minha Formação" é um livro que jamais perde a sua atualidade. Livro que deve ser lido por todos os brasileiros, principalmente pelos jovens que estão para ingressar nos cursos superiores em busca de um ideal. Nas páginas de "Minha Formação" eles encontrarão conselhos lícitos e oportunos: o respeito ao trabalho de pesquisa, o hábito da leitura desinteressada, a dis-

ciplina da inteligência que em Nabuco atingiu o ponto mais alto.

Joaquim Nabuco, já no seu tempo, usinava a tendência para o parasitismo em nossos literatos. Fazendo bom combate ao sibiartismo intelectual, o grande pernambucano escreveu: "A verdade é que vai aumentando consideravelmente em nosso tempo o que Mathew Arnold traduziu por inacessibilidade às idéias; e que esse novo fatalismo reduzirá a arte dos nossos banquetes literários a um só gênero de iguarias, o gênero natural" (pág. 70).

Sobre a poesia e os versadores, Nabuco comentou, em página clássica, a enorme distância que os separa: "Nem todos os que têm o dom do verso são por natureza artistas, e nem todos os artistas têm o dom do verso; a prosa os possui como a poesia; a mim, porém, não coube em partilha nem o verso nem a arte" (pág. 67). E' o testemunho de sua auto-crítica um tanto severa e ao mesmo tempo com certa razão em face dos versos que publicou. Versos que ele mesmo soube colocá-los no seu justo lugar.

E o livro todo é um rico testemunho que merece ser lido e meditado pelos jovens poetas e escritores do Brasil. Livro que revela não só o grande talento como a não menor honestidade de um homem que simbolizou uma época. — A. J.



Nas Livrarias

"O Imortalista", romance de André Gide

No momento em que o mundo inteiro espera o Prêmio Nobel de Literatura para André Gide, a Livraria do Glóbo lançou, na sua coleção Nobel, mais um romance do discutido escritor francês "O Imortalista", na tradução do sr. Theodor Tostes, numa excelente apresentação gráfica, confirma as qualidades de Gide como um dos mais severos precuradores dos segredos da alma humana.

O problema da liberdade humana é discutido, neste livro, de uma forma inédita. Partindo do princípio de que saber gozar a liberdade é mais difícil do que

conquistá-la, André Gide penetra fundo nos problemas sociais da época com aquela segurança que ele possui em tratar dos assuntos humanos. Livro que chegou para os brasileiros numa de suas horas mais importantes. Ninguém poderá deixá-lo nas prateleiras. A sua leitura é urgente, porque oportuna.

"Victor Hugo", de Mathew Cresspohn

Do conhecido biógrafo de "Zola e o seu tempo", a Cia. Editora Nacional, acaba de publicar, numa tradução magnífica de Vinícius de Moraes, a vida de Victor Hugo. Num livro de 457 pá-

(Continua na pág. 19)

FALAM os EDITORES

"Valor Social da Alimentação", de Ruy Coutinho

"Este livro tem uma posição especial na bibliografia brasileira sobre assuntos de nutrição: publicado em 1937, foi o primeiro a focalizar e analisar os aspectos sociais da alimentação, ampliando audaciosamente um campo de pesquisas que até então ficara, entre nós, limitado aos problemas particulares da medicina. Gracias a exaustivos estudos e leituras ininterruptas, em contacto com tudo o que de mais moderno e melhor se publicara no mundo das ciências, o dr. Ruy Coutinho pôde lançar-se a um trabalho original de ecologia humana e de biologia social, rico de sugestões e capaz de interessar não só aos médicos, mas sobretudo, aos sociólogos, aos políticos, aos economistas, aos administradores em geral."

(Aba do livro "Valor Social da Alimentação" — Ruy Coutinho — 2a. edição Agir — Rio, 1947).

"Marajó", romance de Dalcídio Jurandir

"Dalcídio Jurandir estreou em 1941 com o romance "Chove nos campos de Cachoeira", primeiro prêmio do concurso literário instituído por "Dom Casmurro" e Vecci. Nascido no Estado do Pará, Dalcídio Jurandir conhece profundamente a vida e os problemas de sua provincia natal, uma das mais típicas e características do Norte do Brasil. "Marajó", que agora publicamos, é portanto o segundo livro do escritor paraense, e com ele Dalcídio Jurandir conquista definitivamente um lugar de relevo entre os ficcionistas da nova geração. Tanto no romance de estréia quanto em "Marajó", Dalcídio Jurandir revela um poder dramático, de primeira ordem, que é talvez a característica que melhor define a sua arte de ficcionista."

(Aba do romance "Marajó", José Olympio Editora — Rio, 1947).

"Eu Fui Chefe da Polícia de Mussolini", de Carmine Senise

"Carmine Senise foi testemunha ocular do nascimento, vida e morte do fascismo. E não somente testemunhou os acontecimentos principais da chamada "era fascista", como deles participou, ocupando cargos de maior elevada importância, quais os de Diretor do Serviço de Imprensa, Vice-Chefe de Polícia do Governo de Mussolini. Suas evocações dos homens públicos de maior destaque na vida política italiana, tanto da época que precedeu imediatamente ao fascismo, quanto daquela em que o Duce era o senhor supremo da Península, e mesmo da imediatamente posterior, são tocantes, pelo sentido profundamente humano de que se revestem. Senise, nos fala de Nitti, de Giolitti, de Mussolini, de Starace, de Badoglio, de Himmler e do próprio Hitler, com a experiência de um homem que, sem se tornar fascista, teve que conviver estreitamente com as mais eminentes personagens da tragicomédia fascista."

(Aba do livro "Eu fui chefe de polícia de Mussolini" — Carmine Senise, tradução de J. Herculanu Pires — Edição do IPE — São Paulo, 1947)

"Como foi perdida a paz", de Carlos Lacerda

"Enviado à Europa por jornais de que é colaborador, para estudar o desenvolvimento do cooperativismo e, depois, para acompanhar a Conferência da Paz, em Paris, o autor, enviou, sobre a Conferência, uma série de correspondências que hoje se reunidas em livro sob o título "Como foi perdida a paz". "O aparente pessimismo do título, quando prosseguem os entendimentos — e os desencontros — regionais e mundiais acerca da reconstrução das nações, está plenamente justificado no correr dessas crônicas, a que o pouco tempo decorrido só veio dar confirmação e relevo."

(Aba do livro "Como foi perdida a paz" — Carlos Lacerda — Edição da IPE — São Paulo, 1947).



Falam os Poetas

OPINIÕES DE

ROBINSON

"— Não há escritores para homens e escritores para meninos, como não os há para velhos ou para mulheres. Há somente bons e más escritores. Ou melhor ainda, há somente os bons. Dentro dessa categoria, uns são particularmente dotados para a representação de pessoas, coisas e fatos, reais ou imaginários. Esses criam histórias e personagens que dão volta ao mundo, fascinando velhos e moços, mulheres e homens de todas as profissões, e serão sempre vivos. Não têm a preocupação de uma clientela, de uma classe ou de uma zona de influência. São os escritores propriamente ditos. Os outros são os ruins — não interessam."

(Carlos Drummond de Andrade — Trecho de artigo — "Journal do Commercio" — Recife, 16-XI-1947).

ATUALIZAÇÃO DO

SONETO

"Muita confusão está se criando — proposadamente — em torno da volta da poesia ao me-

tro clássico. Os da nova geração estão concientes desse retorno e o consideram uma necessidade. Sabem e realizam suas poemas subordinando-os à métrica, ao ritmo adequado ao tema, sem no entanto cair na intransigência dos fazedores de versos bem feitinhos, sem obedecer, ou melhor, sem dar ouvidos à pregação decadente dos dogmáticos parnasianos que ainda nos cercam (e são muitos os "poetas" dessa qualidade) que deante da impossibilidade de superar um Castro Alves ou um Olavo Bilac, com seus versos de salão, ridículos e tanto mais inúteis quanto mais publicados são, tomam-se de um furor terrível contra os jovens poetas que sabem e compõem sonetos e redondilhas. E começam a apontar defeitos em tais produções literárias. Alguns mesmos chegam a dizer que os "modernistas", vendo o fracasso da poesia do metro livre, começaram a invasão do terreno que pertence aos "imortais". E os mais novos, que sabem tudo isso não passar de puro despeito riem do "estado de graça" em que vivem os inimigos da nova geração de poetas."

(Edson Regis — Trecho de artigo — "Diário de Pernambuco" — Recife, 16-XI-1947).

Poemas do Mar

Carlos Martins Moreira

I

Os viajantes vieram do mar
E não encontraram a estalagem buscada.
A estalagem estava perdida,
Irremediavelmente perdida,
No seio da noite, quasi concluida.

Os viajantes vieram do mar,
Onde foram náufragos na hora primeira
Ou na última hora conhecida.
E traziam nas faces marcadas
O estranho mistério de águas profundas,
O total silêncio de águas paradas
E a grave beleza das coisas intocadas.
Mas ninguém escutou a trágica

[mensagem

A estranha mensagem dos viajantes,
Porque a estalagem estava fechada,
Porque a estalagem estava perdida,
No seio da noite quasi concluida.

Os viajantes vieram do mar
E não encontraram a estalagem buscada.
Ficaram correndo nas ruas molhadas,
E bateram, bateram nas portas cerradas,
Mas o estalajadeiro estava dormindo,
Dormindo dormindo e não ouviu nada...

Os viajantes partiram sorrindo,
Levando a mensagem jamais revelada.

II

Donzelas partiram
Num barco sem rumo,
Sem leme, sem norte,
Sem piloto sequer,

Partiram contentes,
Sorrindo, sorrindo
E jogavam rosas
No fundo do mar.

O barco perdido,
Vagava, vagava
E as donzelas contentes
Sorrindo, sorrindo
Jogavam rosas
No fundo do mar.

Mas em breve vieram
O Cruzeiro do Sul,
A estrela Vesper
E as Três Marias
Anunciando,
Ao barco perdido,
O rumo certo
Que devia tomar.

As águas do mar
Tornaram-se negras
Logo as donzelas
Adormeceram
E as rosas murcharam
No fundo do mar.

III

Ah! Si essas águas verdes
Me levassem, um dia,
Boiando, boiando...

Braços abertos
Num gesto de desprezo
Por tudo que ficava.
Cabeça abandonada
No seio de uma onda mansa.
Olhos sófregos bebendo



A pureza azul
De um céu tranquilo
E os ouvidos escutando
Sinfonias inéditas
De águas sonoras.

O meu corpo jogado
No ritmo dolente
Dessas águas verdes,
Perder-se-ia cedo
No horizonte distante.
Não mais ver-me-iam
Os que daqui buscassem
A última despedida.
Uma paz suave
Encheria meu peito
Sem saudades
E, somente as gaivotas tristes,
Vieram um sorriso alegre
Estremecer os meus lábios.

Ah! Si essas águas verdes
Me levassem, um dia,
Boiando, boiando...

IV

Zuleide chegou do mar,
Com cheiro de maresia,
Esguia a bela Zuleide
Não traz cansaço no corpo
Cheio de algas marinhas.
Contai-me, Zuleide, contai-me,
Histórias dos sete mares,
Mistérios dos sete mares,
Dos sete mares do mundo.
Dizei-me, Zuleide, dizei-me,
Os portos por onde andastes,
Caminhos que caminhastes,
A poesia do cais,
Meus amados cais distantes,

Sombrios ou luminosos,
Que são chegadas e partidas,
Que são convites amorosas,
São as promessas perdidas
Nos sete mares do mundo.

Zuleide ouviu as sereias,
Foi concubina do rei.
Do rei estranho dos mares,
Dono de grandes riquezas,
Senhor de muitos amores,
Zuleide foi preferida.
Daquele reino encantado,
Reino de luz e de bruma,
Zuleide já foi rainha
Com seu porte magestoso,
Seu alvo manto de espuma,
Esguio corpo adorado
De verdes algas marinhas.

Viu Zuleide almas penadas,
Diáfanas e atormentadas,
Sumindo nos horizontes
Como esquivas bailarinas
Que se suicidam nos céus
Nas noites frias de sombras.
Ouviu cantos de guerreiros,
Histórias de marinheiros,
Nas noites intermináveis,
Escuras, misteriosas,
Que passam por sobre o mar
Com seus fantasmas enormes...

Zuleide descansa agora
De tantas rotas rasgadas,
De tantos rumos perdidos,
Caminhos desconhecidos,
Estradas malassombradas
Dos sete mares do mundo.
Leve, lépida e esguia,
Zuleide descansa agora.

Zuleide chegou do mar
Com cheiro de maresia,
Eu viverei com Zuleide
Por muitas noites e dias!

V

A noite tóda
A linda estrela
Subiu nas ond
Desceu nas ondas,
Viveu no mar

Quando as sombras partiram,
Levando-a consigo,
A linda estrela
Se poz a chorar.
E aquelas lágrimas
Da linda estrela
Desceram na brisa,
Desceram na brisa,
Cairam no mar...

VI

As virgens bellissimas
Nuinhas, nuinhas,
Baillaram, baillaram,
Nas ondas do mar.

Os olhos das virgens
Estavam cerrados
E os cabelos das virgens,
Tão longos, tão longos,
Subiam e deciam
Nas ondas do mar.

As virgens bellissimas
Nuinhas, nuinhas,
Baillaram, baillaram,
Nas ondas do mar.

Os braços das virgens
Erguiam-se, erguiam-se
Depois mergulhavam
Nas ondas do mar.
Os seios das virgens
Mostravam caminhos

E as bocas das virgens,
Vermelhas, vermelhas,
Cantavam baixinho,
Baixinho, baixinho,
Canções suavissimas,
Com as ondas do mar.

As virgens bellissimas
Nuinhas, nuinhas,
Baillaram, baillaram,
Nas ondas do mar.

As pernas das virgens,
Tão alvas, tão alvas,
Vagavam ligeiras,
Ligeiras, ligeiras,
Nas águas macias,
Nas ondas do mar.

As virgens bellissimas,
Nuinhas, nuinhas,
Baillaram, baillaram,
Nas ondas do mar.

Quando a madrugada
Chegou de mansinho
As virgens bellissimas
Fugiram apressadas,

(Continuação da pg. 5)

ETIOLOGIA DA MANDIOCA

ceiras, município de Golaninha existe a família Mandioca. Há também em Golaninha a família Macacheira. Deixou fama o cantador João Mandioca. E Gustavo Barroso coligiu na "Certidão do Caboclo":

Fôram padrinhos do dito Zé Bate-Beijos Cotó E dona Maria Crujeira Alves de Sá Mocotó (13)

Ingressou também a mandioca nas nossas superstições domésticas. Um punhado de farinha na ponta de uma estaca faz passar a chuva — é o que meu filho, de oito anos, aprendeu. Para o mesmo efeito jogar farinha no telhado ou derramá-la em cruz, na calçada, e puxar corpos estranhos introduzidos no corpo humano. Mastigada seca, a farinha é um excelente meio para retirar espinhas da garganta. O talo, fio lenhoso da mandioca mole, tem eficácia comprovada para cessar soluços. A mandioca assada e posta quente sobre o lombo é de aplicação proveitosa, dispensando a intervenção cirúrgica. Chá de goma fresca é de bom emprego nas desinfeções. Também mingau fino de goma é eficiente para os abcessos da mucosa bucal. Aos nossos cronistas e historiadores coloniais não passou despercebido o alto teor curativo da mandioca. Especialmente a Gabriel Soares de Sousa. E o padre anotou: "Esta mandioca curada ao fogo é grande remédio contra a peçonha, principalmente de cobras" (4). Luiz da Câmara Cascudo coligiu esta receita, "Sete Massas", cuja eficácia está baseada por testemunhas que a ela recorreram depois de percorrerem os consultórios médicos:

- 100 grs. de salsa em raiz
 - 100 grs. de carimã
 - 100 grs. de arroz branco
 - 100 grs. de açúcar branco
 - uma oitava de cristal mineral (nitrato de potássio ou azotato de prata),
 - duas oitavas de sena
 - meia oitava de mercúrio doce (clorureto mercurioso)
- Fala-se separadamente cada substância, passando-a num pano fino. Depois misturam-se tudo, revolvendo-se para que a mistura seja completa. Tomam-se duas colheres de sopa por dia, pela manhã, com mel de açúcar. O doente deve lavar a boca imediatamente após ter ingerido a Sete Massas e to-

mará banho frio, que suspenderá aparecendo febre ou reação forte. Não comará peixe nem pinhas (atais). Leite é veneno (15).

O padre Fernão Cardim registra ainda as propriedades hepáticas da mandioca: "Os indios fazem vinho dela, e he tao fresco e medicinal para o figado que a elle se attribue não haver entre elles doentes do figado" (16). Manoel Queirino, porém, tem esta observação, relativa aos baliianos: "A farinha de mandioca é, vantajosamente, substituída pela de milho, quando se trata de moléstia do figado, em que a mandioca é comprometedora da vitalidade de tão importante viscera" (7).

Na veterinária a manipeba é empregada: a mandioca quente mata sobre-canas e sobre-nervos, doenças tão comuns nos cavalos de carga. Inversamente, os impaludados e os portadores de infecções oculares, terão seus padecimentos agravados, si presenciarem por algum tempo os trabalhos da farinhaada.

A manipeba é o sumo da mandioca moída, expellido pela compressão. É veneno violento, composto de ácidos cianídrico e maniótico e manióxina e sepiocitina, responsável este último tóxico pela cólicas produzidas pelo envenenamento. Sob a ação do oxigênio do ar desaparece a toxidez. Gabriel Soares lembra os tapurús, "com os quais muitas índias mataram seus maridos e senhores... d'os que também se aproveitam algumas mulheres brancas contra seus maridos; e basta lançar-se um destes bichos no comer para uma pessoa não escapar" (18). E Erandônio: "se forma daquela humidade uns bichos, que se os tomarem secos e os fizerem em pó, fica sendo o mais fino e apurado veneno" (19). No nordeste brasileiro não se tem o tapurú venenoso. É um verme que nasce da podridão da manipeba. Já nos tempos de Koester podia ele escrever: "Nunca ouvi falar que esse verme fosse venenoso". Ao contrário, constitue sadio alimento das galinhas. Há vários antídotos populares contra o envenenamento pela manipeba: barro dissolvido em urina, raspar a unha do animal, queirose ou aguardente nas orelhas.

Alíads da manipeba faz-se o tucupi, muito usado no Amazonas, que Stradelli assim descreve: "Tucupi, tucupy, sumo da mandioca ralada logo colhida, sem ter sido deixada de molho para se tornar púta, e que pela ebulição deixou de ser venenosa. É um dos molhos tapulos excelentes para se temperar com ele peixe ou caça" (20). Procedente do município de Pedro

Velho é a seguinte receita: Ferve-se a manipeba fresca até expurgar a ultima espuma e deixa-se esfriar, juntando-se a seguir pimenta malagueta, uma cabeça de cebola, uma pitada de sal de cozinha, dois dentes do Reino ralados e tres dentes de cravo do Reino. Deixa-se no sol tres dias e usa-se. Com o tucupi faz-se o tacacá, espécie de sopa.

Faz-se também, no Rio Grande do Norte, uma cangica da manipeba. Põe-se a ferver numa panela de barro, grande quantidade do liquido de mandioca fresca. Em sucessivas ebulições, sai pelos bordos da panela uma espuma branca, até que fique bastante reduzida e adocicada. Adiciona-se-lhe goma fresca, côco e sal a gosto e mexe-se até certo ponto. Solidifica-se depois de fria. Esta cangica tem o mesmo nome de manipeba. Pelo mesmo processo de destilação da garapa de cana tem-se obtido da manipeba excelente aguardente.

E como criou a culinária, criou uma terapêutica. E uma poesia. A poesia da mandioca, da casa-de-farinha:

Eu não vou na tua casa
Porque tu não vais na minha
Que tu tens a boca grande
Pra comer minha farinha

O ganzá está chamando
Chamando Sinhá
O beijú está no fogo
Está bom de virar

Adeus casa de farinha
Que eu também sou farinha
Adeus rocinha de março
Que eu também sou de janeiro

Adeus casa de farinha
Outeiro de mandioca
Foi-se embora a moreninha
Que me dava tapioca

Aqui recorda-se a camisa a que a goma deu lustre:

Iaiá não mate seu negro
Que bem caro lhe custou
Ele veste camisa gomada
Meia-lavada, chapéu de castor (21)

Há uma espécie de economia dirigida nestes versos sergipanos:

Si fôse mundo fôsse meu
Eu botava travessão
Cotinguiba pra mandioca
São Paulo pra argodão (22)

Do folk-lore infantil, há esta parlenda:

Maria farinha
Carangueljo ugú
Casa, não casa.
Casa já

E esta outra, que os meninos dizem, quando enganam outros:

Enganei Sinhá Aninha
Com um carvão de farinha

As alegrias da Ressurreição, antecipadas pelo sábado da aleluia, o povo só considera perfectas si houver farinha em abundância, o pão de cada dia:

Aleluia, aleluia
Carne no prato
Farinha na cuita (23)

J. Simões Lopes Neto recolheu umas poesias no Rio Grande do Sul, da qual destaca esta referente à mandioca:

Cheiravam as brancas flores
Sobre os verdes laranjais;
Trabalhava-se na fôlha
Que vem dos altos hervaes;
Comia-se das lavouras
Da mandioca e milharais (24)

Unida a figuras da política imperial, a farinha está nesta quadra baiana:

Paulo, Ruivo e Madeira
Foram fazer carurú
O Paulo deu a farinha
Ruivo mexeu o angú (25)

Como se sabe a sávia, a formiga de roça, prefere a fôlha terra. Por esta razão o agricultor sem recursos emprega um processo curioso para desviar a praga durante a noite: põe no carroiro folhas verdes de pau-ferro, de que a formiga também gosta. Não é o combate à formiga, é a sua manutenção a expensas do lavrador, o que caracteriza o abandono do governo pelas nossas classes produtoras. A cantadora Maria Trubana deixou esta resposta:

— Sinhá Maria Trubana
Por que deixou seu marido?
— Porque faz mais de dez anos
Que não me dá um vestido.

E entrou em detalhes, numa alusão à sávia:

Eu larguei o meu marido
Porque não era bom home
Que a formiga bem que sabe
Que fôlha de roça come

Este verso, um tanto malicioso, lembra um lance roceiro:

Mel de páu com macacheira
Negro macho fede
Nêga feme cheira

O negro, parece, não se adapta logo, como o europeu, à nova comida:

Quando io tava na minha terra
Comia minha farinha
Chega na terra dim baranco
Câne seca co farinha (26)

Mas nesta enumeração parabanava vê-se que a mandioca não é tão má:

Eu sou batata rainha
De mim todo mundo gosta
Sou mandioca, dou farinha
Um torrão de galinha
Uma mesa se botando
Uns homens se assentando
Uns miúde se infundindo
Sou fogo, vivo bulindo.
Faço obra curlicando

Estas duas quadras, liricamente roceiras, refletem muito bem o ambiente da casa-de-farinha:

Eu queria ser mandioca
Daquela manivinha
Para andar de mão em mão
No colo das moreninhas

Eu queria ser mandioca
Da mandioca macacheira
Para andar de mão em mão
No colo da cavadeira

Uma autoridade brasileira em dietética, o dr. Dante Costa, assegura que comer carne seca com farinha não é alimentar-se. Deve haver razões científicas para tal. O valor nutritivo de uma e outra é reduzida, adianta o clínico, não esquecendo de dizer que "a farinha vale apenas como alimento energético" (27). Não entra no plano deste estudo a discussão do tema. Mas o que queremos deixar assentado é que a mandioca acomoda o homem nordestino do berço ao túmulo. Apenas nascido é a papa de mandioca o seu primeiro alimento. Primeiro mesmo que o leite materno, em numerosos casos. E pela vida em fora, o pirão de peixe ou farofa de carne. E nas doenças a papa de mandioca-mole, ou o mingau de goma com ovos. Agonizam às vezes com colherinhas de papa na boca. Por isso, nada é mais grave para o nordestino, e mesmo o norista, do que a fome de farinha. De longe, à distância, ninguém faz ideia das amarguras suggestivas dessa expressão. O lar humilde está alegre si há farinha no barril, a vasilha tradicional. Há mesmo um dito proverbial — **barriga cheia, coração contente**. Falta o peixe, ou a carne, ou o carangueijo, ou a caça? A farinha os substitue. Com açúcar, com rapadura, com café, com castanha, com côco. Molhada ná-gua, misturada ao côco raspado com um pouco de goma seca, ainda produz um beijú de côr escura, cujo saber o côco suavizar. Mas se faltou a farinha, nem peixe, nem carne, nem castanha, nem côco, nem nada. É a calamidade. E a menina da chorando. E a mãe aflita. E o pai apriado. A base, o indispensável, o essencial, é a farinha. O mnis é conduto, na linguagem do povo. Ainda no momento extremo, a farinha dá uma boa ceia: a **cabeça-de-galo**, que é uma papa de farinha com

água, sal, cebola, pimenta e coentro. Um testamento de Jua das faz dessa calamidade um legado:

Fra Maria de Baé
E meu primo Frutuoso
Deixo a fome da farinha
Por ser muito preguiçoso (28)

Interessante, esta pejeja da mandioca com o milho, obtida em Pedro Velho, de uma cega, e que acaba pela intervenção de terceiros:

De Penha-para Cuitezeiras (29)
O vapor corre no trilho
Eu vou cantar a pejeja
Da mandioca com o milho

Disse a mandioca ao milho:
— Eu sou melhor do que tu
Eu dou goma, dou farinha
Fica a massa pra beju

Disse o milho à mandioca:
Eu te deixo de mururú
Eu ralado dou pamonha
Dou cangica e dou angú

Disse a mandioca ao milho:
— E melhor deixar de asneira
De mim só não se aproveita
Somente a manipeira
Quando é tempo de fôrme
Se como até a crujeira

Disse o milho à mandioca:
— Eu tenho melhor estado
Que às vezes um pobre homem
Quando chega do roçado
Não tem tempo de me assar
Me come até chamuscado
Do milho se faz pamonha
As cangica e os cuscus
Tudo isto é agrado.

Disse a mandioca ao milho:
— Eu tenho melhor extração
Só abasta que eu sirva
Para andar de mão em mão

Respondeu o quiabo:
— Sei que o barulho se faz
Eu tenho para mim
Que sou melhor rapaz
O velho pra me engulir
Não precisa de São Braz

Arresponderon o maxixe:
— Quem fala sério não mente
Segundo sua razão
Então nós somos parentes
Não tem cabra que me engula
Que eu não vá descendo quente

Arrespondeu a melancia:
— Eu tenho melhor fidalguice
Eu sou uma fruta boa
Que muita gente aprecia
Pois eu sirvo de refresco
De manánsinha bem fria
Esta vai em seu louvor,
Senhora dona Maria

No romance do Boi Espácio há este documento:

O couro do Boi Espácio
Deu cem pares de surrio
Para carregar farinha
Da praia do Maranhão

Mais algumas referências, entre as quais uma à espécie **coitinga**, desconhecida para nós: No engenho eu não a cansa

(Continua na pg. 14)

Vista com distinção e com elegância comprando o seu vestuário nas



LOJAS PAULISTA

Voiles, fantasias, cambraias finas, brins de linho, "panamás", sedas, musselinas e grande variedade de tecidos de toda espécie, pelas melhores preços da cidade.

LOJAS PAULISTA

Fazendas

* Rua Nova * Praça da Independência * Largo da Encruzilhada *

A CAMINHO DE PARIS

Rosa-Maria de Barros Carvalho, jovem pintora pernambucana, fala a "NORDESTE", a caminho de Paris



Rosa-Maria: Retrato

Durante os trinta minutos que se passaram no Rio de Janeiro, Rosa-Maria de Barros Carvalho falou à reportagem de NORDESTE. E falou com aquele ar de criança nascida e criada num verdadeiro solar pernambucano, embora resida com seus pais no Rio de Janeiro. Filha do pernambucaníssimo Antônio de Barros Carvalho, Rosa-Maria realizou seus primeiros estudos de pintura no Rio, tendo como mestre o grande Portinari, a quem dedica uma consciente admiração. Disse-nos a jovem pintora



Rosa-Maria: Retrato de Norma Jatobá

que desde muito criança sentia necessidade de pintar, desenhar, ou melhor, "de ver as figuras surgirem como se o seu lapis fosse mágico". Seu pai não se decidiu da tendência da filha e levou-a a estudar na "Escola de Belas Artes" com Marques Júnior e Chabelland que lhe transmitiram o segredo da técnica do desenho e da pintura. Foi mais um período de artesanato onde estudou o tema, a composição e o estilo.

"Todavia insisto em dizer que foi Portinari quem me abriu as portas da imaginação plástica. Não sei se estou me explicando bem, mas graças a orientação de Portinari, eu fiquei sabendo que, mesmo quando se pinta de imaginação, é preciso saber copiar o modelo..."

— Entendemos, sim, Rosa-Maria. Você não ficou um gramático da pintura. Elle Faure ano-



Rosa-Maria: Na costura

ta pitorescamente que "há gramáticas da pintura que não são pintores, do mesmo modo que não são escritores os gramáticos da língua".

Rosa-Maria concordou com a citação e riu rumorosamente com a estirada do repórter.

— Quanto tempo, você ficará em Paris?

"Ah! eu quero ver tudo na França! Ver, aprender, pintar... um, dois anos talvez. Mas quero ver muito os Cezanne, os Van-Gogh, todos eles, os grandes!"

E mudando de assunto: "Já tenho trabalhado com nankin, óleo, aquarela e nunca me satisfiz..."

E foi nos mostrando uma coleção de fotografias de seus quadros com um sorriso instantâneo. Alguns deles estaremos nesta página. Muito melhor do que o comentário ligeiro, o olho do leitor poderá ajuizar do extraordinário talento dessa jovem pintora brasileira a caminho de Paris.



Rosa-Maria: Paisagem da Fazenda Sta. Cecilia — Estado do Rio



Rosa-Maria: Mirene e Paulo



Rosa-Maria: Natureza viva

EDIÇÕES "IPE" — Instituto Progresso Editorial S/A

UMA ORGANIZAÇÃO A SERVIÇO DA CULTURA NACIONAL

LIVROS DE PALPITANTE ATUALIDADE:

- "AQUI NÃO SE DESCANSA", de Indro Montaneili. Prêmio de Genova, 1946. A história de uma geração sacrificada pela guerra.
- "MINHA FORMAÇÃO" (Joaquim Nabuco). Obra indispensável a mocidade intelectual do Brasil.
- "EU FUI CHEFE DE POLICIA DE MUSSOLINI", Carmine Senise. — Testemunha ocular do nascimento, vida e morte do fascismo.
- "AS CIDADES E OS ANOS", Constantin Fedin. Obra prima da literatura soviética.
- "CONDIÇÃO DE MULHER" (Bessonchett) — Réplica incisiva de uma escritora brasileira, ao mundo de preconceitos e falsas verdades.
- "COMO FOI PERDIDA A PAZ", Carlos Lacerda. Descrição completa do que foi a Conferência da Paz, em Paris.

MUITAS OUTRAS GRANDES NOVIDADES

Atendentes pedidos pelo reembolso postal. Catálogos a pedido.

DISTRIBUIDORES:

EDIÇÕES ATLAS PERNAMBUCO LTDA. — Rua Nova, 356, 1.º — Fone: 6066

RECIFE — PERNAMBUCO

Bicicletas Belgas



FLANDRIA

A melhor entre as melhores

MAIS UMA REMESSA ACABA DE RECEBER

SOCIERGE

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO

Rua da Moeda, 149 — 1.º andar

FONE: 9422

Recife

Etiologia da Mandioca

(Continuação da pg. 12)

No rodete a mandioca.
Eu tenho o braço pelado
De puxá mocó da loca
Levo o diabo e não me esqueço
Da vila de Itaipoca (30)

Da deamancha a tapioca,
Da festa a galinha cheia,
Do gado miunça a ovelha,
Das flores o bogari,
Do mel de abelha o inchiu,
Das noivas a que fôr rica,
Das Marias a Marica,
Da cantoria a ligeira,
Do roçado a macacheira,
Do milho verde a cangica. (31)

Das mandiocas da terra
A mais braba é a sotinga
Das aves que voam alto
A que mais voa é a tinga
Nunca encontrei bol veíaco
Que eu deixasse na catinga.
Só não acho um cantado
Que quebre a minha mandin-
ga (32)

A muié assim que casa
Tudo pede, tudo qué;
Qué a carne e a farinha
Qué o doce e o café,
Qué a saía e a camisa
Qué a chinela pro pé,
Sáin, d'adonde sai,
Venha d'adonde vinhé,
Eu tou muito acostumado
Com peitica de muié (33)

(1) Arnon de Melo, *Africa*,
Liv. José Olimpio Editora, Rio,
1941, pg. 209.

(2) Ermanno Stradelli, *Voca-
bulários*, Rev. do Inst. Hist.
Brasileiro, vol. 158, tomo 104,
Rio, 1929, e verbetes subsequentes
(pgs. 512-13).

(3) Gustavo Barroso, *My-
thes, Contes et Légendes des
Indiens, Paria*, 1930, pg. 78, no-
ta 1.

(4) Cf. Gustavo Barroso, *As
Cohmas do Templo*, cap. "O
Apóstolo S. Tomé no Brasil",
pgs. 247-63, com exposição e
bibliografia eruditas.

(5) Henry Koster, *Viagens no
Nordeste Brasileiro*, trad. de
Luiz da Câmara Cascudo, S.
Paulo, Coleção Brasileira, pg.
453.

(6) Rocha Pitta, *História da
América Portuguesa*, Lisboa,
1880, Liv. I, pg. 13.

(7) Gilberto Freyre, *Casa*

Grande & Senzala, I vol., Liv.
José Olimpio Editora, Rio, 1944,
pg. 252.

(8) Cf. a descrição dos lagares
portugueses in Jaime Lopes
Dias, *Etnografia da Beira*, vol.
VI, pgs. 182-89.

(9) Herman Watjen, *O Do-
mínio Colonial Holandês no
Brasil*, trad. Pedro Celso Uchôa
Cavalcanti, ed. especial para o
Estado de Pernambuco, Com-
panhia Editora Nacional, S.
Paulo, 1938, pg. 445.

(10) Manoel Querino, *Costu-
mes Africanos no Brasil*, Civi-
lização Brasileira, Rio, 1938, pg.
205.

(11) Gustavo Barroso, *Do
Som da Viola*, Leite Ribeiro
Editor, pg. 467.

(12) Manuel Gálvez, *Jornadas
de Argonia*, Buenos Ayres, 1929,
pg. 424.

(13) Gustavo Barroso, obr. cit.
pg. 406.

(14) Padre Fernão Cardim,
*Tratados da Terra e Gente do
Brasil*, da Col. Brasiliana, S.
Paulo, 1839, pag. 62.

(15) Luiz de Câmara Cas-
cudo, *Notas Sobre o Catimbó*,
em "Novos Estudos Afro-Brasi-
leiros", Civilização Brasileira,
Rio, 1937, pg. 116.

(16) Padre Fernão Cardim,
obr. cit. loc. cit.

(17) Manoel Querino, obr. cit.
pg. 175, nota e.

(18) Gabriel Soares de Sou-
za, *Tratado Descritivo do Bra-
sil*, vol. 117 da Brasiliana, S.
Paulo, 1938, cap. XXXIX.

(19) *Diálogos das Grandezas
do Brasil*, Dois Mundos Editora,
Rio, pg. 189.

(20) Stradelli, *Vocabulários*,
pg. 688.

(21) Manoel Querino, obr.
cit., pg. 325.

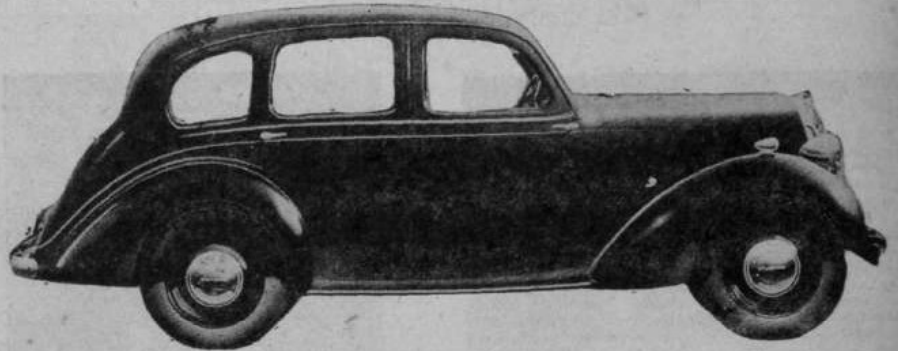
(22) In Maria Lira, *Brasil
Sonoro*, Editora A Noite, Rio,
pg. 108.

(23) Hélio Galvão, *Tradições
Populares da Semana Santa*, na
Revista Tradição, Recife, num.
53, janeiro de 1946.

(24) J. Simões Lopes Neto,
*Contos Gauchescos e Lendas do
Sul*, Porto Alegre, 1926, pg. 203.

(25) Melo Moraes Filho, *Fes-
tas e Tradições Populares do
Brasil*, revisão e notas de Luiz
da Câmara Cascudo, 3a. ed. F.
Briguiet, Rio, pgs. 127-28.

A Agência de automóveis "STANDARD"
Deseja à sua numerosa clientela, neste Estado e nos de Alagoas, Parahyba e Rio Grande do
Norte, FELIZ NATAL e felicidades no ANO de 1948



STANDARD 14 HP.

MATERIAL DE QUALIDADE EXCEPCIONAL, COM ACABAMENTO DE
LUXO. É O MELHOR CARRO DA SUA CLASSE!

Rua da Moeda, 149

1.º - Recife

NOTAS A LAPIS SOBRE CASTRO ALVES

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 4)

(26) Artur Ramos, *O Folk-
lore Negro no Brasil*, Rio, 1935,
pg. 248.

(27) Dante Costa, *Bases da
Alimentação Nacional*, Compa-
nhia Editora Nacional, 1940, pg.
245.

(28) Hélio Galvão, artigo ci-
tado.

(29) Penha é a estação fer-
roviária que serve à cidade de
Canguaretama, e Cuitezeiras é
o nome da primitiva sede do
município de Pedro Velho (Rio
G. Norte).

(30 a 33) Leonardo Moa,
Cantadores, Livraria Castilhos,
Rio, 1921, pgs. 9, 111 e 177.

(O vocabulário sairá no pró-
ximo número)

Quanto a Castro Alves, devemos conside-
rar ainda que ele fazia parte do grupo a que
Nabuco denomina "dos propagandistas" e mor-
reu bem antes de terminada a campanha. Di-
ríamos com mais acerto, que morreu muito
antes de ser iniciada a campanha propriamente
dita da abolição. Ele, como que, constatou e
agitou o assunto, não podendo assim tão de
início sinão tocar superficialmente em seus
aspectos periféricos.

A poesia tinha que explorar o sentimento
do assunto antes que explicar suas origens e
consequências o que cabia mais aos estudiosos
dos problemas nacionais, aos políticos, aos jo-
rnalistas, principalmente a Tobias Barreto, que
não o fez, embora visse muitos anos mais
que o poeta.

Mesmo assim Castro Alves excede à espec-
tativa e dentro do conceito estreito de sua
época, tanto de poesia como de ação social,
pensa dessa maneira: "Quanto a seu fim, a
poesia deve ser o arauto da liberdade — esse
verbo da redenção moderna — e o brado ar-
dente contra os usurpadores dos direitos do
povo". (*)

Uma constante revolucionária há sempre
em seu pensamento, e é tanto mais intensa
quanto o poeta vai se apercebendo da extensão
universal do drama social: Quanto à sua for-
ma, a literatura, sendo a expressão da huma-
nidade, libertou-se dos preconceitos asfixian-
tes da escola clássica — essa jaula do pensa-
mento — assim como a humanidade despeda-
çara o feudalismo — essa jaula da dignidade
popular." (*)

(Continua no próximo número)

Cooperativa dos Plantadores de Mandioca de Pernambuco Ltda.

RUA DO BOM JESUS N.º 144 — 2.º ANDAR

Telefone: 9569

Enderêço telegráfico: "MANDIOCA"

RECIFE

PERNAMBUCO

DISTRIBUIDORA DOS PRODUTOS DA FÁBRICA DE FARINHA
PANIFICÁVEL DO IBURA

EXPORTAÇÃO DE AMIDO — RASPAS — FARINHA DE MANDIOCA E
FARELO DE MANDIOCA

DIRETRIA:

JULIO CARNEIRO DA SILVA — DIRETOR-PRESIDENTE

DR. ESMERALDINO GONÇALVES FILHO — DIRETOR-GERENTE

SEVERINO BIONE DE ARAUJO — DIRETOR-SECRETÁRIO

A UNIDADE VISUAL

De ordinário a câmera se condiz frente aos personagens como um observador neutro, às vezes insistente sobre determinadas figuras, mas quase sempre situando-as no mesmo padrão visual. A objetiva cinematográfica exerce, desse modo, o papel de um olho oculto, invisível aos que se exibem diante dele, temeroso de perder a espontaneidade dos gestos. A circunstância de não tomar o partido de nenhuma face, registrando todas como igualmente disponíveis, torna mais amplias as dimensões em que se exerce a arte do cinema. Não obstante nas possibilidades de plástica serem maiores através de uma objetiva neutra, em várias obras de real importância, a câmera, durante certos momentos, deixava a seu esconderijo e vinha ocupar o posto de um dos personagens. Com essa transferência do ponto de mira, a unidade visual do filme ficava irremediavelmente comprometida. Verificava-se, a partir desse momento, uma visão diferente sobre os mesmos objetivos, que, sendo, por princípio, coincidente com a anterior, forçava o cenarista a modificar a aparência das coisas de conformidade com a nova retina.

Com esse propósito é curioso lembrar o caso de "O Gabinete do Dr. Caligari". Era uma história narrada por um louco que fazia as vezes da câmera. A partir dele todas as coisas se desenrolavam, tomando os aspectos mais extravagantes, não só quanto aos ângulos como às formas em si. Por mais de dois terços da obra, a objetiva foi a visão do louco, até o momento em que ocorreu a sua transferência para um ponto neutro. Com essa mudança de posição, toda a perspectiva teórica que voltar, incontinenti, ao estado normal. No entanto, a perspicácia de seu diretor, Robert Wiene, não foi bastante atenta, como vinha sendo através de um cenário fotográficamente difícil, para impedir tão grave interrupção da unidade visual.

Outro exemplo de quebra de visualidade, desta vez menos perdóvel, por ter ocorrido num filme conscientemente realizado com os puros meios da imagem, está em "Varieté", que, por sinal, é a mais divulgada das obras clássicas do cinema. Seguindo o processo usual, e também o mais fecundo, da objetiva neutra, E. A. Dupont obteve novas imagens para velhos motivos: proporcionou à câmera a mobilidade condizente com as circunstâncias faciais. Nunca se movimentara tanto e nunca se impusera, ao ritmo da história, ângulos tão adequados. Creio mesmo que, salvo "A Turba", de King Widor, nenhuma fita apresentou, posteriormente, tão perfeita relação entre o sentido e a aparência da imagem. Apesar desses méritos excepcionais, a supervisão alemã da Ufa, por muitos anos entregue à agudeza de Eric Pommer, deixou escapar duas ou três cenas cho-

casas para a continuação visual adotada. Na cena da plateia, a imagem dos olhos em primeiro plano e a das mãos em aplausos, ambas vindas de Bess que no momento assumiu o lugar da objetiva, são irrelevantes apenas de se considerar que ao tempo, — há mais de vinte anos — a arte do cinema não estava consolidada, como nunca esteve até o momento de desaparecer.

Além do desajustamento ótico que a lente origina quando se torna personagem, há outro ponto em apóio da manutenção da unidade visual. Trata-se da absoluta desnecessidade dessa transferência de olhos. A disponibilidade da imagem é de tal modo elástica, ela encerra uma tão ampla variedade de recursos que, sem mudar o seu aspecto, pode sugerir aquilo que ocorre no íntimo do personagem, sem deformar, à maneira deste, as coisas visíveis. Charles Chaplin, no seu filme "Em busca do Ouro", poderia ter evitado a intrusão de Carlitos travestido de galináceo, porquanto a fome estava subentendida, e a presença da imagem que ela provocou surgia apenas como "efeito", e como tal, dispensável. Em cinema rege, como em certos sistemas filosóficos, o princípio da coisa eminente, isto é, aquela que contém a realidade do efeito com mais perfeição que o próprio efeito. Nas imagens anteriores à de Carlitos "visto" por seu companheiro, se encontrava a miragem trazida pela sensação da fome.

Nada poderia justificar a interrupção da unidade visual, muito menos para o fim único de repetir o que dissera em boa linguagem. "Em busca de Ouro", mais que qualquer outro filme, leva a se estender ao cinema, com mais vantagens que a qualquer outra arte, o qualificativo de coisa mental, não fosse ele uma fonte de especulações, e não trouxesse consigo processos mágicos de sublimação da realidade.

As impurezas visuais contidas em "Em busca do Ouro" se explicam, como no caso de "Varieté", pela imaturidade do cinema. Durante a sua curta vida, a arte da imagem não atingiu à sistematização de normas, indispensáveis, se era coisa mental, ficando apenas como a promessa de uma grande linguagem. Chegou, contudo, a exprimir, com acento peculiar, profundos motivos, e a oferecer ao espírito novas dimensões. Tão fecunda era a imagem em poder de Chaplin que, se sob certos aspectos exibía defeitos, sob outros expunha qualidades, às vezes de primeira ordem e escapando nos termos específicos do cinema. O sonho de Carlitos representa um deslocamento visual do ponto neutro para o ponto personagem. Transferências menos brusca do que a anterior. A sensação quase imperceptível da mudança de mira, na cena do sonho, que tem o espectador, deriva do fato de as imagens vistas por este serem imagens novas, repletas de outro significado, enquanto na cena da fome havia apenas um

Quando se fazia cinema

Evaldo Coutinho



Carlitos no filme "Em busca do ouro"

sublinhado de formas, um jogo de imagens sinônimas, com dualidade de origem. Apesar do ballet dos pés ser imagem tocante e bela em si mesma, — mais dança que cinema —, a unidade visual foi alterada, em sua essência. Se se tentasse, no cinema, a narração de uma história contada por um dos personagens figurantes, ao modo do "Gabinete do Dr. Caligari", as disponibilidades da imagem estariam circunscritas à presença do personagem — objetiva e mais do que nunca vigoraria a lei do local, impondo o estilo da narrativa. Não seria porisso menos cinema; apenas certos ritmos não poderiam ser alcançados.

Cada imagem, em virtude de suas conexões com outras imagens, conexões de origem, de forma, de existência, suscita outra imagem, muitas vezes de modo tão exclusivo que se poderia indagar se esse rosto que está diante da câmera, não é, porventura o processo pelo qual se apresenta a face oculta. A objetiva neutra percorreria terras longínquas e na tela as ausências ocupariam os seus lugares. A interposição das coisas ocultas estabelece, na história, uma acentuação de presença insuperável.

As mesmas disponibilidades faciais não favoreceram a câmera-personagem. Só a meio, ela transferiria ao espectador as suas impressões tendentes à abstração e às imaginações de paisagens que ela nutre e deseja perpetuar através da compreensão unânime.

gosa, residindo a força de sua plástica na oportunidade de seu aparecimento, ao modo de sêres cuja vida se reduzisse apenas a a aparecer em determinado instante e nada mais. Se no momento da atuação estava contida a densidade expressional das figuras, de certo que a continuidade do assunto importava muito mais ao cenarista do que o próprio registro fotográfico das cenas e das seqüências. Na distribuição das imagens através da história, o cenarista, como um habitante de vários mundos, enfrentava múltiplos aspectos do tempo, redutíveis a imagem e inseparáveis do que elas possuíam de mais íntimo.

As imagens se interpunham no decorrer do argumento com uma plasticidade tendente à infinitude, sugerindo a afirmativa de que, em última instância, e aplicando-se o princípio da sinonímia universal, tanto valia, para uma idéia, a sua exteriorização por meio de uma folha como através de um rosto humano. Era o ato de sua presença que revestia a face com o significado que, em gradações sucessivas, germinava das faces anteriores. A oportunidade no aparecimento e a "pre-disposição" criada pelas passagens antecedentes constituíam a base da cena e ao surgirem, em perfeita adequação, pertenciam menos à história que à visualização em si própria; eram muito mais da câmera que da narração.

Por ter existido o enredo, a cujo desenrolar subordinava-se a objetiva, raros foram os momentos em que as imagens se intercalaram, como que, espontaneamente, à semelhança de coisas que se oferecem aos olhos do espectador. Mesmo em obras de grande poder facial como "A Turba" e "A Paixão de Joana D'Arc", nunca o cinema linguagem se apresentou, — nem poderia fazê-lo, dada a interferência do assunto, — com o aspecto de algo puramente visual, autônomo, a objetiva indo às imagens, prendendo-as como num ato de posse.

No cinema das situações em ato, a potência criadora está na câmera, e sem ela os acontecimentos não existiriam, dado que, diferentemente do cinema linguagem onde a história precedia as imagens, o sentido das situações é posterior ao seu encontro pela objetiva. Poder-se-á dizer do cineasta das situações em ato que é alguém "com a câmera ao ombro", como de si próprio dizia Dziga Vertov, em sua busca do documentário ao vivo. A atividade da câmera, dependendo da aprioridade do enredo, exigiria, do cineasta, mágica presteza, em verdade impossível de ser atingida, na captação das figuras que, sem nenhum impulsionamento-intencional, se inclinam, entretanto, a um significado diferente do que cada uma traz em particular; e, reunidas assim pelo acaso, entregam, ao observador, um

sentido inesperado. A falta de uma objetiva que estivesse, a todo instante, atenta à essas aparições, frequentes à vista dos vultos que transitam, supra-a o olho humano, curioso de formações alheias à previsão, como em "Varieté" o olhar de Bess, vislumbrando o flagrante de um homem e de u'a mulher que cruzam frente à janela, trouxe, para a sua inquietação, a suspeita de que Berta Maria o enganara.

Mas era a obra de Chaplin a que se aproximava desse cinema adequado à câmera do olho humano. O motivo da inadaptação de Carlitos e a sua consequente fuga do mundo, era o "a posteriori" daqueles tipos de aventureiros, saltimbancos, milionários, vagabundos, mulheres puras que convergiam para ele sem que os procurasse, por espécie de decisão unânime dos homens e das coisas sobre o seu destino. Para visualizar as suas situações em ato, Chaplin adotava uma continuidade de cenas e de seqüências nitidamente diversa da que se desenvolvia no cinema das narrativas literárias, uma continuidade não à base do "crescendo" da história mas do equilíbrio dos acontecimentos das participações. A continuidade fluía sobre a trilogia-sequência, cena e Carlitos —, cada um possuindo, em maior ou menor grau, o motivo da fuga, e configurando-se como situação em ato.

A propósito de a simples figura de Carlitos, independente de qualquer background, conter toda uma situação em ato, induzindo à reforma do conceito de cinema como sucessão de imagens para o de cinema como algo de mais extensivo, atingindo a uma face imóvel quando reveladora de ausências reconstruíveis, à maneira da fisíonomia desse personagem, repleta de fecundos subentendimentos.

A seqüência do expatriamento em "Pastor de Almas", a cena final de "O Circo", o simples lado físico de Carlitos em todos os trechos de sua vivência, expunham, com delicada nitidez, aquilo que o próprio Chaplin chamou de "o homem perdido no mundo". As três entidades de sua obra representavam aparelhos condensadores da idéia da fuga e, como tal, as seqüências se sucediam, nos momentos de maior perfeição, por saltos, dispensáveis que eram os traços de união do cinema linguagem. Quando, por circunstâncias exteriores, Chaplin interrompeu a filmagem de "O Circo", precipitando o seu término, nada de substancial foi perdido, o motivo da fuga, nas situações em ato nascidas do circo, estava plenamente externado, e as derivações desse tema incluíam-se, na mente do espectador, como formas subentendidas. Numa obra do cinema visualizador de romances, de contos e de peças teatrais, a fluência do enredo não permitiria esse corte na continuidade, do qual são suscetíveis, sem nada perderem, os cenários de Chaplin que sobreviverem, também, por cissiparidade.

Grandes Concurso de Romances de "Nordeste"

A acatitação que mereceu o famoso Concurso de Romances, levou-nos a transferir a data de entrega de originais, que deveria ser no dia 31 de dezembro deste ano, para o dia 31 de maio de 1948. Assim os concorrentes que estavam em dificuldades para nos enviar os originais foram atendidos nas nossas solicitações. NORDESTE já recebeu alguns originais e continua a espera de outros desde o Maranhão a Alagoas.

AS BASES
1.º) No dia 31 de maio de 1948 terminará o prazo para recepção dos originais na redação da revista.
2.º) Serão aceitos romances ou novelas inéditas e cujo texto deverá constar, pelo menos, de duzentas páginas datilografadas em espaço duplo, em tamanho alfanome.

fadas em espaço duplo, em tamanho alfanome.

3.º) Os concorrentes serão escritores nascidos ou residentes na região compreendida entre Maranhão e Alagoas, região que será também o centro do livro.

4.º) Serão excluídos escritores que tenham mais de dois livros publicados.

5.º) Os trabalhos devem ser enviados em 4 cópias. O nome do autor virá em sobrecarta fechada e o pseudônimo nos originais e na sobrecarta.

6.º) O julgamento será atribuído por júri de três escritores de preferência do sul, cujos nomes serão divulgados ao resultado final.

7.º) O critério fundamental do julgamento será a capacidade

AS SITUAÇÕES EM ATO

Quando a história conduzia a câmera, as imagens ficavam tolhidas em seu desenvolvimento. Permanecendo facialmente inalteráveis, elas revelavam, contudo, uma disponibilidade de

de criação artística e de expressão literária.

8.º) Poderão ser conferidos até três prêmios, em ordem numérica, a juízo da comissão. Verificando-se que o candidato ao ser identificado não preenche as condições constantes deste regulamento, ficará insubstituente o prêmio conferido.

9.º) O prêmio constará da edição pela revista NORDESTE dos livros classificados, cabendo aos autores o saldo das edições.

Livros Nacionais e Estrangeiros

Literatura — Livros Escolares, Técnicos e Científicos

LIVRARIA DA

Companhia Editora Nacional

Rua da Imperatriz, 43 — Telefone 2726

ATENDEMOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO

RECIFE

PERNAMBUCO

NOVA ERA PARA O NORDESTE



Lançada a Companhia Hidro-elétrica do São Francisco — Aproveitamento da Cachoeira de Paulo Afonso — O Governo subscreverá 200 milhões de cruzeiros — Subscrições Públicas de Ações preferenciais de 1.000 cruzeiros cada uma — Apenas 100 cruzeiros no ato da subscrição e o restante em 7 anos.

Acenderam-se de novo as esperanças dos sertanejos: está sendo organizada a Companhia Hidro-elétrica do São Francisco e uma nova era despontará nestas terras nordestinas onde só prevalecem a tristeza do homem e a ingratitude da Natureza. Aquela aspiração de todos vai tomando formas, vai se estruturando e já agora estão lançadas as bases para o aproveitamento do "Grande Rio".

sairão novas linhas para João Pessoa e Campina Grande, com fornecimento também às zonas adjacentes.

De Propriá — centro de irradiação da energia para a zona Leste — partirão duas outras linhas: uma para Maceió e outra para Aracaju, servindo ao mesmo tempo às regiões dentro do seu raio econômico de ação.

De Feira de Santana — que

e abandonados em terras férteis e cheias de vida.

E naturalmente a energia farta e barata provocará por todos os recantos o desenvolvimento de várias indústrias. E mais ainda, essa energia será empregada na eletrificação de estradas de ferro da região, e o seu emprégo na eletrificação rural, principalmente na irrigação, pelo bombeamento das águas do São Francisco.

Todo projeto já foi debatido pelos técnicos e engenheiros mais credenciados no assunto e os resultados econômicos da grande empresa podem ser desde já assegurados. Um orçamento parcial da obra foi organizado, tomando-se por base a instalação de dois grupos geradores de 56.000 KW cada um e o total de todas as parcelas dos seus serviços monta a Cr\$ 400.000.000,00 (quatrocentos milhões de cruzeiros).

E segundo os dados estatísticos disponíveis e em face da situação das usinas fornecedoras de energia elétrica da região abrangida pela parte daquele esquema inicial, o mercado atual para a venda, em grosso, da energia elétrica produzida em Paulo Afonso é de cerca de 120.000.000 KW h.

Assim, o custo do quilowatt hora necessário a atender àque las despesas será de Cr\$ 0,2 (vinte centavos). Se forem incluídos um lucro de 10% sobre o investimento, a despesa a ser cobrada será de Cr\$ 64.000.000,00, o que elevará o preço do quilowatt hora a Cr\$ 0,53 (cincoenta e três centavos).

Considerando-se apenas a remuneração de metade do capital com dividendo de 6%, a despesa a ser cobrada montará a Cr\$ 36.000.000,00, do que resultará um preço para o quilowatt hora de Cr\$ 0,30 centavos).

Esses preços são baixos em relação aos preços cobrados atualmente aqui no Nordeste e a tendência é baixar mais ainda com o aumento do consumo.

Estão aí os dados em esquema e tudo nos leva a confiar no empreendimento.

Por isso, patrioticamente, compreendendo a ansia das populações Nordestinas, resolveu o Governo Federal apoiar diretamente a realização do Aproveitamento da Cachoeira de Paulo Afonso, autorizando, o Ministério da Agricultura a organizar a Companhia Hidro-elétrica do São Francisco com o capital inicial de Cr\$ 400.000.000,00 (quatrocentos milhões de cruzeiros).

Outros auxílios virão apoiar a realização do empreendimento e para este fim foram autorizados os Institutos, as Caixas de Aposentadorias e Pensões, as Caixas Econômicas Federais a subscriverem ações da Companhia do São Francisco.

O Engenheiro A. J. Alves de Souza, diretor-geral do Departamento Nacional da Produção Mineral e Organizador da Cia. Hidro-elétrica do São Francisco, como representante do Mi-

nistério da Agricultura, vem mantendo permanente entendimento com o Ministro Daniel de Carvalho a fim de desincumbir-se, com pleno êxito, da missão para a qual fora designado pelo Presidente da República.

Nas conferências com o titular da Agricultura, o referido técnico fez exposições sobre as providências tomadas para a organização da importante Companhia, cujo prospecto e projeto de estatutos já estão sendo amplamente divulgados nesta Capital e nos Estados de S. Paulo, Minas, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Paraíba.

Os nordestinos — ponderou o ministro — saberão escolher o caminho da sua redenção econômica contribuindo financeiramente, na compra de ações preferenciais, para o aproveitamento da famosa cachoeira de Paulo Afonso, que dará àquela estratégica região a energia elétrica de que tanto carece.

preendimento que o atual governo e o Congresso Nacional decidiram levar avante com o máximo apoio, inclusive do ponto de vista financeiro, ao assumir o Executivo o compromisso de subscrever ações ordinárias no valor de 200 milhões de cruzeiros, isto é, metade do capital da Companhia. A outra metade será constituída de 200 mil ações preferenciais de Cr\$ 1.000,00 (mil cruzeiros) cada uma, com direito a um dividendo privilegiado de 6% no mínimo. A integralização das ações preferenciais será feita dentro do prazo de sete anos, de acordo com as chamadas estabelecidas pela futura diretoria da Companhia, sendo paga, no ato da subscrição, a primeira parcela correspondente a Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros) por ação.

Salientou o engenheiro A. J. Alves de Souza que a subscrição pública das ações preferenciais da Cia. Hidro-elétrica do São Francisco teve início em 1.º de dezembro e encerrar-se-á em 15 de janeiro de 1948, sendo encontradas no Banco do Brasil e suas sucursais nos Estados interessados.

CUMPRIMENTO DE UMA PROMESSA

Ao organizador da Cia. Hidro-elétrica do São Francisco o ministro Daniel de Carvalho assegurou o máximo apoio ao empreendimento, que é o cumprimento de uma promessa formal do general Eurico Dutra, reafirmada durante a visita que fizera à região do São Francisco e que representa secular aspiração dos brasileiros.

Aplaudindo as providências que estão sendo tomadas pelo engenheiro Alves de Souza, o titular da Agricultura manifestou também sua confiança no êxito da Companhia, de vez que considera as suas finalidades como de vital importância para o nordeste brasileiro. Tanto mais que a construção da primeira etapa da usina fôra resolvida depois de cuidadosos exames econômicos e de se ter verificado que a energia a ser produzida teria imediato consumo, a preço razoável na região circunvizinha e nas capitais dos Estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Paraíba.

APÊLO AOS BRASILEIROS

Os nordestinos — ponderou o ministro — saberão escolher o caminho da sua redenção econômica contribuindo financeiramente, na compra de ações preferenciais, para o aproveitamento da famosa cachoeira de Paulo Afonso, que dará àquela estratégica região a energia elétrica de que tanto carece.



Os estudos de engenharia já foram feitos e em Paulo Afonso será levantada a Usina Hidro-elétrica para 440.000 KW, aproveitando-se a força inesgotável de sua cachoeira. Daí partirão as linhas de transmissão levando energia e força aos pontos mais distantes de todo o Nordeste.

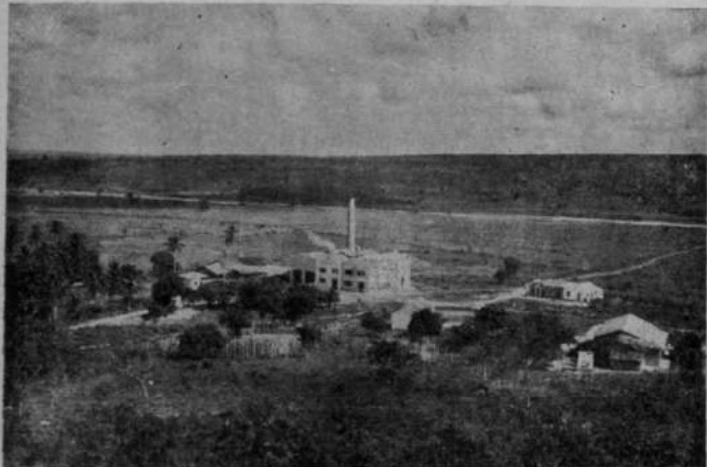
As linhas tronco de transmissão já previstas são, partindo do Norte: uma para Caruarú (Pernambuco); uma segunda para Propriá (Sergipe) e uma terceira para Feira de Santana (Bahia).

De Caruarú — centro de irradiação da energia elétrica produzida para a zona Norte — partirão linhas de transmissão secundárias para o Recife, servindo a zona percorrida, e para Natal na Paraíba, de onde



Cachoeira de Paulo Afonso — Ao longe, a garganta da grande Cachoeira que produzirá 440.000 quilowatts, energia farta e barata para o Nordeste

Os Fernandes de Lima e a Economia Paraíba



Dominando um imenso vale onde a cana se vive Monte Alegre representa uma arrojada iniciativa manguape e

de de ano a ano, viçosa e promissora, a Usina de larga influência na vida econômica da Paraíba

Da velha cidade de Mamanguape à capital do Estado — Uma família empreendedora que lembra a legenda "Um por todos, todos por um" — Nasce uma usina e prospera uma cidade — "Monte Alegre" no parque açucareiro paraibano — Os irmãos Fernandes de Lima

Quem se demorar no estudo das atividades econômicas na Parahyba, encontrará farto material para capítulos inteiros, tal o vulto de empreendimentos que falam hoje de sua lisonjeira posição no comércio, na agricultura e na indústria do país. Essa admirável capacidade de trabalho e esse magnífico espírito de iniciativa que tanto têm singularizado o homem nordestino em luta constante com as mais incriveis dificuldades, destacam-se aqui e ali, quer nos limites de sua capital, quer ao longo da Borborema, entre serras e vales, dentro dos horizontes que encerram os seus 41 municípios. E a história desses pioneiros é a mesma história que escrevem hoje com suor os que realizam o presente em função de seu futuro. História que ainda não foi contada no seu conjunto e que surge em detalhes isolados, mas que nem por isso deixa de dar uma idéia bem real do valor de uma gente dedicada à lavoura, ao comércio e à indústria, com a persistência e a audácia que tanto caracterizam os nossos lendários bandeirantes. Aquêles campos lavrados que deram fama ao rico vale do Piancó, aquêles engenhos que dão tanta beleza às paisagens longínquas de Bonito de Santa Fé, aquêles estabelecimentos comerciais que emprestam à Cajazeiras o aspecto de uma

metrópole sertaneja, aquelas chaminés que estão fazendo de Patos uma minúscula Manchester nos confins da Borborema, aquela agitação febricitante que singulariza Campina Grande como uma Chicago brasileira no interior nordestino e aquêles teares que ocupam tantas mãos em Santa Rita, juntando-se às atividades dos homens que mandam de João Pessoa para o resto do Brasil e para o mundo, algodão, agave, óleo de cá, café, fumo, açúcar e outros produtos de consumo certo e constante, falam muito alto do imenso potencial humano que se condensa na Parahyba. Falam de iniciativa, de arrojado, de trabalho e de dinamismo de uma gente que não desançava na bonança nem se deixa ficar lamurienta nas horas da tragédia e de sacrifícios.

E é dessa gente que se prende dia e noite no trabalho que descendem os irmãos Fernandes que caminharam da planície à montanha com a mesma determinação, unidos e dispostos à conquista de um bom destino. Como meninos pobres em Mamanguape não tiveram infância nem juventude, logo empurrados pelas condições de vida às atividades. Dispersos para o ganhação honesto, trilhando caminhos diferentes, reuniram-se em 1915, pela primeira vez, para fincar um marco — a firma G. Fernandes & Cia., na cidade de Mamanguape, sob a batuta de Gustavo Fernandes, o mais velho e de mais experiência naquela época entre os demais João, Manuel, Carlos e José. E, desses vinte e cinco anos que se passaram, encheram páginas e mais páginas de uma vida que define uma gente, exalta uma geração e dignifica um nome

de família: Fernandes de Lima. Não palmilharam os caminhos escuros que conduzem às fortunas rápidas nem se deixaram ficar vencidos pelos primeiros obstáculos. Persistiram unidos, navegando entre as tempestades e vencendo as calmarias. Não amalharam como avarentos, nem esbanjaram como nababos. Prosperaram na progressão que define os homens de princípios, sem os saltos que caracterizam os aventureiros. Não sonharam demais nem deixaram de sonhar. Não fizeram castelos na areia nem se entregaram ao exibicionismo que anula os bons começos. Começaram pelo princípio e estão vencendo todas as etapas da vida, com o mesmo equilíbrio, a mesma harmonia e o mesmo bom senso.

E como todo bom começo proporciona sempre um bom êxito, Fernandes & Cia., sucedendo em 1922 à G. Fernandes & Cia., levaram êsses cinco filhos de Adão ao alto comércio de açúcar e importação de farinha de trigo, com influência nos círculos econômicos sociais e políticos da Parahyba. Nessa marcha em crescendo, logo se infiltraram no parque industrial e em 1940, os Fernandes de Lima se constituíram em outra organização — Irmãos Fernandes Ltd. — para a exploração da Usina Monte Alegre que fizeram erguer num vale às portas da velha Mamanguape. Agora são eles produtores e exportadores de açúcar e importadores de farinha de trigo. A cada um foi cometida uma missão e em cada uma, todos se completam com inteligência, probidade e sabedoria, João Fernandes de Lima, diretor-presidente de Irmãos Fernandes Ltd., já dispõe de tempo para atuar em

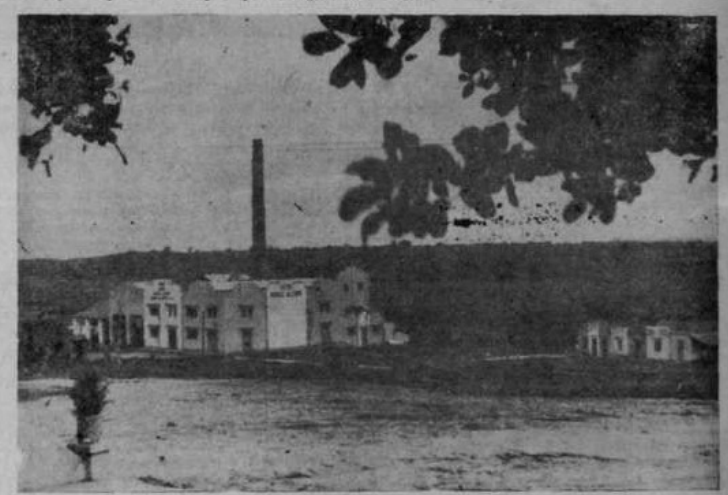
campo mais largo no meio social e, assim, como presidente da Associação Comercial de João Pessoa até princípios deste ano e atualmente Deputado à Assembléia Legislativa do Estado, vai prestando relevantes serviços à coletividade paraibana.

Gustavo Fernandes, como advogado defende os interesses da lavoura canavieira junto ao Instituto do Alcool e Açúcar, no Rio de Janeiro. José Fernandes, Secretário da Fazenda entre 1946 e 1947 e atualmente Prefeito constitucional de Mamanguape, dispense as energias de seus trinta anos no serviço público com o mesmo interesse e dedicação como outrora se empenhava em suas atividades particulares. E Manuel e Carlos Fernandes de Lima desempenham a tarefa que lhes coube na direção da Usina Monte Alegre e dos escritórios de Fernandes & Cia.

Obedeceram ao velho princípio britânico — **The right man in the right place**, enquanto vivem agitados, sem dispersão de forças, ajustados a um programa traçado em família, trabalhando e produzindo.

Ninguém pode fazer mais, nem melhor. Nenhum exemplo cooperativista é mais convincente. Os cinquenta mil sacos que a Usina Monte Alegre produz e as suas possibilidades de duplicá-los, documentam vinte e cinco anos bem vividos e bem trabalhados na terra paraibana.

E, nesse nordeste, quando uma chaminé se ergue, pode-se ver, **quasi sempre**, em cada pedra de seus alicerces, suor e sacrifícios.



Modernamente instalada, com todos os requisitos exigidos pela técnica, a Usina Monte Alegre, que os irmãos Fernandes de Lima fizeram erguer em Mamanguape, está produzindo 50.000 sacos de açúcar, por safra, dispondo de capacidade para o duplo

Modernidade e Modernismo na Arte Política

(Continuação da pg. 6)

o cubismo foi, por um lado, uma herança de cultura islâmica — tratada, atualizada e exagerada por ele no seu aspecto experimentalmente estético — e por outro lado, um meio de conter-se, e ao seu espanholismo, ao seu fanatismo, ao seu intensismo lírico, ao seu anarquismo modernista. E que um e outro eram grandes demais para serem modernistas. Transbordaram do modernismo. Permaneceram modernos. Continuam modernos. Enquanto os sistemas modernistas para cuja criação concorreram mais com seu gênio poético do que com sua inconstante meticulosidade científica são, cada dia mais, sistemas superados, ultrapassados, excedidos por outros sistemas, embora de modo nenhum destruídos ou aniquilados, nem o cubismo por quanto anti-cubismo se tem levantado furiosamente contra ele, nem o marxismo por quanto anti-marxismo

mo se tem inventado para reduzi-lo a pó. Do sistema sociológico e, ao mesmo tempo, econômico e político, ligado ao nome de Marx e de Engels, parte considerável se acha incorporada, ou em processo de incorporação, às ciências sociais e à engenharia social ou à arte política. Nessas ciências e nessa arte, ninguém nem tampouco decorrem passivamente d'elles. São, como dizem os sociólogos mais modernos, "organicamente relacionados". Outro ponto em que o marxismo foi tão simplesmente modernista em arte política quanto o cubismo nas artes plásticas foi em esperar que, abolida nas sociedades ou, pelo menos, reduzida, a hierarquia que se exprime em classes — espécie de equivalente, na plástica social, da perspectiva na pintura — e aclamado o proletariado "classe única" bem alimentada, bem vestida, bem abrigada — cessariam todos os motivos de luta entre os homens, como se das novas condições de vida não surgissem novos motivos de insatisfação, de inquietação, de luta. Pelo que críticos como o já citado Professor Mumford acusam o marxismo de ter caído na mítica vitoriana de "happy end". A verdade é que os desenvolvimentos sociais, excitados ou

estimulados pelo largo emprego da electricidade nas sociedades mais adiantadas, só têm feito, como salienta outro crítico atual do marxismo, o Professor Lancelot Hogben, diminuir, nas sociedades que fazem maior uso de electricidade, a tendência para a proletarianização da classe média. Tendência, entrevista por Marx como geral e irresistível. O Professor Hogben vem demonstrando, em estudos objetivos e inteligentes, que não o emprego cada dia maior da electricidade vem exigindo número cada dia maior de peritos, de técnicos, de especialistas nas sociedades britânicas e, por consequente, reduzindo, entre elas, a tendência para a proletarianização — no sentido de pauperização — da classe média. Esta é que vem se expandindo numa espécie de classe única com várias sub-classes.

Nos Estados Unidos é também o que se tem verificado; e ali de forma ainda mais acentuada. E o que mostra Alfred Bingham no seu *Insurgent America*: outro trabalho sociológico que sendo de orientação post-marxista não é, de modo algum, anti-marxista. Recomendando o também aos estudantes de São Paulo que porventura ainda não o conheçam. Como lhes re-

comendo os estudos do Professor Myrdal sobre a Suécia e o admirável ensaio em que um pensador britânico, o Professor John MacMurray, sobrepe ao marxismo sistemático ou sectário o que denomina "democracia construtiva" ou "democracia positiva" diversa da negativa, que seria a liberal ou liberalista. A democracia "construtiva" ou positiva do Professor MacMurray baseia-se no reconhecimento do fato de que os problemas humanos são hoje principal ou primariamente econômicos: um fato posto violentamente em relevo pela revolução marxista em sociologia, em economia e em política. Dal se impossível uma democracia econômica, sem que se faça obra de planificação social tecnicamente centralizada mas politicamente descentralizada: com o máximo de participação, nesse esforço, do homem comum através do seu município ou da sua comuna. Na reviviscência da democracia local ou municipal que, felizmente, é hoje uma das preocupações mais vivas entre os brasileiros empenhados na renovação da nossa vida política e na organização democrática das relações entre os grupos rurais e os urbanos da nossa população, estaria o meio mais simples de se fazer

coincidir a democracia política com a econômica, a rural com a urbana. Pois nada nos autoriza a acreditar com Marx que a vida rural seja o que ela considerou, num excesso de modernismo ou de cubismo político, uma "vida idílica" que deva ser sistematicamente substituída pela generalização da estrutura urbana ou metropolitana a todas as áreas de atividade humana. Nesse afã de subjugard todo o complexo urbano a natureza — que teria reduzidas suas curvas rurais às retas, aos ângulos, aos cubos urbanos — o modernismo marxista como que se antecipa ao cubismo picassista, também empenhado em que um crítico alemão, Wilhelm Hansenstein, chamou muito germanicamente de "desnaturalização da natureza pela forma". Desnaturalização atingida, no cubismo, por uma nova ordem dada à representação plástica das coisas e do corpo humano, quase reduzidos a pretextos para criações geométricas. Por André Salmon chamou ao cubismo de "pintura-quadro" do mesmo modo que se poderia chamar ao marxismo de "política-quadro". Pretendendo servir-se só do cubo, do paralelepípedo, das formas piramidais e da esfera, o cubismo foi, nas artes plásticas, um equivalente ao marxismo. Pois este na arte política ou na engenharia social, procurou ser absolutamente, fanaticamente, rigidamente linear, esquemático, cúbico. (Concluirá no próximo número)

CARVALHO & CIA.

CAPITAL Cr\$ 12.000.000,00

Caixa Postal - 465	6130
Telegramas - ALMARE	6852
Códigos - Todos em uso e particulares	7217
Telefones	7328
	7329
	7330
	7331
Depósitos	6644
	7112

COMISSÕES - CONSIGNAÇÕES - CONTA PRÓPRIA
Edifício ALMARE - Avenida 10 de Novembro, n.º 154

Recife - Pernambuco

Importam diretamente das fontes produtoras nacionais e estrangeiras, mantendo grandes estoques:

SECÇÃO DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

CIMENTO PORTLAND, BRANCO, COLORIDOS - FERRO REDONDO, QUADRADO, EM BARRA - CANOS PRETOS E GALVANIZADOS - TÁBUAS DE PINHO - LOUÇA SANITÁRIA - FERRAGENS - ELETRODUTOS - ETC., ETC., ETC.

SECÇÃO DE MÁQUINAS

MOTORES DIESEL E A GASOLINA - GRUPOS ELETROGENEOS - COMPRESSORES DE AR - BOMBAS CENTRIFUGAS - BOMBAS P/ POÇO PROFUNDO - MÁQUINAS LINCOLN P/ SOLDA ELÉTRICA - ESMERALHADORAS ELÉTRICAS - FURADEIRAS ELÉTRICAS - ETC., ETC., ETC.

SECÇÃO FERRO, AÇO E OUTROS METAIS

CHAPAS PRETAS E GALVANIZADAS - CHAPAS DE AÇO INOXIDÁVEL - CHAPAS DE ZINCO - CHAPAS DE COBRE E LATÃO, BOBINAS COBRE - CANOS DE AÇO PARA VAPOR E ÁGUA - CANOS DE COBRE E LATÃO - AÇO QUADRADO E EM BARRAS - EIXOS POLIDOS PARA TRANSMISSÃO - CABOS DE AÇO - ETC., ETC., ETC.

SECÇÃO DE RÁDIO E REFRIGERADORES

RÁDIOS ECHOPHONE - RADIOLAS SCOTT - REFRIGERADORES McCRAY - ALTO-FALANTES, MICROFONES, ETC., ETC.

SECÇÃO DE MÁQUINAS E MÓVEIS DE AÇO PARA ESCRITÓRIO

MÁQUINAS DE ESCREVER L. C. SMITH, CORONA, UNDERWOOD E REMINGTON - MÁQUINAS DE SOMAR - ARQUIVOS, FICHÁRIOS, BUREAUX E MESAS DE AÇO DE FABRICAÇÃO INGLESA A PREÇOS BARATOS

Representantes das mais importantes empresas nacionais e estrangeiras

PROBLEMAS DE BASE

(Continuação da pág. 20)

te. Faleceram em seguida com diminuição de peso e com diferença de dias de um para o outro.

— E os ratos testemunhas?

— O rato testemunha n.º 6 no dia 23-6-47 pesava 29 grammas, o n.º 7 pesava 30 grammas, o n.º 8 pesava 28 grammas e o n.º 9 pesava 25 grammas. No fim da experiência, ou seja no dia em que morreu o último rato que comeu farinha de mucunã, os ratos testemunhas 6, 7, 8 e 9 atingiram a 114,8 — 122, — 118, — e 103 grammas de peso. Não só aumentaram de peso como cresceram e ainda hoje estão vivos...

Além, a respeito da influência da alimentação no crescimento, o professor Ruy Coutinho, em "Valor Social da Alimentação", destaca várias experiências, entre elas as de Schmidt, citada por Thomas, onde ficou mais uma vez demonstrada "a influência da alimentação sobre o tamanho do animal". E cita as experiências de Sherman, Campbell e de Santos, todas elas feitas com ratos e de resultados satisfatórios. (Pg. 115-2a. ed.).

A elas podemos acrescentar as dos professores O. Gonçalves de Lima e Nelson Chaves.

Em conclusão: o exame histológico nos ratos mortos pela farinha de mucunã, realizado pelo dr. Hélio Mendonça, assistente do dr. Coelho de Almeida, catedrático de Histologia da Faculdade de Medicina, revelou degeneração gordurosa do fígado e um processo congestivo nos rins.

2a. experiência

— E os pombos?

— A experiência foi feita com pombos adultos em número de oito, divididos em 4 grupos casais. O casal A foi submetido a uma dieta de 30 grammas de milho em grão para cada um diariamente. O casal B a uma dieta mista de 15 grammas de milho em grão, para cada um diariamente. O casal C a uma dieta mista de 15 grammas de mucunã crua e 15 grammas de milho em grão para cada um diariamente. O casal D a uma dieta mista de 15 grammas de mucunã crua e 15 de milho em grão para cada um, diariamente.

Durante o período de 45 dias, chegou-se ao seguinte resultado: O casal A, submetido à dieta de 30 grammas de milho, manteve o seu peso. O casal B, submetido à dieta de 15 grammas de milho, apresentava a seguinte diminuição de peso: começaram com 246 e 223 grammas e diminuíram para 224 e 185 grammas.

O casal C, submetido à dieta mista de 15 grammas de mucunã crua e 15 de milho, faleceu com grande diminuição de peso. E o casal D, submetido à dieta mista de 15 grammas de mucunã crua e 15 de milho, apresentava a seguinte diminuição de peso: começaram com 237 e 278 grammas e diminuíram para 195 e 225. Mesmo comendo quantitativamente o duplo do que comia o casal B, o casal D teve uma mais sensível diminuição de peso.

"A MUCUNÃ SUJA MATA E LAVADA ALEJA"

"É uma triste verdade hoje felizmente no domínio da população inteira", escreveu Rodolpho Theophilus em 1883. E as experiências levadas a efeito pelos professores Lima e Chaves confirmam o ríspio popular, embora contrariem as declarações do professor Josué de Castro que, no livro "Geografia da Fome" (ed. Cruzeiro,

1946), afirmou: "Trata-se, pois, de uma leguminosa de alto valor nutritivo e inocua, que, considerando sua extraordinária resistência aos períodos de seca, deveria ser plantada no sertão como um valioso recurso para combater a fome nos períodos de calamidade". (pg. 238).

Sobre a finalidade das pesquisas que estavam realizando, o professor Nelson Chaves nos disse o seguinte:

"Verificado que a mucunã tem uma boa quota de proteína e como há, no Brasil, uma crise de proteína animal, procuramos verificar, também, se a proteína da mucunã tinha valor biológico.

Para isso precisamos analisar se a proteína da mucunã tem aminoácidos essenciais, capazes de promover o crescimento e manter a vida. Quanto a primeira parte, ou seja a verificação dos aminoácidos, estamos aguardando a realização de análises químicas. Parece-nos, contudo, que a proteína da mucunã não é de valor biológico, uma vez que os ratos tiveram uma curva de crescimento e aumentos de peso insignificantes, com alternativas de diminuição, em comparação com os que receberam como proteína, a caseína. Os primeiros morreram em um curto período de observação, mantidos nas mesmas condições ambientais. Chegamos a conclusão de ser confirmada a toxicidade da mucunã aludida por Rodolpho Theophilus, inclusive o fenômeno da diarréia. Como confirmação das observações do ilustre pesquisador cearense, os ratos apresentaram anemia e morreram num espaço de tempo muito curto, o que não deveria ter acontecido se tivessem sido alimentados com uma proteína de baixo valor biológico, como a do feijão. A morte, neste caso, deve estar ligada à toxicidade produzida pela farinha de mucunã. Além disso, temos o laudo histológico do dr. Hélio Mendonça que revela degeneração gordurosa do fígado e um processo congestivo nos rins.

"Não ficaremos na mucunã, conclui o professor Chaves, pois estamos estudando a faveira e outros alimentos chamados de bárbaros ou nativos".

UM CONVITE CORDIAL E EXPERIMENTAL AO PROF. JOSUE DE CASTRO

"A mucunã é tóxica". É a conclusão das experiências dos professores Nelson Chaves e O. Gonçalves de Lima. Enquanto isto, o professor Josué de Castro, diretor do Instituto Nacional de Nutrição, prega em livro, em conferências e em entrevistas, como aconteceu por ocasião de sua recente viagem à Europa, — onde lançou a afirmativa de que, no Nordeste brasileiro, existia uma farinha maravilhosa capaz de salvar da fome os europeus famintos, — que a mucunã não é tóxica.

Para destruir as experiências dos cientistas pernambucanos, nós fazemos a seguinte sugestão que é também um convite cordial: o professor Josué de Castro poderia vir até ao Recife submeter-se a uma dieta com farinha de mucunã, pelo espaço de 20 dias apenas. Ele poderá escolher: a mucunã do sertão, variedade vermelha e glabra ou a mucunã gessada, do litoral. E enquanto não provar em contrário, a ética científica e mais ainda, a vida das populações sertanejas, ameaçada por conclusões levianas, exige uma retratação oficial do próprio INSTITUTO DE NUTRIÇÃO DA UNIVERSIDADE DO BRASIL, responsável, de agora em diante, pelo incentivo ao plantio de uma leguminosa que quando não mata, aleja...

NAS LIVRARIAS

(Continuação da pág. 10)

ginas. Mathew Josephson estuda paciente e inteligentemente a vida e a obra do grande poeta e romancista francês do século XIX, não esquecendo os seus amigos, as suas lutas íntimas e nem tampouco os seus erros e fracassos. O capítulo sobre a tração de Sainte-Beuve, o crítico, esclarece muita coisa do caráter cheio de pros e contras desse mestre da literatura francesa no que se relaciona com os ensaios literários. Depois de termos lido a completa biografia de Zola, não podemos deixar de ler a vida de Victor Hugo, biógrafo de Shakespeare, que representou um pedço da vida da própria França do romantismo.

"A Casa dos Mortos", romance de Edith Wharton

A escritora norte-americana Edith Wharton não é conhecida no Brasil. No entanto, a Livraria do Glóbo, que sempre tem apresentado magníficos romances na sua Coleção Nobel, acaba de lançar, numa tradução do jornalista Moacir Wernick de Castro, o seu romance "A Casa Mr. Chips", romance que fez épodos Mortos" que é obra clássica

nos Estados Unidos. Para se chamamos a atenção dos leitores de bons romances.

"Como Meu Pai os Via", de Elliot Roosevelt

O Instituto Progresso Editorial, S. A. de São Paulo, uma nova editora que se vem caracterizando pela seleção no lançamento de suas edições e pelo apuro na feição material de seus livros, lançou com grande sucesso o depoimento de Elliot Roosevelt, filho do Grande Presidente, sobre o pensamento íntimo de seu pai, Franklin Delano Roosevelt. Através de suas páginas, que foram referendadas pela companhia do maior cidadão do mundo, o leitor ficará ao par do verdadeiro pensamento de Roosevelt a respeito da guerra, da Churchill, de Stalin, de De Gaulle, Giraud e tantos outros homens públicos que ainda hoje continuam mandando no mundo.

A edição da IPF, em magnífico papel, foi rapidamente esgotada no Recife.

PROBLEMAS de BASE

Reportagem de Aderbal JUREMA

OS CIENTISTAS PERNAMBUCANOS TRABALHAM

Onde se fala dos alimentos do homem primitivo e da mucunã — Pesquisas e experiências no laboratório da Faculdade de Medicina — "A mucunã suja mata e lavada aleja" — "E" tóxica" — Concluem os professores O. Gonçalves de Lima e Nelson Chaves — Um convite cordial e experimental ao prof. Josué de Castro.

tóxica, não influi o seu alto teor proteico. Aliás, no meu livro em preparo, incluí um capítulo sobre os alimentos do homem primitivo. Por isso fui levado a estudar com Nelson Chaves a farinha da mucunã. E, pelas experiências que fizemos com ratos e pombo, concluímos, em comunicação oficial à Sociedade de Biologia de Pernambuco, pela toxicidade do produto".

UM POUQUINHO DE HISTÓRIA DA MUCUNÃ

Nas pastas do professor Lima, antes de entrarmos nas fichas com os resultados dos exames e das experiências, fomos descobrindo, e cotejando com as nossas, as suas anotações e leituras sobre a mucunã. Anotou o professor Lima que os índios Cariris, os mais antigos habitantes do Nordeste brasileiro, não usaram a mucunã como alimento. Nem Margrave assinalou a Dolichos mucuna entre os alimentos e nem mesmo chegou a identificar a planta. Barjeus, no seu diário, fala em atug, hoje identificado como "parreira-brava". Gabriel de Sousa, em 1587, porém, já escrevia dessa maneira: "Ao longo do mar da Bahia

As flores são roxas e amarelas, papilionáceas egargarejo cura as feridas da garganta". (Pg. 100, liv. cit.). E o professor Lima nos disse que sua assistente, a Jacirema Bandeira, conseguiu, em Caruarú, informações seguras de que ainda hoje o sertanejo usa o pó da semente de mucunã para se curar de velhas feridas, crônicas ou não.

PESQUISAS E EXPERIÊNCIAS NO LABORATÓRIO DA FACULDADE DE MEDICINA

Vamos agora fazer um relato puramente objetivo das pesquisas e experiências que os professores Lima, Chaves e o dr. Valdir Pessoa, assistente de Fisiologia da Faculdade de Medicina, realizaram no laboratório especializado da aquela escola.

1ª. experiência

9 ratos da mesma ninhada com a idade de 27 dias foram utilizados. Destes 9, 5 foram submetidos a uma ração especial, na qual a caseína foi substituída quantitativamente pelas proteínas da farinha de mucunã crua, de modo a proporcionar uma quota equivalente à aconselhada na dieta de Moura Campos. Quanto aos outros componentes da ração (carbo-hidratos, gorduras, etc.), foram suplementados à farinha de mucunã, de maneira a perfazer um total equivalente à dieta acima referida.

Os 4 ratos restantes, servindo de testemunhas da experiência, foram submetidos à dieta normal de Moura Campos.

Dieta com farinha de mucunã para os 5 ratos:

	Gramas
Farinha de mucunã	65,5
Amido	24,4
Manteiga	14
Mistura de O. Mendel	1,38
Ledvatura de cerveja	4
Óleo de fígado de bacalhau	2

Dieta de Moura Campos para os 4 ratos testemunhas:

	Gramas
Caseína comercial	20
Amido	55
Manteiga	15
Mistura de O. Mendel	4
Ledvatura de cerveja	4
Óleo de fígado de bacalhau	2

No dia 23 de junho de 1947 as duas equipes de ratos comeram, pela primeira vez, as suas respectivas dietas. Uma semana depois, alguns dos ratos submetidos à dieta com farinha de mucunã estavam diminuindo de peso e apresentando sinais de taquicardia, enquanto os ratos submetidos ao regime de Moura Campos ficavam robustos, demonstrando, pela vivacidade dos movimentos, muita saúde.

Vejam os, por exemplo, a ficha do rato n.º 1 submetido à dieta com farinha de mucunã:

"No dia 23-6-47 pesava 32 gramas. No dia 30-6-47 diminuiu para 29 gramas e no dia 11-7-47 estava com 23,5 gramas, apresentando sinais de abatimento geral, pelo ericado. No dia 13-7-47 faleceu".

"O n.º 2, no dia 23-6-47, pesava 29 gramas. No dia 5-8-47 faleceu, constatando-se notável diminuição de hemácias".

Os de n.º 3, 4 e 5 não tiveram melhor sorte.

(Continua na pág. 19)

ONDE SE FALA DOS ALIMENTOS DO HOMEM PRIMITIVO E DA MUCUNÃ

O professor Lima leva uma vida tão modesta, tão à margem da circulação bajulatória que poucos, muito poucos mesmo, sabem do seu valor como homem de ciência. Catedrático de Microbiologia e Tecnologia das Fermentações da Escola de Química de Pernambuco e professor da Escola Superior de Agricultura de Pernambuco, o ainda jovem químico pernambucano vem estudando silenciosamente o nosso homem primitivo. "Ecologia do homem primitivo" talvez seja o título de um livro que pretende publicar breve.

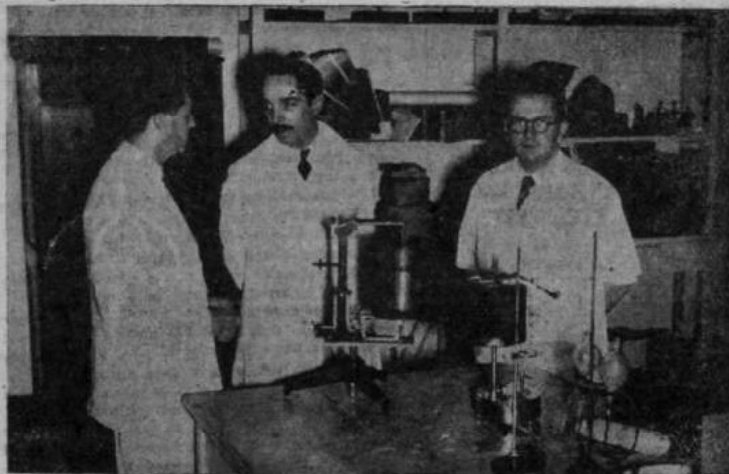
Foi no decorrer desses estudos e experiências, para fixar cientificamente os principais aspectos antropológicos do homem primitivo, que o professor Lima trabalhou em colaboração com o professor Nelson Chaves, catedrático de Fisiologia da Faculdade de Medicina da Universidade do Recife e conhecida e respeitada autoridade em assuntos de nutrição no Nordeste. Agora mesmo o professor Chaves está escrevendo uma série de trabalhos sobre "A sub-alimentação no Nordeste Brasileiro" para a "Revista Brasileira de Medicina Pública".

Quando abordamos o professor Lima a respeito dos chamados "alimentos bárbaros" do Nordeste, que poderiam resolver o problema da fome, problema que é hoje mundial, o homem foi logo direto ao assunto:

"O fato de um vegetal ter um alto teor de proteína, não significa que ele possua um alto valor biológico. No caso, do cálcio, por exemplo, ainda há acrescentar a sua assimilabilidade, às vezes muito comprometida por causas que não devem ser abordadas agora".

"Mas, professor, o Instituto de Nutrição da Universidade de Brasília, no tomo II, n.º 2 de seus "Arquivos", de fevereiro de 1947, publicou um trabalho assinado pelo professor Josué de Castro e outros onde se fala que a mucunã possui um teor de cálcio bem alto, sete vezes o do leite, o que reforça o valor nutritivo do produto", segundo eles mesmos afirmam. (Pág. 14 da ed. cit.). Acontece que fomos informados de que o sr. nega, pela base, as qualidades nutritivas da mucunã. E então?"

"Não é bem isso — respondeu-nos o professor Lima — a mucunã é tóxica! E, sendo



No Laboratório de Fisiologia da Faculdade de Medicina: O prof. Nelson Chaves (à direita), da Faculdade de Medicina da Universidade do Recife, e o prof. O. Gonçalves de Lima (ao centro), da Escola de Química, afirmam ao prof. Aderbal Jurema (à esquerda), da Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife, que a mucunã é tóxica

nascem umas árvores que tem um pé como patas, as quais atrepan por outras árvores grandes por onde lançam muitos ramos como vides, as quais se chamam mucunas, cujo fruto são umas favas redondas e alongadas na cor, e do tamanho de um tostão, as quais tem um círculo preto, e na cabeça um olho branco: Estas favas para comer são peçonhentas mas têm grande virtude, para curar com elas feridas velhas, desta maneira. Depois de serem estas favas bem secas, hão-se de pizar muito bem, e cobrir as chagas com os pós delas, as quais comem todo o câncer e a carne podre".

A descrição, embora rudimentar, de Gabriel de Sousa, anotada pelo professor Lima, não deixa a menor dúvida de que se trata da *Mucuna urens* ou *Dolichos mucuna* de que nos fala Rodolpho Theophilo no seu livro "Secca do Ceará", edição da Tipografia do Libertador, Fortaleza, 1883. Na página cem e seguintes o grande pesquisador cearense assim caracterizou-a: "A mucunã pertence à família das leguminosas. É planta trepadeira e vegeta em todos os terrenos.

Explicou-me o professor Lima que se trata de uma outra espécie, a chamada *Mucuna altissima* classificada por Hoehn.

Um naturalista mais recente, o inglês George Gardner que viajou pelas províncias do norte de 1836 a 1841, no seu livro "Viagens no Brasil", edição traduzida da Cia. Editora Nacional, não registou nem uma só vez a mucunã. Coisa estranhável nele que anotou a favela, "uma espécie arborecente de *Jatropha*, de pequenas flores brancas e folhas sinuadas, semelhantes às do azevinho, apenas maiores", e a *manicoba*, "uma pequena árvore de dez a vinte pés de altura, cujas raízes, muito mais lenhosas que as da mandioca, são convertidas em farinha nos tempos de fome". (Pg. 187).

Sobre as qualidades terapêuticas do pó da semente de mucunã para curar feridas, mencionadas por Gabriel de Sousa no trecho acima transcrito, Rodolpho Theophilo, citando no seu livro o dr. Mello Moraes, autor de uma "Botânica Brasileira", transcreve, entre outros, o seguinte trecho: "O cozimento da raiz tomado em



O rato menor, n.º 2, comeu farinha de mucunã. O maior, n.º 7, comeu a dieta de Moura Campos. O n.º 2 não cresceu e morreu entoxicado. O n.º 7 está robusto e vivo.



Fotografia do rato n.º 1, vítima da experiência com a farinha de mucunã. Observe-se o pêlo ericado e o aspecto raquítico. No entanto, o Instituto de Nutrição do Brasil afirma que a mucunã é inócua.

Os ratos testemunhas nos 7, 8 e 9, ficaram saudáveis, robustos e desenvolvidos, enquanto assistiam o sacrifício de seus irmãos que morreram comendo a farinha de mucunã.

